



# $\Sigma$ th $\phi$ s & $\Sigma$ piste $\phi$ e

Revista de Ciências Humanas e Sociais da FSDB  
Julho-Dezembro 2013

<b>EDITORIAL .....</b>	<b>03</b>
<b>ARTIGOS .....</b>	<b>05</b>
<b>O TRABALHO DO APRENDIZ: BREVE ANÁLISE DOS REFLEXOS DA INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO .....</b>	<b>06</b>
Jaqueline Paz de Souza Ferraz, James Magalhães Sato	
<b>IMRE LAKATOS E A EPISTEMOLOGIA DOS PROGRAMAS DE PESQUISA CIENTÍFICA .....</b>	<b>24</b>
Célia Sandra Carvalho de Albuquerque	
<b>A BUSCA PELO CONHECIMENTO SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....</b>	<b>37</b>
Lucinete Gadelha da Costa	
<b>FÍSICAY FILOSOFÍA, RELACIÓN INTERDISCIPLINARIA; UNA PERSPECTIVA DESDE ALGUNOS CONTENIDOS DOCENTES DE LA ENSEÑANZA EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR.....</b>	<b>47</b>
Ligio Ángel Barrera Kahli, Milagros de los D. Rosario Espinosa	
<b>EL IMPACTO DE LA CAPACITACIÓN EN EQUIPOS: UNA EXPERIENCIA METODOLÓGICA EN LA FORMACIÓN DE DIRECTIVOS.....</b>	<b>57</b>
María de los Ángeles Linares Borrell	
<b>A DESORGANIZAÇÃO URBANA NA ÁREA COMERCIAL DO BAIRRO SÃO JOSÉ OPERÁRIO I, ZONA LESTE DE MANAUS .....</b>	<b>68</b>
Andréia da Silva Ribeiro, Núbia Briglia Figueira	
<b>ESTUDO DAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DOS VOLUNTÁRIOS DE UMA ONG: UMA REFLEXÃO PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO .....</b>	<b>79</b>
Eliane Chaves Pontes Brito, James Magalhães Sato	
<b>ENFOQUES EPISTEMOLÓGICOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>95</b>
Eduardo Segura, Wanilce Pimentel, Josefina Barrera	
<b>RELATO DE EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>104</b>
<b>FANFARRAS: UMA GESTÃO PARTICIPATIVA.....</b>	<b>105</b>
Oromides Rezende de Souza Junior, Neylanne Aracelli de Almeida Pimenta	
<b>RESENHA .....</b>	<b>110</b>
<b>CONFLITOS DE CLASSE SOCIAIS NA INGLATERRA NO SÉCULO XX BASEADO NA OBRA CINEMATOGRAFICA HOWARDS END.....</b>	<b>111</b>
Alexandre de Menezes Aguiar	



## EDITORIAL

Mais uma edição da revista da Faculdade Salesiana Dom Bosco chega às suas mãos, prezado leitor. E essa edição sai em ocasião dos inícios das comemorações do centenário da presença salesiana na Amazônia. Em 1915 os primeiros missionários da Congregação Salesiana, escolhidos entre os salesianos que já operavam em outras regiões do país, de modo especial no Mato Grosso e em Pernambuco, chegaram às margens da vila de São Gabriel da Cachoeira, no alto Rio Negro, do Estado do Amazonas, para iniciar uma nova presença da Igreja católica entre os povos indígenas. Em poucos anos foi tomando forma um estilo de evangelização unido à preocupação pelo desenvolvimento humano e social: em cada missão (que até à década de 1950 tinha se multiplicado em mais de 10 presenças estáveis), além da igreja, nunca faltaram à escola e o hospital. E em centenas de povoados e malocas a atuação dos catequistas indígenas garantia a continuidade da evangelização como também o começo da alfabetização.

Enquanto isso, em outros estados da Amazônia, como no Pará (Belém e Ananindeua) e em todo Território federal de Rondônia, foi se espalhando e consolidando a presença dos religiosos salesianos com missões e escolas. E em Manaus, já em 1921, surgiu o Colégio Dom Bosco, primeira expressão de uma profunda e frutífera parceria com a sociedade manauara e a Igreja local, que originou a criação de paróquias, obras sociais, oratórios, o segundo Colégio Dom Bosco e dez anos atrás a fundação da Faculdade, agora com duas unidades.

Coincidentemente esta edição da Ethos e Episteme trata de alguns assuntos caros ao sistema pedagógico e ao estilo de educar dos salesianos.

Refiro-me de modo especial aos trabalhos sobre os aprendizes, a formação dos professores no campo, a capacitação em equipe, o trabalho dos voluntários em ONGs, como também o trabalho de pesquisa no bairro de S. José Operário, onde é marcante a presença salesiana com paróquia, obra social, escola e ensino superior.

De fato, o artigo que trata de “O trabalho do aprendiz: breve análise dos reflexos da inserção do jovem no mercado de trabalho”, de autoria de Jaqueline Paz de Souza Ferra e James Magalhães Sato, nos introduz na problemática do jovem aprendiz e nos faz lembrar o grande aporte que a obra salesiana “O Pró-menor Dom Bosco” do bairro da Alvorada em Manaus está dando na profissionalização e formação humana desses

adolescentes e jovens, nas próprias instalações e em parceria com empresas do Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus, desde o início da década de 1980.

A Dra. Lucinete Gadelha da Costa, já colaboradora dos inícios do Pró-menor Dom Bosco, apresenta seu trabalho de pesquisa sobre a formação dos professores que atuam no campo, num contexto que lembra a preocupação do nosso fundador Dom Bosco para o aprimoramento humano e social do povo das periferias e dos interiores.

De Cuba nos chega um estudo sobre a capacitação em grupo, da Profa. Maria dos Anjos Linares Borrel, apresentando indicadores para uma aprendizagem proativa. Sem dúvida, uma metodologia moderna, mas que não está longe do estilo salesiano de educar, que privilegia o grupo e o associacionismo como lugar de crescimento humano, intelectual e moral das crianças e dos jovens.

Outro assunto muito caro à tradição salesiana é a contribuição de voluntários em algumas obras, de modo especial no setor da assistência social. A pesquisa realizada por Eliane Chaves Pontes Brito e James Magalhães Sato nos faz refletir sobre as motivações para este tipo de trabalho desenvolvido numa ONG de Manaus.

Andréia da Silva Ribeiro e Núbia Briglia Figueira analisaram a problemática devida ao desenvolvimento comercial no bairro São José Operário I, na zona leste de Manaus. Embora seja um estudo sobre uma temática bastante pontual, não podemos esquecer que a unidade leste da Faculdade Salesiana Dom Bosco, inaugurada em 2013 como última expressão da ação social, educativa e pastoral dos salesianos naquela região desde 1980, é uma resposta aos desafios apresentados pelo desenvolvimento demográfico, social e econômico do S. José I.

Por fim, não posso não considerar uma feliz coincidência a inclusão no final desta edição uma pequena pesquisa sobre Fanfarras: um tema que nos reporta à valorização da música, do canto, do teatro, da arte em geral, e depois do esporte e do lazer, na pedagogia de Dom Bosco. Como não lembrar as gloriosas fanfarras das nossas escolas que no passado não muito longe abrilhantavam os desfiles escolares e podiam competir de igual com as melhores fanfarras das escolas governamentais? Hoje privilegiamos outras expressões artísticas e culturais. Mas essa dimensão foi e continua sendo fundamental no trabalho educativo dos salesianos espalhados em mais de vinte obras na imensa Amazônia, após um século de história.

Pe. Gennaro Tesouro  
*Diretor administrativo da FSDB*

ARTIGOS





## O TRABALHO DO APRENDIZ: BREVE ANÁLISE DOS REFLEXOS DA INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO

Jaqueline Paz de Souza Ferraz<sup>1</sup> James Magalhães Sato<sup>2</sup>

(Recebido em 02/08/2013; Aceito em 20/10/2013)

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a inserção do trabalho do jovem aprendiz no mercado de trabalho atualmente e reflexos tanto para a empresa que o acolhe, como para o adolescente que participa deste processo de aprendizagem, uma vez que este é um dos principais passos para a garantia de uma vida adulta e promissora hoje. O emprego não só permite a esses jovens a independência financeira, como também contribui com seu processo de independência social e emocional, este é certamente um momento muito especial para o jovem, pois será um período de reconhecimentos de habilidades que contribuiram para o desenvolvimento de papéis adultos há serem desempenhados num futuro bem próximo. No decorrer do trabalho foi descrito e conceituado alguns subitens que permeiam a temática abordada, como Trabalho Infantil, Contrato de Aprendizagem. Os principais autores base utilizados foram, Leite (2001), Priore (2006) e o Manual da aprendizagem do Ministério do Trabalho e Emprego. Este trabalho é resultado de uma pesquisa em campo, de natureza quali-quantitativa, e como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário com perguntas fechadas. O mercado de trabalho está bastante competitivo nos dias atuais e os jovens também buscam se inserir, ser reconhecidos e ter satisfação no que desenvolvem. A pesquisa realizada afirmou que o perfil de muitos jovens se assemelha justamente pelo anseio de crescimento, de maior capacitação e ascensão na organização em que trabalham, e que tanto o gestor como a administração geral da organização tem papel fundamental para que isso se realize.

**Palavras-chave:** Jovem Aprendiz; Contrato de Trabalho; Organização.

<sup>1</sup> Faculdade Salesiana Dom Bosco. Graduada em Serviço Social. Aluna, turma de 2012, Curso de Pós Graduação em Gestão de Pessoas. E-mail: jaqueline\_ferraz2007@ig.com.br

<sup>2</sup> Faculdade Salesiana Dom Bosco. Mestre em Economia pela Universidade Católica de Brasília e professor do curso de Especialização em Gestão de Pessoas. E-mail: sato.adm@hotmail.com

## ABSTRACT

This article is relevant to analyze the insertion of the young apprentice working in the labor market today and reflexes for both the company that hosts, as for the teenager who participates in this learning process, since this is a major step for the guarantee of adulthood and promising today. It is worth noting that employment enables these young people to financial independence, as well as contributes to the process of social and emotional independence, this is certainly a very special moment for the young, it will be a period of recognition of skills that contributed to the development of roles adults is being performed in the near future. During the work described and conceptualized some sub themes that permeate addressed as Child Labor, Learning Contract, The main authors used were based, Milk (2001), Priore (2006) Handbook of learning and the Ministry of Labour and Employment. This work is the result of research in the field of qualitative- quantitative nature, and as an instrument for data collection was a questionnaire with closed questions. The job market is very competitive these days and young people will seek to enter, be recognized and have the satisfaction that develop. The survey said that the profile of many young resemble exactly the yearning for growth, greater empowerment and advancement in the organization in which they work, and that both the manager and general management of the organization has key role in accomplishing this.

**Keywords:** Publication; Young Apprentice; Contract Labour Organization.

## INTRODUÇÃO

O trabalho está presente na vida do ser humano desde os primórdios da humanidade e com ele desenvolveu-se uma relação de amor e ódio, uma vez que, ao mesmo tempo, ele proporciona a satisfação pessoal, social e financeira, também desgasta e expropria o vigor do homem seja ele intelectual ou físico.

Atualmente vivemos em uma sociedade que tem como primazia um sistema econômico capitalista, onde este tem em seu âmago o lucro, colocando o homem como fator secundário, como peça substituível conforme as necessidades do capital. Por isso a relevância de se ter uma mão de obra nova e qualificada, que esteja em constante desenvolvimento para que possa acompanhar as novas demandas que irão surgindo, conforme esse contexto globalizado do qual todos fazem parte.

Dai a importância de se incentivar os jovens a uma formação profissional continuada para que estes possam garantir através da qualificação profissional sua permanência no mercado de trabalho, pois esta constantemente requer uma nova demanda por profissionais qualificados e aptos a trabalhar em um ambiente voraz e competitivo.

Portanto, tais fatos contribuíram para uma problemática: Como está sendo feita a inserção dos jovens aprendizes no mercado de trabalho no cenário atual, onde através dos objetivos específicos buscou-se identificar a lei que rege este tipo de contrato de aprendizagem e analisar os reflexos positivos ou negativos dessa relação de aprendizagem entre os jovens e a organização, uma vez que é importante perceber o que essa relação pode produzir no ambiente de trabalho, pois colaboradores desmotivados sejam eles individualmente ou em equipe, causam diversos problemas dentro de uma organização.

Os procedimentos metodológicos que embasaram a construção deste trabalho foi pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A metodologia do trabalho foi através da aplicação de questionários com jovens que estão inseridos no Programa de Aprendizagem em uma empresa do ramo de cabos e fios do Polo Industrial de Manaus (PIM).

O desenvolvimento deste artigo é relevante no sentido de buscar evidenciar como está sendo vivenciada a dinâmica do trabalho e relação de aprendizagem entre os jovens e a organização da qual estão inseridos, para além, busca através da pesquisa de campo e da exposição de autores que abordam a temática escolhida, esclarecer e enriquecer o campo acadêmico com os resultados obtidos.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A História do Trabalho Infantil: Um Breve Histórico**

Para iniciarmos o entendimento a cerca da inserção do trabalho do jovem aprendiz no mercado de trabalho e seus reflexos, tanto para ele próprio como ser humano em desenvolvimento como também para a organização da qual ele está inserido, faz-se necessário remeter-se a trajetória do trabalho infantil ao longo dos tempos.

Até meados do século XII Ariès (1981) destaca que se desconhecia totalmente o conceito de infância que temos atualmente, pois apenas o tamanho das crianças distinguia-os dos adultos, e a infância era tida como um período transitório cuja lembrança logo era perdida, já que eram altos os índices de morte prematura e não fazia sentido guardá-las na lembrança, uma vez que logo está era substituída, e essa concepção fez parte na vida das pessoas por longos tempos. Neste período, as crianças conviviam diariamente junto aos adultos e a transmissão do conhecimento destinado a elas era feita pela participação familiar na vida dos adultos. Somente a partir dos sete anos de idade é que estas crianças eram enviadas para casa de terceiros, onde lá iriam desenvolver atividades domésticas como aprendizes, ou seja, o serviço doméstico naquele período era confundido com a educação.

No século XVIII com o advento da Revolução Industrial e o seu grande salto tecnológico, foram visíveis as profundas transformações na vida do trabalhador, pois este que vivia da terra e do seu trabalho braçal, agora se viu obrigado a migrar da zona rural para as cidades, e conseqüentemente produzindo enormes aglomerados urbanos cercados por inúmeras pessoas vivendo na absoluta pobreza, e que acabou tornando-se lugar propício a exploração do trabalho infantil-juvenil.

Nota-se que esse período marcou a história social da criança e de muitos adolescentes, uma vez que estes agora tinham que trabalhar mais de 18 horas por dia, sem quaisquer direitos de proteção nas fábricas, sendo vítima de mutilações decorrentes de acidente de trabalho, recebendo como forma de pagamento um ínfimo salário, que no final era entregue aos seus pais que viam esse trabalho como um aumento na renda familiar.

No Brasil observa-se que a percepção da infância não ocorreu muito diferente de outros tempos. No período colonial, o modo de escolha de escravos adultos era também utilizado para as crianças, e mesmo sem qualificações estas eram obrigadas a desempenhar tais funções como se o fossem, observa-se que neste período o aprendiz da criança escrava refletia diretamente no preço que o mercado de trabalho estipulava, e quanto

menor era a criança, menor também era o valor a se pagar por ela, tendo em vista que esta era também mais sucessível à mortalidade infantil, “mas ao se iniciar no servir, lavar, passar, engomar, remendar roupas, preparar sapatos, trabalhar em madeira, pastorear e mesmo em tarefas próprias do eito, o preço crescia”. (PRIORE, 2006, p.184). Nota-se que conforme esta criança ou adolescente adquiria habilidades para um novo ofício este se tornava mais cobiçado por seus senhores e, dessa forma, os preços obedeciam esta sazonalidade do conhecimento.

No século XVIII, foram também criadas no país as casas que ficaram conhecidas como a “Roda dos Expostos” e/ ou “A Casa da Roda”, que eram mantidas pela Santa Casa de Misericórdia e que foram por muito tempo sinônimo de lugar das crianças órfãs, abandonadas e rejeitadas pela família. Nessas casas era comum a prática de enviá-las para o trabalho, quer como elemento de formação, quer como forma de custear suas próprias despesas, contudo com a grande demanda estas instituições filantrópicas tornaram-se insuficientes para atender estes jovens.

Assim, existiam apenas duas alternativas: o encaminhamento à Escola de Aprendizes de Marinheiros, ou a entrega para artesãos e artífices para aprenderem uma profissão, pagando sua manutenção através do seu próprio trabalho.

Podemos notar que a educação elementar – a alfabetização dos internos – não representava uma preocupação institucional significativa [...], a educação moral ou capacitação profissional era voltada para ofícios que não exigiam a alfabetização para ser exercida, como os de empregada doméstica, costureira, lavadeira, etc. (LEITE, 2001, p.19)

Somente com a Proclamação da República (1889), é que se iniciou um novo projeto de nação com vistas a uma nova ordem política, onde o trabalho passou a ser visto com um novo olhar. A ideia de que o trabalho é a fonte de riqueza do homem não se desenvolveu de forma igualitária, uma vez que existia uma grande diversidade cultural e social como índios e negros que não tinham preparação para as regras do mercado de trabalho.

Neste contexto observa-se que a preocupação com a preparação do jovem continua no anonimato, visto que a história revela que as ações do Estado continuavam voltadas exclusivamente para o mercado de trabalho, visando a mão de obra direcionada para o lucro.

A família pobre tornava-se também alvo da política social, seguindo os preceitos oriundos da Europa. Para organizar os habitantes das cidades dentro dos padrões “de bons costumes”, era preciso que as famílias estivessem estruturadas de modo a incentivar os valores necessários para a formação dos trabalhadores, como a assiduidade, a responsabilidade, a obediência (LEITE, 2001, p.30)

Sobre estas transformações no seio familiar Babosa (2006) diz que:

Enquanto as ações estatais traduziam uma natureza assistencial e compensatória para tornar digna à pobreza, as ações da iniciativa privada apresentavam uma preocupação com a formação para o trabalho artesanal, mas que também legitimaria a dignidade da pobreza. Assim, inicia-se a formação profissional como política pública que traduzia, em muitas análises, uma perspectiva moralizadora do caráter pelo trabalho. (BARBOSA, 2006, p. 37 apud MANFRED, 2002, p.76-78)

Observa-se, através das falas das autoras que a educação para o trabalho no Brasil por muitos anos esteve direcionada para a formação de mão de obra e para a família pauperizada com intuito de corrigir uma preocupação por parte dos governantes que acreditavam que por serem pobres esses jovens tinham a grande possibilidade de se tornarem perigosos e criminosos se vivessem no ócio e portanto deveriam ser incentivadas ao trabalho.

Fatos que podem ser observados através das leis que foram promulgadas no decorrer desses períodos e que visavam combater essas problemáticas como pode ser visto através da tabela a seguir:

Lei	Ano	Nomenclatura	
Decreto 17.943-A	Outubro de 1927	Código de Mello Mattos	Foi o primeiro código brasileiro para assistência e proteção à Infância e Adolescência que confere amplos poderes ao Juiz em estabelecer intervenções no âmbito familiar; Este fez algumas medidas de regulamentação do trabalho infantil; As crianças e os jovens são denominados como sendo expostas, vadias, mendigas.
6.697/79	Outubro de 1979	Código de Menores	Doutrina do Menor em “situação irregular” e que são objetos de medidas judiciais; As crianças e Adolescentes são denominados carentes abandonados e infratores;
8.069/90	Julho de 1990	Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA	Um marco na legislação Infanto-Juvenil; Tem-se uma nova atitude para com a criança e o adolescente. Estes são vistos como sujeito de direitos e que devem receber proteção integral sem discriminação.

Fonte: elaborado pela autora (2013)

O Decreto nº 17.943-A conhecido como o Código de Mello Mattos foi elaborado com o intuito de controlar a infância abandonada. Esta através dos seus artigos proibia o trabalho aos menores de 12 anos, contudo não lhes protegia, uma vez que ainda era possível a contratação desta mão de obra caso fosse indispensável para a subsistência da família.

Na Lei n 6.697 conhecida como Código de Menores a situação dos jovens ficou mais precária, pois esta tinha caráter discriminatório e associava a pobreza à “delinquência”, encobrendo as reais causas das dificuldades vividas por esses jovens. Neste período os jovens de baixa renda eram considerados inferiores e deveriam ser tuteladas pelo Estado que tinha como verídico o fato de que os mais pobres tinham um comportamento

desviante e por isso era aceitável o uso dos aparelhos repressivos como instrumentos de controle pelo Estado, onde a profissionalização do menor era obrigatória nos centros de permanência como punição.

Essa visão só sofreu alterações após diversas Convenções e Declarações envolvendo o Direito da Criança e Adolescente a nível mundial, e com a criação da nova Constituição Federal de 1988, onde se institui os deveres com a criança e o adolescente.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Art.227, CF)

Tais fatos culminaram com um reordenamento jurídico que se concretizou através da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, conhecida como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é um grande avanço na garantia de direitos desses jovens, pois proporcionou um tratamento alinhado ao princípio da proteção integral.

O ECA veio garantir a todos os adolescentes o direito ao acesso à escola e a uma profissionalização destacando que suas atividades laborais devem ser compatíveis com o seu desenvolvimento, portanto proibindo deste modo qualquer trabalho os menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

Atualmente, o jovem aprendiz que se inserir em algum tipo de processo de aprendizagem empresarial estará protegido com todos os seus direitos resguardados, rompendo-se, deste modo e definitivamente, o chamado trabalho assistencial que perdurou no Brasil por décadas.

Portanto, percebe-se historicamente que não existia a figura do jovem aprendiz como se vê atualmente, uma vez que este adolescente era submetido a trabalhos árduos comparando-se a qualquer adulto da época.

## **2.2 A Inserção do Jovem Aprendiz Atualmente**

Na contemporaneidade a inserção do jovem no mercado de trabalho não está diferente dos tempos anteriores, uma vez que ainda encontramos jovens trabalhando de forma precarizada. O diferencial que se tem hoje é a existência de uma lei que vem resguardar o direito a educação e a profissionalização e, por conseguinte resguardar uma gama de garantia de direitos conforme todo trabalhador assalariado.

Observa-se que atualmente o trabalho de inúmeros jovens proporciona o aumento do orçamento familiar de uma família já pauperizada, e superar tais barreiras se torna cada vez mais difícil nesta sociedade desigual, pois requer melhores condições de distribuição de renda e melhores condições de educação, fator este de grande relevância para a transformação da realidade controversa e difícil de vários jovens brasileiros.

De acordo com a Revista Isto é (2005) em um levantamento feito com a juventude e suas diversidades e desafios no mercado de trabalho observou-se que os jovens já iniciam uma relação tensa com o mercado de trabalho, que cada vez mais se torna exigente e competitivo. E estes ao iniciarem a vida profissional já estão assombrados

pelos altos índices de desemprego e inseguros, pois é grande o número de jovens que não apresentam experiência, e que se encontram despreparados para as funções requisitadas pelo mercado de trabalho atual. Quando este recorte é feito por classe social, o índice se torna mais alarmante, pois grande parte desses jovens apresenta baixa escolaridade.

Esses fatos podem ser verificados de acordo com SEVERO (2009) através do modelo de educação vigente que se transformou no monopólio de uma elite que reproduz as desigualdades e estabelece a exclusão de inúmeros jovens, pois o acesso ao lazer, à cultura e à educação está intrinsecamente ligado a alguma forma de recurso financeiro, portanto excluindo-os mesmo quando estes apresentam tempo livre para desenvolvê-los.

O sistema educacional que deveria formar o jovem dentre outras possibilidades, também para o mercado de trabalho, mas que contribui para sua exclusão pois a escola ainda não incluiu as novas tecnologias, que para os jovens é parte de seu dia a dia. (SAVERO, 2009, p.3)

Nota-se, portanto que a formação técnica do jovem amplia a sua inserção no mercado de trabalho, uma vez que este se expropria de conhecimentos e habilidades que o tornam mais promissor perante as organizações que buscam por novos aliados e que possam se destacar cada vez mais nesse mercado voraz e competitivo.

Muitos jovens atribuem o sucesso profissional ao grau de escolarização e associam o estudo e o trabalho como meio de assegurar uma melhor qualificação profissional e melhores condições de vida. Percebe-se que a escola é concebida como o local do saber, um elemento facilitador da ascensão social, seja da garantia de um bom emprego ou simplesmente possibilitar ser alguém na vida. (SOUZA, 2009, p.44)

Observa-se que no geral, as empresas que se dispõem a desenvolver programas de aprendizagem procuram focar na realidade da organização e, portanto, são bastante exigentes no processo de seleção, pois procuram jovens com vista à efetivação. E normalmente essas seleções são feitas pela própria empresa através de programas que visam esta relação de aprendizagem, ou através de parcerias com escolas profissionalizantes, onde se busca sempre captar jovens mais habilidosos e preparados para contribuir com o bom andamento da organização.

### **2.3 O Contrato de Trabalho do Jovem Aprendiz e a Organização**

O contrato do Jovem Aprendiz tem como premissas a lei 10.097/00 conhecida como Lei da Aprendizagem de 19 de Dezembro de 2000, esta vem garantir ao jovem de 14 anos até aos 24 anos de idade a oportunidade de inserção no mercado de trabalho, assim como proporcionar o seu desenvolvimento e habilidades em diversas áreas.

Este tipo de contrato é especial devido as suas peculiaridades e deve ser feito por escrito com prazo determinado, com uma duração máxima de até dois anos, onde o empregador se compromete através desse referido contrato assegurar ao jovem aprendiz uma aprendizagem compatível com seu desenvolvimento físico, moral e psicológico. O

jovem aprendiz, por sua vez, deve se comprometer a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias às quais lhe foram designadas conforme o curso do aprendizado do qual está desenvolvendo a prática.

Neste contrato deverá conter a assinatura do responsável legal deste adolescente ou do próprio empregado, quando este for maior de 18 anos, pois o contrato do aprendiz tem como base a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) vigente, ou seja, ele tem o registro na Carteira Trabalho e Previdência Social - CTPS, com os respectivos encargos e benefícios. Um jovem entre 14 e 16 anos só pode ser contratado como aprendiz, não existindo outro modelo legal de contratação.

A empresa devesa descrever no contrato o curso, a jornada diária e semanal, a definição da quantidade de horas teóricas e práticas, a remuneração mensal, e o termo inicial e final do contrato, que devem coincidir com o início e término do curso de aprendizagem, previstos no respectivo programa de aprendizagem desenvolvido em parceria com entidades qualificadas para esse fim.

Este contrato de aprendizagem pode ser extinto conforme o Art. 433 da CLT quando o jovem aprendiz completar 24 (vinte e quatro anos), ou ainda antecipadamente nas seguintes hipóteses:

- I. desempenho insuficiente ou inadaptação do aprendiz;
- II. falta disciplinar grave;
- III. ausência injustificada à escola que implique perda do ano letivo;
- IV. a pedido do aprendiz.

Ao jovem aprendiz é garantido o direito ao salário mínimo-hora, observando-se caso exista o piso salarial, e as horas destinadas às atividades teóricas deverão ser computadas assim como as horas destinadas às aulas práticas, o descanso semanal remunerado e feriados ao salário. Em relação à jornada de trabalho do jovem aprendiz está deve ser de no máximo 06 (seis) horas diárias, para aqueles que ainda não concluíram o ensino fundamental, sendo que devem ser computadas as horas destinadas às atividades teóricas e práticas, e de 08 (oito) horas diárias no máximo, para aqueles que já concluíram o ensino fundamental, computando-se também as horas destinadas às atividades teóricas e práticas, ficando claro que não há possibilidade uma jornada diária de 08 horas somente com atividade prática.

Outras características no contrato de trabalho de jovens aprendizes segundo a CLT:

- O trabalho do jovem aprendiz não poderá ser realizado em locais prejudiciais à sua formação, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e em horários e locais que não permitam a frequência à escola;
- É proibido o de trabalho no horário das 22:00 às 05:00 (considerado como horário noturno) para menores de 18 anos;
- É lícito ao menor firmar recibos de pagamentos dos salários, mas a rescisão de contrato de trabalho e vedado ao menor de 18 anos que deverá ter a representação dos pais ou responsáveis legais durante o recebimento da indenização que lhe for devida (art. 439 CLT);
- O jovem aprendiz contratado possui direito a 13º salário e a todos os benefícios concedidos aos demais empregados;

- Suas férias devem coincidir com o período de férias escolares;
- O afastamento do jovem aprendiz em virtude das exigências do serviço militar não constitui causa para rescisão do contrato de aprendiz, podendo as partes acordar se o respectivo tempo de afastamento será computado na contagem do prazo restante para o término do contrato (art. 472, caput e § 2º, da CLT), cabendo à empresa recolher o FGTS durante o período de afastamento;
- Não será permitido o trabalho de jovens aprendizes em locais e serviços perigosos ou insalubres e em locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, art. 405 CLT;
- A idade máxima no contrato de aprendizagem não se aplica a aprendizes com deficiência.

A contratação de jovens aprendizes é obrigatória por lei conforme CLT onde estabelecimentos de qualquer natureza devem contratar estes jovens e caso a empresa venha descumprir a esta obrigatoriedade, poderá ser multada.

Os estabelecimentos de qualquer natureza são obrigados a empregar e matricular nos cursos dos Serviços Nacionais de Aprendizagem número de aprendizes equivalente a cinco por cento, no mínimo, e quinze por cento, no máximo, dos trabalhadores existentes em cada estabelecimento, cujas funções demandem formação profissional. (Art. 429 da CLT).

É importante destacar que é facultativa a contratação de aprendizes por microempresas, empresas de pequeno porte e entidades sem fins lucrativos que tenham por objetivo a educação profissional. Mas vale frisar que este processo de aprendizagem cria oportunidades tanto para o jovem aprendiz que participa deste programa de aprendizagem, quanto para as empresas que o acolhem, uma vez que prepara o jovem para desempenhar atividades profissionais e proporciona o amadurecimento destes para lidar com diferentes situações relacionadas ao mundo do trabalho do qual este também farão parte, e permite também às empresas formarem uma mão-de obra qualificada, ágil e necessária em um cenário econômico, globalizado e em permanente evolução tecnológica.

A aprendizagem implica teoria e prática compatíveis com o desenvolvimento físico, psíquico moral e social do adolescente, exigindo atividades metodicamente organizadas em tarefas de complexidade progressiva desenvolvidas no ambiente do trabalho. A alternância de atividades práticas e teóricas é elemento fundamental de toda aprendizagem, desde que previamente programadas e obedecendo a uma passagem do menos complexo para o mais complexo, em ambiente adequado, sob a responsabilidade de uma entidade qualificada em formação técnico profissional metódica. Cabe ao programa de aprendizagem pré-fixar o tempo da alternância, ou seja, o dedicado ao trabalho na empresa e o reservado para atividades teóricas em “centro de formação”. (OLIVEIRA, 2009)

Um fator de destaque para as empresas que participam deste tipo de programa é que ao contratar jovens que já fizeram ou fazem parte deste tipo de programa de aprendizagem, não terão dúvidas na hora de contratar este profissional qualificado e ‘compromissado’, e isso só é possível pelo simples fato de o jovem ter plena consciência

de que a empresa que o acolhe hoje participou decisivamente na sua formação e, portanto, ele estará pronto para retribuir com seu esforço e dedicação.

Por fim, é importante citar a questão da responsabilidade social das empresas, e a imagem que esta reflete perante a sociedade ao desvelar a preocupação com o futuro dos jovens ao veicular a importância da criação de programas destinados à aprendizagem de jovens e a qualificação profissional no cenário atual, pois se observa que muitas organizações querem colaborar diretamente com esse processo para a melhoria das condições de vida das comunidades em que estão inseridas, e este tipo de programa de aprendizagem pode muito bem se encaixar como uma de suas ações.

## **2.4 Procedimentos Metodológicos**

### *2.4.1 Quanto ao método de abordagem*

O método utilizado para o embasamento deste trabalho é o dialético, que segundo Severino (2007, p.116) “vê a reciprocidade sujeito/objeto eminentemente como uma interação social que vai se formando ao longo do tempo histórico”.

### *2.4.2 Quanto à forma de abordagem*

A forma de abordagem utilizada foi de natureza quali-quantitativa, ou seja, ela é quantitativa pois apura opiniões, informações e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados feitas através da aplicação de questionários para posteriormente através desses mesmos dados obter-se a análise dos dados. E também qualitativa tendo em vista que “trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo nas relações, dos processos e dos fenômenos” (MINAYO, 2003, p.21-22).

### *2.4.3 Quanto à natureza das fontes utilizadas*

E os procedimentos metodológicos que basearam a sua construção foram pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica contou com a leitura de fontes como: livros e publicações realizadas via sites eletrônicos de caráter científicos, bem como revistas e publicações periódicas sobre a temática ora abordada, com o intuito de obter melhor compreensão do tema proposto, e a pesquisa de campo foi realizada em uma empresa do Polo Industrial de Manaus, onde através de questionários buscou-se está próximo da realidade dos jovens aprendizes da referida organização, pois “a coleta de dados é feita em seu ambiente próprio” (SEVERINO, 2007, p.123).

### *2.4.4 População e amostra*

De acordo com Marconi e Lakatos (2005, p.223) “a população é um conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum”,

e a amostra “é uma porção ou parcela, convenientemente selecionada do universo (população). Desse modo a população desta pesquisa é composta por quinze jovens que participam do programa de aprendizagem de uma empresa do Polo Industrial de Manaus em maio de 2013. E a amostra é composta por sete desses jovens aprendizes.

#### 2.4.5 Coleta e análise de dados

A técnica utilizada para coleta de informações foi um questionário que pode ser descrito como “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito na presença do pesquisador” (MARCONI & LAKATOS, 2009, p.184), onde após a tabulação das informações obtidas contribuiu para a análise de como está sendo vivenciada a relação de aprendizagem entre os jovens e a referida organização.

### 2.5 Análises dos Resultados

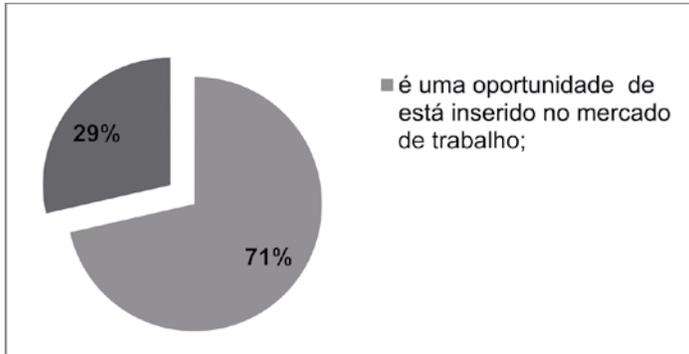
Com o intuito de identificar e analisar a forma como esses jovens aprendizes estão sendo inseridos no mercado de trabalho atualmente, foram aplicados questionários com sete jovens que estão inseridos no programa de aprendizagem de uma empresa do ramo de cabos e fios, e que está localizada na Av. Buriti nº 5500, bairro Distrito Industrial em Manaus, atualmente a empresa conta com um quadro de funcionários em regime de CLT de 603 (seiscentos e três) trabalhadores, divididos em dois turnos, onde quinze destes são jovens aprendizes.

A empresa tem por missão melhorar continuamente a qualidade de seus produtos/ serviços para que possa produzir e oferecer produtos dentro dos prazos combinados e com qualidade, e sempre busca trabalhar as alternativas de prevenção das poluições decorrentes do impacto das suas atividades buscando desde modo contribuir para a redução dos impactos através da destinação dos seus resíduos sólidos para a reciclagem, e os principais valores da organização são “ética, comprometimento, transparência e trabalho em equipe”.

Como citado os sete participantes foram escolhidos aleatoriamente sem nenhum critério de inclusão e/ou exclusão, ou seja, estes eram convidados e à medida que eles aceitavam participar da pesquisa a amostra era formada e conforme os dados obtidos a idade desses jovens é entre 16 a 19 anos em média, estão cursando o ensino médio e cursos profissionalizantes, e destes 57% são do sexo masculino e 43% do sexo feminino.

Através da pesquisa observou-se que 71% dos entrevistados que participam do Programa de Aprendizagem da empresa X veem essa relação de aprendizagem como uma ótima oportunidade de está inserido no mercado de trabalho, pois ficam mais próximo da realidade do mercado atual, e sentem que através deste programa terão uma excelente oportunidade de adquirir experiência, mas notou-se também que estes mesmos jovens ainda se veem como uma mão de obra barata como mostra o gráfico 02 :

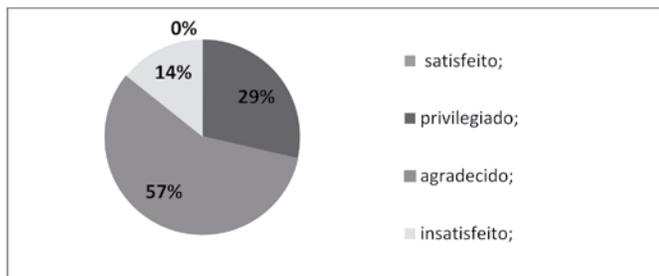
**Gráfico 02: Qual a sua percepção do Programa de Aprendizagem**



Fonte: Pesquisa de campo 2013

Ao serem questionados se estão satisfeitos em participar do Programa de Aprendizagem 57% dos jovens afirmaram está agradecido por essa oportunidade, uma vez que agora estes apresentam condições financeiras para adquirir e fazer algo que desejavam e que antes de se tornar um aprendiz não era possível, um dado que contribui para este índice é que dos sete entrevistados somente um tem a renda familiar com mais de cinco salários mínimos. E apesar de 29% se sentirem privilegiado e 14% estarem insatisfeitos é visível que este trabalho não é satisfatório como mostra o gráfico 03:

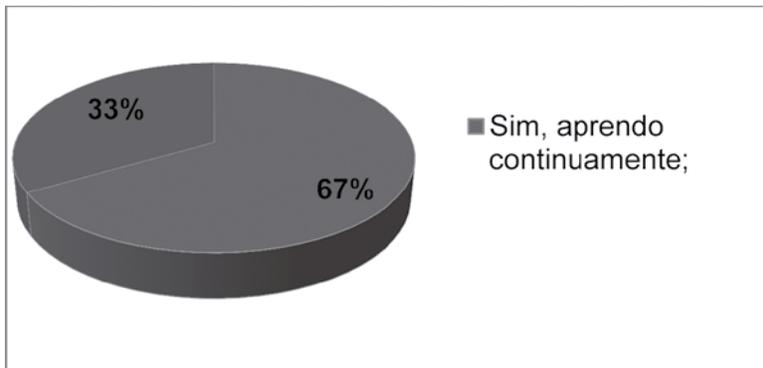
**Gráfico 03: Como você se sente participando deste Programa de Aprendizagem**



Fonte: Pesquisa de campo 2013

Os jovens foram questionados se as atividades diárias dentro da empresa correspondiam com as suas expectativas de aprendizagem e 67% dos entrevistados relataram está aprendendo bastante com essa relação de aprendizagem, apesar de 33% deles relatarem que as atividades deveriam ser mais elaboradas e acompanhadas como mostra o gráfico 04:

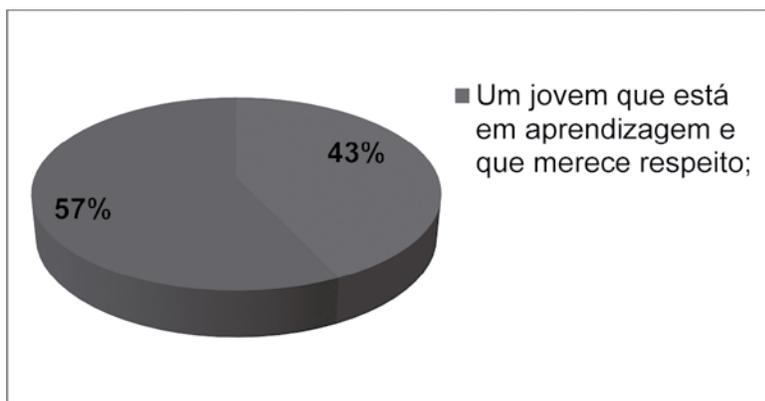
#### Gráfico 04: As suas atividades correspondem a expectativa de aprendizagem



Fonte: Pesquisa de campo 2013

Mas contraditoriamente observa-se também através das respostas dos jovens que estes acham que as suas funções deveriam ser mais planejadas e desenvolvidas e de acordo com teoria que recebem durante aulas teóricas, pois afinal eles são aprendizes, onde 43% destacam que suas funções poderiam ser melhor desenvolvidas, e 57% dos jovens deixam claro que não desenvolvem funções de aprendizagem propriamente dita, pois trabalham em funções alheias da sua teoria como mostra o gráfico 05 logo a seguir:

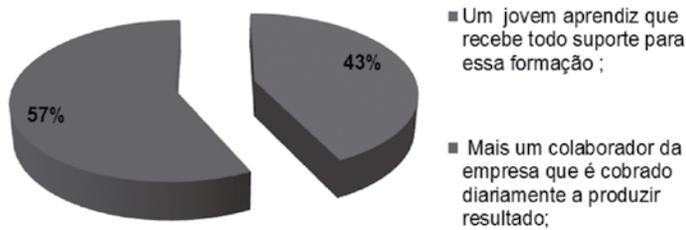
#### Gráfico 05: Como você acha que é visto dentro da empresa X



Fonte: Pesquisa de campo 2013

Outro fator de destaque é que 57% dos jovens aprendizes não se sentem como um aprendiz em formação, mas sim como mais um funcionário que tem que cumprir normas e atingir metas como demonstra o gráfico 06 logo a seguir:

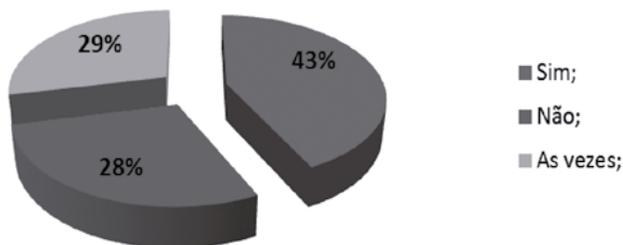
**Gráfico 06: Como você se sente dentro dessa empresa**



Fonte: Pesquisa de campo 2013

Mas apesar dos vários entraves no dia a dia no ambiente organizacional, muitos jovens ainda veem em seus gestores um exemplo de referência profissional para sua formação, portanto procuram ter atenção as suas orientações e ações, uma vez que na medida do possível buscam interagir e adquirir o máximo de informação para ampliar suas experiências, seja ela profissional e até mesmo pessoal, uma vez que este é um aprendizado que vai acompanhá-lo durante toda a sua vida profissional, como mostra os 43% dos jovens entrevistados que citam que as atitudes no dia a dia dos seus gestores os influencia e de certo modo produz segurança para interagir e dar sugestões quando necessárias como mostra o gráfico 07:

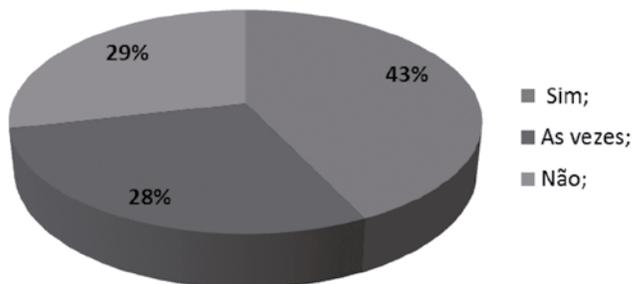
**Gráfico 07: Você se sente a vontade para dar sugestões ao seu gestor**



Fonte: Pesquisa de campo 2013

Outro ponto de destacar é que 43% dos jovens entrevistados acreditam que um diálogo aberto com o gestor nos momentos que surgem adversidades é importante, pois dentro da organização é essencial a comunicação para que a equipe esteja motivada para crescer e produzir como mostra o gráfico 08 logo a seguir:

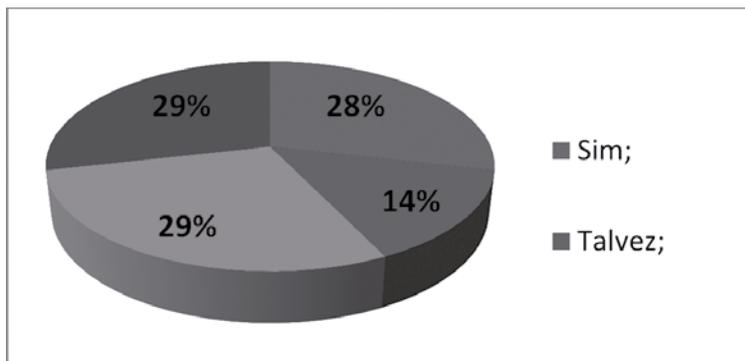
**Gráfico 08: O gestor transmite segurança, orienta e motiva.**



Fonte: Pesquisa de campo 2013

Ao serem questionados da possibilidade da sua contratação após o término do contrato de aprendizagem observou-se que somente 28% sentem confiante com a contratação, e que 29% deles não sabem ou acham que não há essa possibilidade e 14% estão inseguros com a sua vida profissional como mostra o gráfico 09:

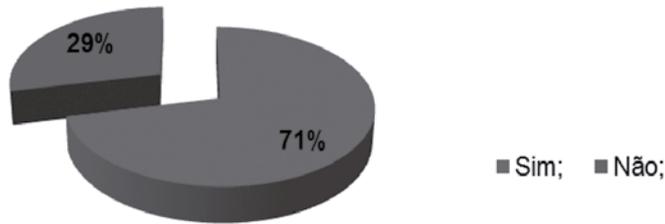
**Gráfico 09: Há possibilidade de contratação após o termino do contrato de aprendizagem**



Fonte: Pesquisa de campo 2013

Os jovens participantes dessa relação de aprendizagem na empresa X ao serem questionados da importância deste programa para sua carreira profissional 71% relataram ser importante para sua vida profissional, pois mesmo que não sejam efetivados pela empresa, esta servirá como experiência e de uma possível rede de contatos futuros, e 29% desses jovens apesar de ter adquirido experiências em algumas áreas, relataram que estas não se tornam capazes por si só de garantir no mercado de trabalho, uma vez que esse período é muito limitado ha funções que na verdade não condizem com o verdadeiro objetivo do programa como mostra o gráfico 10:

**Gráfico 10: Este trabalho como Jovem Aprendiz proporcionara um futuro promissor.**



Fonte: Pesquisa de campo 2013

Conforme é apresentado no gráfico anterior, grande parte dos jovens inseridos nesses programas de aprendizagem acreditam que esta forma de programa produz sim oportunidade e proporciona uma vantagem ao iniciar a vida profissional propriamente dita, pois o dia a dia dentro da organização os incentiva a ter uma perspectiva de um futuro promissor e os direciona a ir em busca de novos aprendizados constantemente para conseguir atingir seus objetivos pessoais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que a aprendizagem é de grande relevância para os jovens e para seus familiares, pois irá proporcionar atividades que visam prepará-lo para o ingresso no mundo do trabalho, portanto essa relação de trabalho e aprendizagem merece uma atenção especial por parte de quem vai empregá-los, uma vez que se faz necessário um conhecimento mais profundo desta realidade por parte dos gestores que vão acompanhá-los durante esse processo diário dentro das organizações. O processo de aprendizagem é visto pelo jovem como uma grande oportunidade que proporcionara a escolha de sua orientação profissional e será também o início de suas escolhas pessoais.

A pesquisa realizada em campo proporcionou conhecer profundamente como está sendo feita a inserção desses jovens aprendizes no mercado de trabalho atual, onde se observou que estes estão mais antenados com o mundo do trabalho e que sempre buscam estar presentes nas discussões relacionadas à empresa, apresentam opinião formada sobre diversos assuntos, e não buscam apenas um salário, mas um reconhecimento por suas habilidades e potencial.

Nota-se que o desejo de crescimento profissional dos jovens que participam do programa Menor Aprendiz começa com a vontade individual de construir uma carreira de sucesso, sabendo que a organização é o lócus que irá dar o início dessa realização. Portanto a organização e o gestor devem ter um olhar mais atento com essa realidade, pois estes jovens também estão agregando valores dentro das organização, e fazem parte dos investimentos das empresa, a médio prazo porque melhoram os produtos ou serviços oferecidos, e a longo prazo, uma vez que esse futuro profissional irá trazer consigo um

amplo e vasto conhecimento, e conseqüentemente irá produzir um maior rendimento no exercício de suas funções dentro da organização em caso de uma contratação futura.

Apesar dos avanços nas garantias e dos direitos da inserção dos jovens no mercado de trabalho e da rigorosidade da lei em fazer com que as empresas contratem esses jovens aprendizes, a fim de contribuir para a sua formação, fica explícito que muitas não procuram auxiliá-los no decorrer das suas funções estipuladas dentro das empresas.

Outro fato que chama atenção e que deve ter uma maior fiscalização por órgãos competentes na contratação desses jovens aprendizes, é a contratação destes com o intuito de tirar vantagem da sua força laboral por empresas que apenas visam ganhar com essa mão de obra mais barata, já que este tipo de finalidade por si só impede a consecução da finalidade da lei que tem como primazia conceder a formação técnica profissional a estes jovens.

A aprendizagem é sem dúvida é o caminho para que os jovens possam adquirir as suas primeiras experiências laborais, vencendo todos os seus obstáculos e explorando todo o seu potencial, e cabe às organizações o comprometimento para que estas aspirações se concretizem.

## REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2º edição, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1981.

BRASIL. **Lei 6697/79 de 10 de Outubro de 1979**. Código de menores. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/L6697impresao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6697impresao.htm)>. Acessado dia 18/mar/2013 às 14:00h.

BRASIL. **Lei 8.069/1990 de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e Adolescente. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acessado dia 20/mar/2013 às 13:30 min.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com colaboração Antonio Luiz de Toledo Pinto, Maria Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes. 44 edição. São Paulo: Saraiva: 2010.

BRASIL. **DECRETO-LEI N.º 5.452, DE 1º DE MAIO DE 1943**. CONSOLIDALÇÃO DAS LEIS TRABALHISTA – CLT. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm)>. Acessado dia 01/mar/2013 às 10:20 min.

BRASIL. **LEI Nº 10.097, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l10097.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm)>. Acessado dia 01/mar/2013 às 10:30 min.

REVISTA ISTO É. O Drama do primeiro emprego. edição 1877 de 05/10/2005. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/11338\\_NAO+HA+VAGAS](http://www.istoe.com.br/reportagens/11338_NAO+HA+VAGAS)>. Acessado dia 20/mar/2013 às 13:00 h.

LEITE, Lúcia Costa. **Meninos de rua: a infância excluída no Brasil**. São Paulo: Atual 2001. – (Espaço & debate).

Manual da aprendizagem: **o que é preciso saber para contratar o aprendiz** / Ministério do Trabalho e Emprego, Secretaria de Inspeção do Trabalho, Secretaria de Políticas Públicas de Emprego. – 7. ed. rev. e ampliada. – Brasília: Assessoria de Comunicação do MTE, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7 ed. – reimpressão. – São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Oris de. A APRENDIZAGEM EMPRESÁRIA DO ADOLESCENTE. Atualização 8/6/2009 <[http://www2.mp.pr.gov.br/cpca/telas/ca\\_aprendizagem\\_5.php](http://www2.mp.pr.gov.br/cpca/telas/ca_aprendizagem_5.php)>, acessado dia 18/05/2013.

PRIORE, Mary Del. **Crianças escravas, crianças dos escravos**. In Histórias das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006, p. 178 – 209.

SAVERO, Mirlene Simões. **Caminhos Tortuosos na Busca por Emprego entre os Jovens Pobres Brasileiros** In Segurança Urbana e Juventude, Araraquara, v.2, n. 1/2, 2009.

SEVERIANO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007. -23. Edição revisada e atualizada.

SOUZA, Rafaela Alves de. **A inserção do adolescente no mercado de trabalho: possibilidades e limites**. Nova Venécia: UNIVEN/ Faculdade Capixaba de Nova Venécia, 2009.



## IMRE LAKATOS E A EPISTEMOLOGIA DOS PROGRAMAS DE PESQUISA CIENTÍFICA

Célia Sandra Carvalho de Albuquerque<sup>1</sup>

(Recebido 20/05/2013; Aceito 18/09/2013)

### RESUMO

Lakatos propõe a metodologia dos programas de pesquisa, demarcadora de sua visão do que seja ciência, como culminância de um processo de sucessivas teorias da racionalidade com seus modelos de conhecimento científico corporificados em quesitos metodológicos e encerrando códigos de honestidade científica. Um “programa de pesquisa” constitui-se de um núcleo firme (conjunto de hipóteses ou teoria, considerado como irrefutável pelos cientistas), de uma “heurística” que instrui os cientistas a modificar o “cinto de proteção” (conjunto de hipóteses auxiliares e métodos observacionais) de modo a adequar o programa aos fatos. Um programa é “progressivo” quando prevê novos fatos e alguma dessas previsões é corroborada; ele é “regressivo” quando não prevê novos fatos, ou, os prevendo, não são corroborados. A história da ciência é a história dos programas em concorrência; as chamadas “revoluções científicas”. Constituem-se em um processo racional de superação de um programa por outro. Da epistemologia racionalista de Lakatos podemos derivar alguns princípios que servirão de guia para o ensino de ciências, são eles: a observação e a experimentação, por si só, não produzem conhecimento, toda a observação e ou experimentação estão impregnadas de pressupostos, teorias, o conhecimento prévio determina como vemos a realidade, influenciando a observação, o conhecimento científico é uma construção humana que intenciona descrever, compreender e agir sobre a realidade. A obtenção de um novo conhecimento está sujeito a todo tipo de influências e a partir de conhecimentos anteriores.

**Palavras-chave:** Epistemologia; Programa de Pesquisa Científica; Ensino de Ciências.

## RESUMEN

Lakatos propuso La metodologia de Iso programas de investigación, enfatizando esu concepción del concepto de Ciencia, como resultado de numerosas teorías racionales sobre el conocimiento científico a través de códigos de honestidad científica .Para él um programa de esquisa se constituye de um núcleo firme (siendo um conjunto de hipótesis y teorías) que no pueden ser negadas por los científicos .Para El um programa ES progresivo cuando prevee nuevos hechos y regresivo em caso contrario.La historia de las ciencias y de los programas científicos se relacionan a través de la superación de uno y otro.DE la epistemología de Lakatos podemos derivar algunos principios que sirven de guía para la enseñanza de las Ciencias, siendo ellos fundamentalmente la experimentación y la observación. El conocimiento científico es uan construcción humana diregida para entender la realidad y todo tiene un conocimiento prévio.

**Palabras-llave:** Epistemologia, Programa de Pesquisa Científica, enseñanza de las ciências.

## INTRODUÇÃO

Um traço distintivo de recentes análises do conhecimento científico - dentre as quais encontram-se as de Paul Feyerabend e Imre Lakatos - reside no papel substantivo atribuído à história das ciências para a compreensão da natureza e desenvolvimento deste conhecimento. A história das ciências deixa de ser um recurso meramente ilustrativo e passa a ter um sentido propriamente epistemológico.

Não se trata, contudo, de uma busca ingênua do referencial histórico, que o supusesse erigido independentemente dos condicionantes impostos pela interrogação do epistemólogo. Quando tentam compreender o método científico, os filósofos desenvolvem diversas concepções da racionalidade científica e interpretam a história da ciência de acordo com essas concepções. Filosofias da ciência diferentes produzem assim reconstruções racionais diferentes para a história da ciência. Lakatos (1979) ocupou-se seriamente destas questões. Examinou com acuidade as filosofias da ciência mais influentes e propôs a metodologia dos programas de investigação, uma tentativa original de proporcionar uma melhor reconstrução racional da história da ciência. Essa tentativa estrutura os ensaios reunidos em História da ciência e suas Reconstruções Racionais.

Lakatos<sup>1</sup> teve um percurso filosófico invulgar nasceu Imre Lipschitz em Debrecen, Hungria em 1922. Graduou-se em Matemática, Física e Filosofia na Universidade de Debrecen em 1944. Tornou-se comunista durante a Segunda Guerra Mundial. Depois da guerra, continuou seus estudos em Budapeste (sob a supervisão de George Lukács, entre outros) e trabalhou como oficial sênior no Ministério da Educação Húngaro. Ainda assim, viu-se na facção vencida nas discussões internas do partido comunista húngaro e esteve preso sob a acusação de revisionismo desde 1950 até 1953. Depois da sua libertação, Lakatos regressou à vida acadêmica, fazendo pesquisa em Matemática e traduzindo o How to Solve It de George Pólya para Húngaro. Doutorou-se em filosofia em 1961 na Universidade de Cambridge. Morreu em 1974 com pouco mais de 50 anos, e tinha quase

---

<sup>1</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imre\\_Lakatos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imre_Lakatos)

quarenta anos de idade, quando iniciou as investigações que o tornaram conhecido. Saindo da Hungria por motivos políticos, entrou em contato com a filosofia de Karl Popper, o que mudou sua vida, pois o ajudou a romper de forma definitiva, com a perspectiva hegeliana que defendera durante cerca de vinte anos e forneceu um conjunto muito fértil de problemas, um autêntico programa de pesquisa.

Na década de intensa atividade que precedeu a sua morte, Lakatos (1922-1974) não chegou a publicar qualquer livro, mas muitos dos seus artigos foram postumamente reunidos em três volumes. O primeiro *Proofs and Refutations* (1976), apresenta-nos um diálogo delicioso sobre a lógica da descoberta matemática. Os outros volumes receberam o título convencional de *Philosophical Papers* (1978).

O ensaio introdutório ocupa-se do problema da demarcação entre ciência verdadeira e a falsa ciência. Para Popper (1963) as teorias científicas diferenciam-se das falsas ciências em virtude de serem refutáveis, e que a atitude científica consiste em submeter às teorias a testes cruciais que visam refuta-las ou falsificá-las. No entanto o falsificacionismo de Popper para Lakatos é ingênuo, alegando não está de acordo com o comportamento dos cientistas. Quando rejeitam uma teoria, os cientistas não o fazem apenas porque os fatos a contradizem. Perante dados empíricos adversos, não hesitam em invocar hipóteses auxiliares para salvar as teorias. Vêem esses dados não como refutações das suas conjecturas, mas como simples anomalias que não requerem uma solução imediata. Os testes cruciais de que Popper (1963) fala são assim ficções historicamente infundadas; os relatos destes são forjados muito depois de as teorias terem sido abandonadas. Como alternativa ao falsificacionismo, Lakatos (1977) designa os programas de investigação para resolver o problema da demarcação, pensando em unidades mais abrangentes e não a ciência como ensaio e erro, uma série de conjecturas e refutações.

No segundo ensaio, intitulado *História da Ciência e suas Reconstruções Racionais* (1998) explora em profundidade as relações entre a filosofia e a ciência, acabando por apresentar a sua própria metodologia filosófica como um programa de investigação historiográfico. Para além de desenvolver a crítica ao falsificacionismo, examina as metodologias indutivista que destacam na história da ciência a realização de generalizações a partir de proposições bem comprovadas; e as metodologias convencionalistas que valorizam antes a descoberta de sistemas de classificação novos e mais simples. Para Lakatos (1998), no entanto, os grandes momentos da história da ciência resultam de programas de investigação progressivos.

Quando se analisa Lakatos (1979) e a *Epistemologia dos Programas de Pesquisa*, o que se tem, sobretudo, em mente não é a ciência como um todo, senão programas particulares de pesquisa, como o conhecido por “metafísica cartesiana”. A metafísica cartesiana, isto é, a teoria mecanicista do universo – de acordo com a qual o universo é um imenso mecanismo de relógio (e um sistema de vórtices) que tem o impulso como única causa do movimento – funcionou como poderoso princípio heurístico. Desestimulava o trabalho em teorias científicas que fosse incompatível com ela (heurística negativa) e, de outro lado, estimulava o trabalho sobre hipóteses auxiliares que poderiam tê-la salvo da aparente evidência contrária.

A discussão do problema da avaliação objetiva do crescimento científico em termos de transferências progressivas e degenerativas de problemas em séries de teorias científicas caracteriza-se por certa continuidade que liga seus elementos. Essa continuidade se desenvolve de um autêntico programa de pesquisa. O programa consiste em regras

metodológicas; algumas nos dizem quais são os caminhos de pesquisa que devem ser evitados (heurística negativa), outras nos dizem quais são os caminhos que devem ser palmilhados (heurística positiva).

## **I. O QUE É UM PROGRAMA DE PESQUISA?**

Lakatos acha que existem grupos de teorias ligadas umas às outras, por princípios e postulados comuns. É isso o que ele chama de programa de pesquisa. Nesses grupos de teorias, nesses programas, existe um núcleo duro, o núcleo de postulados fundamentais que incentivam a pesquisa. Existe o que ele chama de cinto de segurança que é o dispositivo experimental, observacional, que pode se modificar. Porém, o núcleo duro é aquilo que resiste por mais tempo.

“A ideia de núcleo duro de Lakatos está muito próxima da idéia de paradigma de Kuhn, ou seja, que no núcleo da atividade científica existe alguma coisa que não é científica, mas, da qual, paradoxalmente, depende o desenvolvimento científico”. (MORIN, 2002, p. 162).

Então *theoria*, *themata*, programa de pesquisa, paradigma etc. são noções que introduzem na cientificidade os elementos aparentemente impuros. Mas, repito necessários ao seu funcionamento. Impuros, pois a atividade do cientista consiste numa operação de seleção dos fatos; de eliminação dos fatos que não são pertinentes, interessantes, quantificáveis e julgados contingentes. O dispositivo experimental, em última instância, é a seleção de certo número de dados; é um transplante no meio artificial, que é o laboratório, e permite agir nas variações desejadas. Dito de outro modo faz recortes na realidade e é por isso que se diz que não existe um fato puro, um fato sem teoria.

## **2. A METODOLOGIA DOS PROGRAMAS DE PESQUISA CIENTÍFICA**

Mesmo considerando que “as idéias de Popper constituem o desenvolvimento filosófico mais importante do século XX”, Lakatos tomou a sério as críticas que elas receberam de Kuhn e Feyerabend (LAKATOS, 1989, p.180). Ele pretende que a sua “metodologia dos programas de pesquisa científica” seja uma explicação lógica para o fazer científico, interpretando “as revoluções científicas como casos de progresso racional e não de convenções religiosas” (LAKATOS, 1989,p.19) como recaem pretender os relativistas, os sociologistas. Desta forma Lakatos está ao lado de Popper na luta contra as concepções que querem que a mudança científica “não está e não pode estar governada por regras racionais e que cai inteiramente no terreno da psicologia (social) da pesquisa” (LAKATOS, 1989, p.19). O crescimento do conhecimento se dá “essencialmente” no mundo das idéias, no Mundo 3 de Platão e Popper, no mundo do conhecimento articulado que é independente dos sujeitos que conhecem. (LAKATOS, 1989, p.122).

A avaliação objetiva do crescimento do conhecimento científico deve ser realizada em termos de mudanças progressiva ou regressiva, para séries de teorias científicas dentro de um “programa de pesquisa”. A própria ciência como um todo pode ser considera-

da um imenso programa de pesquisa com a suprema regra heurística de Popper: “arquitetar conjecturas que tenham maior conteúdo empírico do que as suas predecessoras” (LAKATOS, 1979, p.162). Assim, a História da Ciência deve ser vista como a história dos programas de pesquisa e não das teorias isoladas.

Todos os programas de pesquisa científica podem ser caracterizados pelo “núcleo firme”: teoria ou conjunção de hipóteses contra a qual não é aplicada a “retransmissão da falsidade”. “O núcleo firme é convencionalmente aceito (e, portanto, “irrefutável por decisão provisória)” (LAKATOS, 1983, p.116). O Programa de pesquisa de Copérnico continha em seu “núcleo firme”, a proposição de que as estrelas constituem o sistema de referência fundamental para a Física (LAKATOS, 1989, p.234). O programa de pesquisa de Newton continha as três leis do movimento e a *lei da gravitação universal* (IMRE LAKATOS E ALAN MUSGRAVE, 1979, p.122). Os cientistas que trabalharam ou trabalham nesses programas não descartariam tais hipóteses, mesmo quando encontrassem fatos problemáticos (“refutações” ou anomalias). Por exemplo, quando foi observado pelos newtonianos que a órbita prevista para Urano era discordante com as observações astronômicas, eles não consideraram que a mecânica newtoniana estivesse refutada; Adams e Leverrier (OFJÓR CIÊNCIA 2000), por volta de 1845, atribuíram tal discordância à existência de um planeta ainda não conhecido – o planeta Netuno – e, portanto, não levado em consideração no cálculo da órbita de Urano. Essa hipótese permitiu também calcular a trajetória de Netuno, orientando os astrônomos para a realização de novas observações que, finalmente, confirmaram a existência do novo planeta.

No programa de Newton (IMRE LAKATOS E ALAN MUSGRAVE, 1979, p.163) a heurística negativa nos sugere que desviemos o *modus tollens* das três leis da dinâmica e da lei de gravitação de Newton. Esse “núcleo” é “irrefutável” por decisão metodológica de seus protagonistas: as anomalias só devem conduzir a mudanças no “cinto protetor” da hipótese auxiliar, “observacional” e das condições iniciais.

O “cinturão protetor” é constituído por hipóteses e teorias auxiliares – sobre cuja base se estabelecem as condições iniciais – e também pelos métodos observacionais. Ele protege o “núcleo firme”, sendo constantemente modificado, expandido, complicado.

Num programa de pesquisa somos, às vezes, frustrados por uma longa série de refutações antes que hipóteses auxiliares, engenhosas e felizes, capazes de aumentar o conteúdo, convertam – retrospectivamente – uma cadeia de derrotas numa ressoante história de sucesso, quer revendo alguns “fatos” falsos, quer acrescentando novas hipóteses auxiliares (IMRE LAKATOS E ALAN MUSGRAVE, 1979, p.164). Podemos dizer então que precisamos exigir de cada passo de um programa de pesquisa que somente consistentemente o conteúdo: que cada passo constitua uma transferência teórica consistentemente progressiva de problemas. Além disso, só precisamos pelo menos de vez em quando, que se veja que o aumento de conteúdo foi retrospectivamente corroborado; o programa como um todo deve também exibir uma transferência empírica intermitentemente progressiva.

Não exigimos que cada passo produza imediatamente um fato novo observado. Nosso termo “intermitentemente” dá suficiente amplitude racional para a adesão dogmática a um programa em face de “refutações” *prima facie*. (LAKATOS, 1979, p.164).

A ideia da “heurística negativa” de um programa de pesquisa científica racionaliza de forma considerável o convencionalismo clássico. Podemos decidir racionalmente não

permitir que "refutações" transmitam falsidade ao núcleo enquanto aumenta o conteúdo empírico corroborado do cinto protetor de hipóteses auxiliares.

Nossa abordagem, porém difere do convencionalismo justificacionista de Poincaré no sentido de que, à diferença de Poincaré, sustentamos que na hipótese de o programa deixar de antecipar fatos novos, e quando isso acontecer, o seu núcleo talvez tenha de ser abandonado; isto é, o nosso núcleo, à diferença do de Poincaré, pode desintegrar-se em certas condições. Nesse sentido estamos com Duhem, segundo o qual era preciso tomar em consideração essa possibilidade; mas para Duhem a razão da desintegração é puramente estética, ao passo que para nós ela é, sobretudo lógica e empírica. (LAKATOS, 1979, p.165)

Os programas de pesquisa, além da sua heurística negativa, caracterizam-se também pela sua heurística positiva.

Como os programas de pesquisa têm desde o início um "oceano de anomalias", "a heurística positiva" impede que os cientistas se confundam, indicando caminhos que poderão lentamente, explicá-las e transformá-las em corroborações. O desenvolvimento do programa inclui uma sucessão de modelos crescentes em complexidade, procurando cada vez mais se aproximar da realidade.

Até os programas mais rápidos e coerentemente progressivos de pesquisa só podem digerir sua evidência contrária aos poucos: as anomalias nunca se esgotam de todo. Não se deve pensar, porém, que anomalias ainda não explicadas – "quebra-cabeça" como Kuhn lhes poderia chamar – são compreendidas ao acaso, e o cinto de proteção construído de maneira eclética, sem nenhuma ordem preconcebida. A ordem costuma ser decidida no gabinete do teórico, independentemente das anomalias conhecidas. (IMRE LAKATOS E ALAN MUSGRAVE, 1979 p.165)

Poucos cientistas teóricos empenhados num programa de pesquisa dão indevida atenção a "refutações". Eles têm uma política de pesquisa em longo prazo que as antecipa. Essa política, ou ordem, de pesquisa é exposta – com maiores ou menores minúcias – na heurística positiva do programa de pesquisa.

A heurística negativa especifica o "núcleo" do programa, que é irrefutável por decisão metodológica dos seus protagonistas; a heurística positiva consiste num conjunto parcialmente articulado de sugestões ou palpites sobre como mudar e desenvolver as "variantes refutáveis" do programa de pesquisa e, sobre como modificar e sofisticar o cinto de proteção "refutável".

Na heurística positiva a atenção do cientista focaliza-se na construção dos modelos de acordo com as instruções que figuram na parte positiva do programa. Ele ignora os contra-exemplos reais, os dados disponíveis. Newton (1687) elaborou primeiro o seu programa para um sistema planetário com um ponto fixo como sol e um único ponto como planeta. Desse modelo derivou sua lei do inverso do quadrado para a elipse de Kepler. Mas esse modelo foi proibido pela própria terceira lei da dinâmica de Newton e, portanto precisou ser substituído por outro em que tanto o sol quanto o planeta girava em torno do seu centro comum de gravidade. Neste caso, a modificação não era decorrente de nenhuma anomalia, mas de uma incompatibilidade teórica do primeiro modelo com as Leis do Movimento, com o "núcleo firme". Em seguida, o sofisticou mais

ainda, tratando o Sol e o planeta como sendo esferas ao invés de pontos - massas; esta sofisticação, que também teve origem teórica, apresentou sérias dificuldades matemáticas, retardando a publicação dos “Principia” por cerca de dez anos. O Próximo passo foi considerar as interações gravitacionais entre os planetas e satélites, chegando assim a uma teoria de perturbações. A partir daí Newton (IMRE LAKATOS E ALAN MUSGRAVE, 1979, p.166) começou a encarar com mais seriedade os fatos, com o objetivo de cotejar suas predições sobre as órbitas, muitos deles eram bem explicados pelo modelo, mas, outros não o eram. Passou então a trabalhar com planetas e satélites não esféricos. Desta forma, o programa newtoniano foi avançando, transformando diversas anomalias em corroborações. Nada mostra com maior clareza a existência de uma heurística positiva num programa de pesquisa do que esse fato; por isso se fala em “modelos”, em programas de pesquisas.

Um modelo é um conjunto de condições iniciais (possivelmente junto com algumas teorias observacionais) que se sabe que deve ser substituído durante o ulterior desenvolvimento do programa, e que inclusive se sabe como deve ser substituído (em maior ou menor medida) (LAKATOS, 1979; p. 167).

A avaliação dos programas de pesquisa envolve regras que os caracterizam como “progressivos” ou “regressivos”. Um programa é “teoricamente progressivo” quando cada modificação no “cinturão protetor” leva a nova e inesperadas predições ou retrodições<sup>2</sup>. Ele é “empiricamente progressivo” se pelo menos algumas das novas predições são corroboradas.

Sempre é possível, através de convenientes ajustes no “cinturão protetor”, explicar qualquer anomalia. Por exemplo, sempre era possível no programa de Ptolomeu compatibilizar os dados astronômicos sobre os planetas pela introdução de um novo epiciclo. Estes ajustes são “ad hoc” e o programa está “regredindo” ou “degenerando” quando eles apenas explicam os fatos que os motivaram, não prevendo nenhum fato novo, ou, se prevendo fatos novos, nenhum é corroborado.

Um programa está “regredindo” ou “degenerando” se “seu crescimento teórico se atrasa com relação ao seu crescimento empírico, isto é, se somente oferece explicações post-hoc de descobertas casuais ou de fatos antecipados e descobertos por um programa rival” (LAKATOS, 1983; p. 117). Segundo Lakatos (1979), o programa marxista é um exemplo de um programa regressivo, pois, predisse alguns fatos novos que nunca se cumpriram: o empobrecimento absoluto das classes trabalhadoras; a ocorrência da revolução socialista em uma sociedade industrial desenvolvida; a inexistência de conflitos de interesses entre os países socialistas, a ausência de revoluções em sociedades socialistas.

Para Kuhn (1962) “a revolução científica é irracional, uma questão da psicologia das multidões” (LAKATOS, 1979, p. 221). Segundo Lakatos (1979), constitui-se em um processo racional de superação de um programa por outro. A superação ocorre quando um programa “tem em relação ao seu rival um excedente de conteúdo de verdade, no sentido de que prediz progressivamente tudo o que o seu rival corretamente prediz, e algumas coisas adicionais” (LAKATOS, 1989, p. 231).

*Não devemos pôr de lado um programa de pesquisa incipiente só porque não conseguiu, até esse momento, alcançar poderoso rival. Não devemos abandoná-lo*

<sup>2</sup> Uma retrodição é a explicação de um fato já conhecido. Uma predição e a antecipação de um fato não observado.

*se ele, supondo-se que o rival não estivesse presente, constituísse uma transferência progressiva de problemas. E devemos, por certo, considerar um fato recém-interpretado como um fato novo, ignorando as insolentes pretensões à prioridade de coletores amadores de fatos. Enquanto um programa incipiente de pesquisa puder ser racionalmente reconstruído como transferência progressiva de problemas, deverá ser resguardado durante algum tempo de um poderoso rival estabelecido. (LAKATOS, 1979, p. 193).*

O processo de superação de um programa por outro não é rápido; durante este é racional trabalhar em qualquer dos programas ou até em ambos. Esta possibilidade pode ser relevante quando um programa está formulado de maneira vaga e imprecisa e os seus adversários desejam que adquira uma forma mais rigorosa para então lhe expor as fraquezas, criticá-lo. “Newton elaborou a teoria cartesiana dos vórtices para demonstrar que era inconsistente com as leis de Kepler” (LAKATOS, 1989, p. 146). O trabalho simultâneo em dois programas rivais mostra que a tese da incomensurabilidade de Kuhn (1987) e Feyerabend (1977) não é sustentável.

No final do século XIX e início do século XX o programa newtoniano entrou em um processo de degeneração; modificações “ad-hoc” no “cinturão protetor” eram sempre capazes de explicar as anomalias. O programa relativístico de Einstein (1948) se desenvolveu progressivamente, prevendo fatos novos, como o desvio da luz em um campo gravitacional (corroborado durante o eclipse total do Sol em 1919) e explicando (retrodizendo) o perihélio anômalo de Mercúrio. Esta anomalia já era conhecida desde os meados do século XIX, mas não desempenhou qualquer papel na formulação da relatividade restrita e da relatividade geral; Einstein (1948) não tinha a intenção de resolvê-la quando propôs sua teoria (sabe-se que a motivação importante para a Relatividade Geral era a da equivalência das massas inerciais e gravitacionais, que para a Mecânica de Newton constituía-se num acidente, em uma mera constatação empírica) Schwarzschild (1916) foi quem obteve a solução do perihélio anômalo de Mercúrio partindo da teoria da relatividade geral. “Se um programa de pesquisa explica de forma progressiva mais fatos que um programa rival, ‘supera’ a este último, que pode ser eliminado (ou se prefere, arquivado)” (LAKATOS, 1983, p. 117).

A reconstrução do progresso científico como proliferação de programas rivais de pesquisa e transferências progressivas e degenerativas de problemas fornece uma imagem da atividade científica que é de muitas maneiras diferentes da imagem proporcionada pela sua reconstrução como uma sucessão de teorias ousadas e seus dramáticos derrubamentos. Seus principais aspectos foram desenvolvidos das idéias de Popper e, em particular, da sua condenação dos estrategemas “convencionalistas”, isto é, diminuidores de conteúdo.

*A principal diferença em relação à versão original de Popper, creio eu, é que na minha concepção a crítica não mata nem deve matar tão depressa quanto Popper imaginava. (LAKATOS, 1979; p. 222).*

A crítica destrutiva, puramente negativa, como a “refutação” ou a demonstração de uma inconsistência não elimina um programa. A crítica de um programa é um processo longo e amiúde frustrante, e os programas em desenvolvimento devem ser tratados sem severidade (LAKATOS, 1979, p. 222). Pode-se, naturalmente, mostrar a degeneração de um programa de pesquisa, mas só a crítica construtiva pode, com a ajuda de programas de pesquisas rivais, obter êxitos reais; e os resultados espetaculares e dramáticos só se tornam visíveis a posteriori e através da reconstrução racional.

Kuhn (1975) mostrou, por certo, que a psicologia da ciência revela verdades importantes e, de fato, tristes. Mas a psicologia da ciência não é autônoma; pois o crescimento –

racionalmente reconstruído – da ciência se verifica essencialmente no mundo das idéias, no “terceiro mundo” de Platão e de Popper, no mundo do conhecimento inteligível, que o independe de sujeitos do conhecimento.

O programa de pesquisa de Popper (1968) visa a uma descrição desse conhecimento científico objetivo. O Programa de Pesquisa de Kuhn (1962) parece visar a uma descrição da mudança na mente científica “normal, individual ou comunal”. Mas a imagem-espelho do terceiro mundo na mente do indivíduo – até na mente dos cientistas “normais” é geralmente uma caricatura do original; descrever essa caricatura sem relacioná-la com o terceiro mundo original pode perfeitamente redundar na caricatura de uma caricatura. Não se pode compreender a história da ciência sem levar em conta a interação dos três mundos: O primeiro mundo – é o mundo material, o segundo – é o mundo da consciência, o terceiro – é o mundo das proposições da verdade, dos padrões: o mundo do conhecimento objetivo. (LAKATOS, 1979, p. 223).

A metodologia dos programas de pesquisa científica coloca de maneira clara a ocorrência histórica e a necessidade do pluralismo teórico, nesse aspecto as idéias de Lakatos concordam com as de Popper e Feyerabend. O Progresso do conhecimento depende da existência de programas concorrentes. O abandono de um programa somente poderá acontecer quando existir uma alternativa melhor (um outro programa melhor); a concepção de que fatos em conflito com uma teoria são suficientes para que ela seja rejeitada (refutacionismo ingênuo) é substituída por outra: o embate se dá entre, no mínimo, dois programas de pesquisa e os fatos; a superação de um programa por outro não acontece instantaneamente, constituindo-se em um processo temporalmente extenso. O pluralismo teórico, além de ser reconhecido historicamente pela metodologia dos programas de pesquisa científica, é condição necessária para o desenvolvimento do conhecimento. (SILVEIRA, 1997 p.223)

### **3. A EPISTEMOLOGIA DE LAKATOS E O ENSINO DE CIÊNCIAS**

Diversos autores têm, reiteradamente, insistido que a educação científica, em especial o ensino das ciências naturais (Química, Física, Biologia, etc.) deve procurar na filosofia da ciência uma fundamentação sólida e atualizada (HODSON, 1985; GIL PEREZ e CARRASCOSA, 1985).

Sempre há uma concepção epistemológica subjacente a qualquer situação de ensino (HODSON, 1985), nem sempre explicitada e muitas vezes assumida tácita e acriticamente. Uma análise dos textos de ciências na escola é capaz de revelar que ainda é dominante o empirismo-indutivismo (HODSON, 1985; SILVEIRA, 1989 e 1992). As teses mais importantes desta epistemologia são as seguintes:

1. A observação é fonte e a função do conhecimento. Todo o conhecimento deriva direta ou indiretamente da experiência sensível (sensações e percepções); antes de podermos fazer qualquer afirmação sobre o mundo, devemos ter tido experiências sensoriais.
2. O conhecimento científico é obtido dos fenômenos (aquilo que se observa), aplicando-se as regras do método científico (procedimento algorítmico que aplicado

às observações produz as generalizações, as leis, as teorias científicas). O conhecimento constituiu-se em uma síntese indutiva do observado, do experimentado.

3. A especulação, a imaginação, a intuição, a criatividade não devem desempenhar qualquer papel na obtenção do conhecimento. O verdadeiro conhecimento é livre de pré-conceitos, de pressupostos.
4. As teorias científicas não são criadas, inventadas ou construídas, mas descobertas em conjuntos de dados empíricos (relatos de observação, tabelas laboratoriais, etc.) A teoria tem como função a organização econômica e parcimoniosa dos dados, do observado e a previsão de novas observações. Qualquer tentativa de ultrapassar o observado é destituída de sentido.

As citações abaixo exemplificam a adoção da epistemologia empirista -indutivista em livros - textos comumente utilizados:

Tudo o que sabemos a respeito do mundo físico e sobre os princípios que governam seu comportamento foi aprendido de observações de fenômenos da natureza (SEARS, 1983, p.3).

As leis da Física são generalizações de observações e de resultados experimentais (TRIPLER, 1978, p.3).

A Física, como ciência natural, parte de dados experimentais [...] através de um processo indutivo, formular leis fenomenológicas, ou seja, obtidas diretamente dos fenômenos observados (NUSSENZVEIG, 1981, p.5).

Quando observamos as aulas de Ensino de Ciências ainda hoje, seguem as teses empiristas (indutivistas) onde encontramos em roteiros de laboratório (conjunto de instruções que tem o objetivo de guiar os alunos em atividades experimentais, de laboratório). São usuais propostas que seguem o seguinte caminho<sup>3</sup>: a) instruções no sentido de investigar a variação concomitante de duas variáveis, manipulando experimentalmente uma delas e observando como a outra se comporta; b) coletar medidas de ambas as variáveis para diversos valores da variável manipulada, organizando uma tabela de dupla entrada; c) construção de um diagrama de dispersão com esses valores; d) descoberta da função que descreve os resultados experimentais (a lei que rege o comportamento observado). O último item traz, implicitamente, a idéia de que um conjunto de resultados experimentais impõe uma única função capaz de descrever a relação entre as duas variáveis; desta forma, caberia ao experimentador apenas descobrir a lei que está implícita nos dados, ou seja, induzir a lei a partir do fenômeno.

A chamada aprendizagem por descoberta, que acentua o valor motivacional da experimentação, é um importante exemplo do empirismo (indutivismo) aplicado ao Ensino das Ciências. Esta proposta tem como pressuposto essencial, que a observação e a experimentação bem conduzidas proporcionam a base segura da qual o conhecimento é obtido tendo a pretensão de tornar o aluno mais ativo; entretanto, esta atividade é entendida como dispender mais tempo no laboratório, fazendo observações.

Por programas de investigação Lakatos (1986) designa o patrimônio conceitual que serve de guia para a pesquisa científica. A formação de conceitos é considerada uma decorrência de observações bem conduzidas, subestimando desta forma as dificuldades da aprendizagem.

---

<sup>3</sup> Publicado na revista Caderno Catarinense de Ensino de Física, Florianópolis, V.13, n.3:219-230, dez.1996.

O Programa de investigação consiste em regras metodológicas: umas nos dizem que caminho deve evitar e outros que caminhos seguir (LAKATOS, 1986).

O ensino, quando orientado pela epistemologia empirista (indutivista), desvaloriza a criatividade do trabalho científico e leva os alunos a tomarem o conhecimento científico como um corpo de verdades inquestionáveis, introduzindo rigidez e intolerância em relação a opiniões diferentes (GIL PEREZ, 1986).

Da epistemologia racionalista de Lakatos podemos derivar alguns princípios que servirão de guia para o Ensino de Ciências. São eles:

1. A observação e a experimentação, por si só, não produzem conhecimento. O "método indutivo" (conjunto de regras e procedimentos que aplicados às observações permite obter as leis, princípios, generalizações, teorias) é um mito.
2. Toda a observação e/ ou experimentação estão impregnadas de pressupostos, teorias. Observar é dirigir a atenção para algum aspecto da realidade e, portanto, a observação é antecedida por algum pressuposto ou teoria que lhe orienta. Os dados sensoriais somente adquirem significados quando interpretados. A observação e a interpretação estão indissolavelmente ligadas.
3. O conhecimento prévio determina como vemos a realidade, influenciando a observação. Não existe e, do ponto de vista lógico, é impossível haver uma observação neutra, livre de pressupostos, livre de teoria. Sem pressupostos nem saberíamos o quê observar, para onde dirigir a atenção.
4. O conhecimento científico é uma construção humana que intenciona descrever, compreender e agir sobre a realidade. Não podendo ser dado como indubitavelmente verdadeiro, é provisório e sujeito a reformulações.
5. A obtenção de um novo conhecimento sendo um ato de construção que envolve a imaginação, a intuição e a razão, está sujeito a todo tipo de influências. A inspiração para produzir um novo conhecimento pode vir inclusive da metafísica. Todas as fontes e todas as sugestões são bem-vindas.
6. A aquisição de um novo conhecimento se dá a partir dos conhecimentos anteriores, sendo usualmente difícil e problemática. Assim como os cientistas, relutamos em abandonar o conhecimento, as teorias já existentes. O abandono de uma teoria implica em reconhecer outra como melhor.

Portanto temos que está sempre aberto a novas teorias, pois a causa principal que leva o homem a produzir ciência é a tentativa de elaborar respostas e soluções às suas dúvidas e problemas e que levam à compreensão de si e do mundo em que vive.

Além do que o motivo básico que conduz a humanidade à investigação científica está em sua curiosidade intelectual, na necessidade de compreender o mundo em que se insere e na de se compreender a si mesma. Tão grande é essa necessidade que onde não há ciência, o homem cria mitos.

## CONCLUSÃO

Atualmente, urge a necessidade de que educadores e cientistas se preocupem mais com as diretrizes para o Ensino de Ciências e que estas atendam à maioria da população Brasileira.

Deve acontecer uma revisão dos currículos escolares, desde a elaboração de programas das disciplinas científicas até às salas de aula atingindo os alunos para que eles possam participar de atividades que realmente vão contribuir para a sua vida. E para isso é necessário que o currículo de hoje ainda tradicional passe por reformas, que se tenha coragem de tirar o que é desnecessário e que entre no currículo o que fará a conexão entre Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Sabemos que a pesquisa e a experiência prática são essenciais para o desenvolvimento dos métodos, das técnicas e dos materiais e que estes são os suportes para o verdadeiro Ensino de Ciências.

A base para esse objetivo é sem dúvida, uma formação de professores com bastante senso crítico para um verdadeiro potencial pedagógico e que levem em conta os conhecimentos dos alunos.

Conseguindo estes pontos citados acima teremos uma Educação em Ciências mais significativa e eficiente.

## REFERÊNCIAS

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

GIL PEREZ, D. **La metodología y la enseñanza de las ciencias**: unas relaciones controvertidas. *Enseñanza de las Ciencias*, Barcelona, V. 4 n 2, p. 111-121, 1986.

GIL PEREZ e CARASCOSA, J. **Science learning as conceptual na methodological change**. *European Journal os Science Education*, London 7(3): 231-236, 1985.

HODSON, D. **Philosophy of science, science and science education. Studies in Science Education**. New York, 12: 25-57, 1985.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LAKATOS, Imre e MUSGRAVE, Alan. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**: Quarto volume das atas do Colóquio Internacional sobre Filosofia da Ciência, realizado em Londres em 1965; [traduzido por Octavio Mendes Cajado; revisão técnica de Pablo Mariconda]. – São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

LAKATOS, Imre, **Proofs and Refutations**. Cambridge: University Press. ISBN 0521290384, 1976.

\_\_\_\_\_. **The Methodoly of Scientific Research Programmes**: Philosophical Papers. Volume I. Cambridge: Cambridge University Press, 1977

\_\_\_\_\_. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza, 1989.

MORIN, Edgar. **A Ciência com Consciência**. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NUSSENZVEIG, Moysés. **Curso de física básica**. São Paulo: Edgar Blücher, 1981.

PORTOCARRERO, Vera. **Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas**. (org.) Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994.

SCHWARSCHILD, k. “**Über das Gravitationsfeld eines Massenpunktes nach der Einsteinschen Theorie**”, **Sitzungsberichte der Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin, Klasse für Mathematik, Physik, und Technik**, p. 189. (1916).

SEAS, F. **Física I**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1983.

SILVEIRA, F. L. **A Filosofia da ciência de Karl Popper e suas implicações no ensino da ciência**. Caderno Catarinense de ensino de Física, Florianópolis, 6(2): 148-162, 1989.

\_\_\_\_\_. **Uma epistemologia racional-realista e o ensino da Física**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1992.

TIPLER, Paul. A. **Física I**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1978.

Revista Catarinense de Ensino de Física, v. 13, n.3: 219-230, Florianópolis, Dez. 1996.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Imre\\_Lakatos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imre_Lakatos)>

<<http://www.if.ufrgs.br/~Lang-LAKATOS.pdf>>

<<http://www.geocities.com/revistaintelecto/lakatos.html?200816>>

<[br.geocities.com/professorberti/planetax.htm](http://br.geocities.com/professorberti/planetax.htm)>



## A BUSCA PELO CONHECIMENTO SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Lucinete Gadelha da Costa<sup>1</sup>

(25/07/2013; Aceito 30/10/2013)

### RESUMO

Este artigo é originado de uma pesquisa de doutorado que teve como objetivo compreender os princípios orientadores do Curso de Formação de Professores para o Ensino Fundamental em Áreas de Reforma Agrária, nos Estados de Roraima e Amazonas, em convênio entre a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), no período de 2004 a 2008. Quanto aos procedimentos teórico-metodológicos do estudo, foi realizado numa abordagem qualitativa através de pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas e a análise dos resumos expandidos das monografias originadas do curso que abordaram a temática da formação de professores. Os sujeitos da pesquisa foram uma representação de estudantes egressos, professores e coordenação do curso. Entre as principais referências, temos a contribuição de Paulo Freire em sua especificidade nos processos de formação de professor. Com base nos resultados da pesquisa, na UEA, constituiu-se assim a materialidade de uma ação educativa e de práticas de organização coletiva, contribuindo significativamente para processos formativos de professores, possibilitando a experiência da construção de propostas comprometida com as classes populares.

**Palavras-chave:** Conhecimento. Educação do Campo. Formação do professor.

### ABSTRACT

This paper originated from a Doctorate study that had as its objective the comprehension of orientating principals for the 5<sup>th</sup> to 9<sup>th</sup> grade Teacher Training Course in rural areas of

<sup>1</sup> Pedagoga com doutorado em Educação pela UFPB, Professora do Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia na UEA, Brasil. E-mail: lucinetegadelha@gmail.com

the Amazonas and Roraima states and was carried out from 2004 to 2008 in partnership with the Amazonas State University (UEA) and the National Institute for Colonization and Agricultural Reform (INCRA) and the National Education Program in the Agricultural Reform (PRONERA). In regard to the theory and methodological study procedures, a qualitative method was utilized via research of documents, semi-structured interviews and an analysis of expanded résumés of thesis's from the course that researched the theme of teacher training. The subjects of the research were a group of new students, teachers and the coordination team for the course. Theory references principally came from Paulo Freire, specialist in teacher training processes. Based on the results of the research, the materiality of an educative action and collective organization practices can be constituted, significantly contributing to the formation process of teachers, thus making possible the experience of constructing the proposals that support the masses.

Keywords: Knowledge. Education in Rural Areas. Teacher Training

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo traz questões levantadas em uma pesquisa de doutorado que teve como foco de pesquisa a formação do professor, partindo do questionamento em torno de como o referencial teórico/prático da Educação do Campo constitui princípios orientadores de processos formativos de educadores no contexto amazônico.

Com esse questionamento, definimos como objetivo geral compreender os princípios orientadores de processos formativos de educadores na Educação do Campo, a partir do Curso de Formação de Professores para o Ensino Fundamental em Áreas de Reforma Agrária, nos Estados de Roraima e Amazonas, em convênio entre a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), no período de 2004 a 2008. Assim, trazemos aqui, de forma breve, a visão do estudo, refletindo a formação docente na Educação do Campo e os delineamentos da construção da pesquisa a partir da nossa trajetória acadêmica.

## **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: HORIZONTES A PARTIR DA CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

A formação de professores, nas últimas décadas, tem-se constituído foco de investigação por pesquisadores no âmbito nacional e internacional, considerando os sérios desafios teórico-metodológicos da formação docente. Esse processo formativo em nível médio e superior não vem historicamente incluindo a realidade do mundo rural, dos trabalhadores da terra, do seu trabalho e da sua cultura, necessária ao fortalecimento de um profissional comprometido com as camadas populares.

Pensar a Educação do Campo no Estado do Amazonas é assumir o desafio frente a um contexto humano diverso e ao mesmo tempo singular, fruto da complexidade da região amazônica, região que, especificamente na capital do Estado do Amazonas, na cidade de Manaus, sofreu as consequências da instalação do polo industrial. Essa realidade, associada

à ausência de Políticas Públicas numa extensa área geográfica com 62 municípios no Estado, favoreceu o êxodo rural da população em busca de melhores condições de vida.

No entanto, a evolução dos setores econômicos em nosso Estado gerou profundos impactos e rápidas mudanças, nem sempre positivas, nas relações sociais. Nossa sociedade cresceu num desenvolvimento desigual, criando uma situação em que a maioria das pessoas não tem acesso às vantagens desse “progresso”, enquanto uma pequena parcela se apropria de forma, não raro, indevida.

Sobretudo no caso da educação, observamos, no cotidiano educacional, altos índices de repetência nas primeiras séries e grande número de abandono escolar, evidenciando que a escola é um desses benefícios em que as camadas populares, na maioria das vezes, são impedidas de ter ingresso e quando têm nem sempre existe uma educação que lhes proporcione condições de lutar pela conquista de seus direitos básicos. Como destaca Arroyo (1986, p. 16), “a invasão da escola, pelo povo, sua expulsão precoce, seu péssimo aproveitamento alarmou alguns, incomodou a muitos”, revelando a existência de práticas educativas que fortalecem o processo de exclusão social.

O reconhecimento dos limites geradores da insatisfação dos segmentos populares a respeito da Escola faz surgir uma nova compreensão sobre a mesma, que, embora sendo espaço que recebe a influência da ideologia dominante, contém, ao mesmo tempo, mecanismos de resistência. Segundo Carnoy (1993, p. 63), isso ocorre porque “[...] a escola não atua de maneira perfeita na construção da reprodução – como um aparelho do Estado, ela também é marcada por contradições e conflitos”. Esse processo dialético é o que caracteriza a escola enquanto espaço eminentemente político.

Assim, com a necessária clareza de que a Escola não é o instrumento de solução dos problemas da sociedade, argumentamos, com Gimeno Sacristán (1997, p. 08), que ela “pode tornar-se um instrumento de consciência cidadã, ou seja, o conhecimento ajuda a compreender a realidade, a fim de atuar nela”.

Uma vez reconhecida essa dinâmica, surgem as propostas dos movimentos sociais de caráter popular entre os quais destacamos o Movimento Sem Terra (MST) na construção de uma proposta educacional voltada para os sujeitos do campo, destacando o compromisso político para com as camadas populares, buscando conferir à sua prática coletiva um sentido em que as relações estabelecidas se traduzam em passos concretos voltados a uma ação transformadora.

A partir do exposto, poderíamos nos perguntar: quais são os limites e as possibilidades existentes na prática pedagógica dos professores que trabalham diretamente com as camadas populares nas escolas do campo? Essa e outras questões são urgentes para compreendermos as dificuldades presentes no cotidiano escolar e buscarmos uma transformação desse espaço educativo, para que ele de fato possa tornar-se significativo e, assim, atender aos anseios da maioria da população.

Se, como anunciado anteriormente, a escola não se identifica com a necessidade dos segmentos populares da sociedade, é preciso não só lutar pela sua democratização, mas, especialmente, pela sua transformação. Segundo Carnoy (1993, p. 74):

A ideologia promulgada na escola inclui a reverência à democracia burguesa, aos direitos individuais e direitos humanos os quais, em certo sentido, servem à classe capitalista, mas, [...] contém importantes contradições que podem entrarvar o contínuo desenvolvimento capitalista.

As experiências dos movimentos sociais populares do campo têm contribuído para o fortalecimento de uma educação contra-hegemônica, surgem como um contraponto a esse quadro de favorecimento dos benefícios educacionais a poucos, o que pode contribuir para iluminar a criação de novas propostas pedagógicas, que procuram ir ao encontro das necessidades educacionais da maioria da população.

A Educação do Campo contrapõe-se ao projeto neoliberal para a educação, apresentando inúmeros desafios e construindo perspectivas de fortalecimento da construção do conhecimento e da prática social do estudante, ou seja, construindo conhecimento capaz de contribuir para quebrar essa hegemonia. Ancorado em uma matriz filosófica dialética marxista, pode configurar-se numa possibilidade de mudanças no campo educacional, viabilizando um Projeto Político-Pedagógico efetivo.

A fonte Marxista na educação pode ser entendida, portanto, como uma escola comprometida com a classe trabalhadora que busca a formação integral de seus homens e mulheres, divulgadora dos valores e princípios da nova ordem socialista, pensada a partir do método dialético. O método dialético irá revolucionar a compreensão sobre a educação formal [...] (KRUG, 2002, p. 122).

Trata-se da construção de uma nova concepção de educação e de campo. Com esse objetivo, traz à tona a luta dos movimentos sociais de caráter popular, expressando a luta da classe trabalhadora por políticas públicas nas diversas áreas: saúde, educação e outras. O movimento de luta dos trabalhadores rurais sem terra nesse processo fortaleceu novas práticas pedagógicas de caráter popular, constituindo uma pedagogia fruto desse movimento que se contrapõe ao modelo vigente de sociedade.

O sentido da Educação do Campo não pode ser entendido deslocado da compreensão de Educação Popular. Sabemos que essa perspectiva de educação nasceu fora da escola, mas como concepção de educação, teve e tem grande influência na educação escolar. Essa relação evidencia a opção pelo resgate da função social da educação através de um novo projeto de sociedade.

A partir dessa afirmação, surge uma questão: o que é Educação Popular? Para responder a esse questionamento, trazemos a contribuição de Melo Neto (1999), que nos diz: o frisar do termo popular em educação expressa a necessidade de reconstrução do paradigma educacional vigente, ou seja, o termo popular carrega um posicionamento político e filosófico, trazendo à tona a dimensão social da educação, deixada de lado na maioria dos processos educacionais.

Brandão (1994), por sua vez, a destaca como um processo gerador de ideias e de propostas de uma concepção de educação em que tais vínculos são reestabelecidos em diferentes momentos da história, tendo como foco um compromisso político realizado através de um trabalho cultural com os sujeitos das classes populares compreendidos não como beneficiários de um serviço, mas como protagonistas emergentes de um processo fortalecedor do poder popular, através da construção de um saber de classe.

A Educação Popular é um processo que contribui para a organização das pessoas das classes populares na defesa de seus direitos e na busca de uma sociedade mais justa. Entendemos, pois, que não haverá um projeto transformador dessa sociedade sem o comprometimento com a educação. Trata-se, assim, de uma ação política, ou seja, uma ação político-pedagógica, organicamente engajada nas lutas sociais populares.

O movimento da Educação Popular constitui-se como uma das bases na luta por uma Educação no Campo, pela formação de cidadãos capazes de transformar o meio em que vivem, reivindicando políticas públicas no processo de formação humana.

Esse compromisso com o processo educativo de humanização do educando poderá conduzi-los a uma participação na luta concreta por mudanças na sociedade como um todo, o que transforma o ato educativo num ato político. Para Freire (1997), ensinar exige consciência do inacabado, ou seja, reconhecer que o conhecimento está sempre em construção, assim como o saber do professor.

É através das práticas pedagógicas que se desenvolvem no espaço escolar que os professores vão contribuindo com os estudantes na construção da compreensão do mundo em que vivem, mostrando-lhes a realidade e como ela passa a interferir no seu dia a dia.

É preciso pensar a Educação do Campo valorizando o homem do campo e sua cultura, pois a mesma precisa ser realizada de forma contextualizada a partir dos costumes e tradições. Para Arroyo (2004, p. 97), “o reconhecimento dessa nova dinâmica humana que se revela no campo poderá ser o alicerce de nossas políticas educativas”.

Os conteúdos curriculares trabalhados pelos professores em sua prática pedagógica nos assentamentos precisam fazer parte de uma perspectiva metodológica contextualizada a partir da realidade social e cultural do homem do campo, contribuindo para a construção de uma visão crítica dessa realidade. Este é um dos nossos grandes desafios, a concretização de uma proposta de formação do professor que possibilite a construção de ações que garantam, além do acesso, a permanência do aluno na escola.

Partindo dessa necessidade é que entendemos que os processos educativos, ao mesmo tempo, confirmam que a educação não é neutra, mas é revestida de intencionalidade, seja para a emancipação dos indivíduos, fornecendo-lhes o conhecimento necessário para a sua libertação, seja para mantê-los submissos à classe dominante.

Revela-se aí o caráter contraditório da educação: a sociedade capitalista requer homens com iniciativa própria, responsáveis, competentes na sua especialidade e dóceis ao sistema, algo que a educação torna possível. O professor poderá em sua prática pedagógica fortalecer esses interesses ou, ao contrário, educar politicamente, dando subsídios aos estudantes para que descubram as verdadeiras razões pelas quais as desigualdades sociais acontecem.

A questão política se dá na interligação da natureza do processo pedagógico e do processo político. O processo pedagógico estabelece uma nova posição do sujeito diante do objeto apreendido por ele, enquanto que a prática política, tendo seu significado, utiliza-se da pedagogia como um processo educativo, pois não existe a neutralidade da ação pedagógica e a atitude de escolha implica uma opção política.

A luta por uma educação contextualizada é travada todos os dias pelos educadores que sabem e acreditam na importância desta para a transformação da realidade social em que se encontra o homem do campo, levando em consideração o saber internalizado da criança e procurando articulá-lo com saberes e práticas novas.

Compreendemos, pois, que a luta maior é em prol da construção de uma escola pública popular de qualidade, considerando que uma das grandes preocupações de professores e professoras na sociedade é a de repensar a função social da escola. Vemos, assim, que a formação dos professores, dos homens e mulheres do campo constitui desafios aos pesquisadores, assumindo relevância na área da formação de professores e de políticas públicas na Educação do Campo.

Estudar a Educação do Campo em nosso contexto significa pensar uma educação voltada aos problemas amazônicos, contribuindo com a pesquisa para apresentar indicadores concretos para subsidiar políticas públicas voltadas para a formação de professores que serão desdobradas em mudança no quadro educacional no Estado do Amazonas.

Destacamos a importância de o professor redefinir sua ação pedagógica enquanto intelectual, desenvolvendo a capacidade de articular os conteúdos escolares à realidade dos estudantes, construindo, assim, esquemas de referência para o entendimento da realidade que os cerca.

Entendemos que o grande desafio da educação, diante dessa realidade, é o de formar cidadãos comprometidos com práticas sociais éticas, possibilitando o estabelecimento de novas formas de relações que se baseiem em valores humanos tais como a solidariedade, o respeito mútuo e a honestidade.

Assim, ganham destaque os projetos de educação que buscam, em sua ação cotidiana, contrapor-se ao modelo tradicional, construindo um processo de resistência, por se apresentarem como experiências que almejam realizar um salto de qualidade, quando se propõem a assumir um compromisso com a formação de pessoas empenhadas na transformação da sociedade.

Caldart (2004) destaca que a escola é um direito roubado e precisa ser recuperada nesse processo de luta para a construção de uma nova sociedade; precisamos sim produzir a consciência da necessidade de aprender, entendendo o conhecimento como instrumento de base na construção de processos de mudança.

Vemos, originada dessa compreensão, a nossa opção em estudar a formação de professores na Educação do Campo, buscando entender como se dá, nessa prática educativa, a leitura da realidade e a educação para a cidadania, na formação de um sujeito comprometido com a construção de uma nova sociedade, pautada em valores éticos.

Razões essas que nortearam nossa busca de entendimento dos conflitos existentes no cotidiano da prática do professor, inserido, em experiências de educação do campo, tendo como referencial a educação popular, surgiram de inquietações frente à realidade social, que, diariamente, produz um enorme número de pessoas sem acesso aos seus direitos básicos, como também pelas dificuldades enfrentadas por professores e professoras na concretização de uma prática onde possam assumir sua ação enquanto intelectuais críticos, buscando construir coletivamente novas experiências educacionais.

O caminhar do nosso desenvolvimento profissional, como professora de Didática, Currículo e Estágio Curricular no Curso de Formação de Professores, desencadeou inúmeros questionamentos que consubstanciaram-se na pesquisa de doutorado articulada com a linha de Pesquisa da Educação Popular, com ênfase em estudo sobre a Educação do Campo no contexto amazônico, especificamente no Estado do Amazonas. Essa pesquisa foi originada do acompanhamento realizado em uma turma na disciplina de estágio, na qual acompanhei as disciplinas Estágio I, II, III e IV, tornando-se uma experiência muito rica que deu origem à nossa pesquisa no doutorado.

Nesse contexto, a relação sujeito e objeto no processo de construção do conhecimento traz uma dinâmica, fruto de identificações, processo esse que se confunde em nossa trajetória pessoal e de pesquisadora. Assim, nosso envolvimento em processos formativos de professores numa perspectiva da Educação do Campo foi uma experiência que fortaleceu em nós esse vínculo com a nossa própria trajetória de vida, que esteve de

uma forma ou de outra sempre ligada às questões educacionais inicialmente em espaços não formais e aos poucos se voltando para a educação escolar com experiências de caráter popular.

Acreditamos, assim, que essas questões levantadas no estudo demonstram a necessidade de uma formação do professor que respeite a diversidade como um elemento impulsionador da formação docente. Na direção do que está exposto, a pesquisa foi intitulada: Educação do Campo: uma experiência de formação do(a) educador(a) no Estado do Amazonas.

Por reconhecermos a necessidade de aprofundamento nessa área, consideramos importante o estudo realizado e esperamos que o mesmo possa contribuir para reflexões sobre a formação docente a partir da Educação do Campo, possibilitando a identificação de pontos concretos que fortaleçam propostas de formação de professores na construção de uma escola pública popular.

Sintetizando a nossa leitura sobre a prática formativa na pesquisa, destacamos que embora o curso inicialmente não apresentasse a especificidade da Educação do Campo, ela foi se constituindo no processo, nas relações, na busca por compreender seus fundamentos, gerando o aprendizado dos professores e estudantes. Assim, esse esforço foi se delineando através dos planejamentos, das atividades realizadas e nas produções construídas pelos professores envolvidos no curso, em especial os que acompanhavam o estágio curricular no processo de orientação de pesquisa no encontro com essa realidade, possibilitando a produção monográfica dos estudantes.

Salientamos aqui que a Educação do Campo tem o seu ponto específico que são os sujeitos aos quais se destina, o que implica em um conhecimento para dar conta dessa especificidade, considerando que os trabalhadores rurais têm uma identidade cultural que lhes é própria, portanto nenhum processo educativo escolar nesse contexto pode ignorar essa realidade.

A compreensão da cultura do campo é pré-requisito fundamental para uma educação escolar nesse contexto, porque a educação do campo é mais ampla do que a educação escolar do campo e os processos formativos de professores precisam incorporar a preocupação com o contexto social, pelas relações sociais estabelecidas, pela cultura, pela forma de vida, pela identidade do trabalhador do campo. Assim, a educação escolar do campo implica pensar uma escola que se preocupe em ter como ponto de partida a cultura do campo.

A Educação do Campo carrega em si uma perspectiva educacional libertadora, apresenta aspectos de potencialidades que fazem possível aos seus sujeitos o entendimento da sua própria vida, propondo uma pedagogia com o oprimido e não para o oprimido. No processo de transformação da prática pedagógica, ganha destaque o compromisso com a reflexão acerca dos desafios postos à formação de educadores, de maneira que contemple as questões vividas pelos povos do campo, como elemento necessário para o fortalecimento de um processo educacional voltado para uma educação libertadora, pois sabemos que ninguém nasce educador, nós nos tornamos quando, no processo de nossas vidas, vamos convivendo dentro de um determinado grupo, tecendo relações com outros, aprendendo, ensinando, construindo nossa identidade.

As experiências formativas na Educação do Campo precisam considerar essa especificidade, que constitui uma cultura própria, que carrega um saber produzido, saber

construído, e nesse processo de construção de conhecimento científico, a pesquisa constitui-se um elemento de base.

Freire destaca que na qualificação pedagógica dos professores precisamos levar em consideração alguns princípios essenciais, entre os quais se destaca a reflexão da prática. Essa característica precisa ser fortalecida, gerando novos pressupostos para uma abordagem de caráter progressista em que se expressam relações dialógicas, participação coletiva entre outros elementos aliados ao processo de iniciação à pesquisa.

Os estudantes, na interação com o professor no processo de aprendizagem, vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do conhecimento. Assim a educação precisa ser um processo dialético que respeite a história e a ética social do povo, em um diálogo permanente de discussão para gerações futuras com um olhar no passado.

As dificuldades apontadas pelo estudo evidenciaram a ausência entre nós, professores, de uma compreensão do contexto do campo, considerando que os professores do curso ou a maioria deles não tinham uma identidade com o campo e nem tem hoje. A partir das análises, podemos dizer que o problema não era simplesmente não ter uma identidade com o campo, e sim instituir processos de formação da Educação do Campo com sujeitos que não têm uma identificação com esse contexto.

Esse quadro evidencia que a formação na universidade é geradora de contradições, embates, elementos que se constituem como parte desse processo, gerando outras possibilidades que só são possíveis a partir do envolvimento dos movimentos sociais populares. Nesse contexto, é um grande desafio não perder de vista o protagonismo desses movimentos, fortalecendo uma proposta de formação docente voltada para os interesses das classes populares.

No processo de análise, constatamos que os limites da proposta de formação docente voltada para os interesses das classes populares a partir da Educação do Campo, foram evidenciados especialmente na ausência de um entendimento do processo produtivo nas questões amazônicas, na rotatividade da coordenação como expressão da dificuldade de atuação do coletivo e nas dificuldades de se trabalhar o conceito de campo que se aplica na Amazônia. Tais contradições expressam um processo em construção.

Na pesquisa, também identificamos características que evidenciam na prática a existência de elementos construtivos de uma proposta pedagógica dotada de preocupação com a formação crítica. Quero enfatizar que a proposta do curso considera inseparável a teoria e a prática, defendendo a necessidade de uma formação geral no direcionamento da prática pedagógica.

As práticas sociais são diversas e todas elas são políticas, ou seja, envolvem em si relações de poder, não sendo, portanto, isentas de ambiguidades. Dessa forma, evidenciamos que, no espaço universitário, as relações estão permeadas de contradições. Estas, muitas vezes, acabam se instalando no interior de processos formativos contribuindo para reforçar o sistema vigente (COSTA, 1984).

Destacamos, ainda, que democratizar a universidade significa criar mecanismos concretos para torná-la pública. Os mecanismos deverão ser construídos pelo coletivo de cada instituição, através de um processo de reflexão de seus limites, possibilitando a busca pela superação de situações problemáticas concretas que se apresentam no dia a dia.

A Educação do Campo como expressão dos movimentos sociais populares traz um Projeto de Campo que reflete um projeto de sociedade e, ao chegar às universidades, por meio dos movimentos ou representação deles, vai se evidenciado o confronto da

classe trabalhadora com uma lógica advinda da burguesia, o que nos remete ao fato de que precisamos discutir a Educação do Campo na Universidade, tentando entender como vamos desfazer os laços orgânicos da educação com a lógica do capital.

Os desafios na superação da lógica do capital na busca pela profissionalização do(a) professor(a) passam pelos projetos de formação. Não se trata de oferecer momentos esporádicos de formação sobre temas referentes à ação docente. É preciso buscar construir o equilíbrio, a partir da finalidade educativa, da seleção do conteúdo e do modo como nossas práticas se realizam.

Numa perspectiva transformadora, o exercício democrático estará sendo construído no interior das práticas pedagógicas. Prática essa que busca o entendimento da realidade social que possibilita uma leitura crítica, fundamental para o professor, uma vez que este é responsável por contribuir para a formação dos indivíduos enquanto seres inacabados que buscam produzir conhecimentos para enfrentarem os desafios de nossa sociedade. Nesse sentido, a ação-reflexiva coletiva pode se constituir como um instrumento concreto para a construção de um projeto pedagógico que oriente, de forma crítica, nossa prática enquanto profissionais da educação.

O curso em seu processo de construção gerou uma reflexão, incorporando uma dimensão crítica e num espaço de formação contribuiu, trazendo como característica principal o repensar de outros processos, considerando a questão da diversidade e tomando como referência essa característica específica da Educação do Campo como princípio para projetos que precisam ser construídos a partir do conhecimento dos diferentes contextos.

Verifica-se, então, a partir dos resultados do estudo que nesse curso o referencial teórico-metodológico da Educação do Campo trouxe elementos importantes, contribuindo significativamente em processos formativos de professores, possibilitando a experiência da construção de novos processos com base na pesquisa, referencial que poderá contribuir para a construção de políticas de formação de professores.

Desse modo, entendemos que, no decorrer do curso, ampliamos o entendimento sobre a identidade do trabalhador do campo; nossa reflexão hoje a partir daquilo que foi essa vivência nos permite dizer que a experiência construída nessa trajetória de formação de professores nos levou a apreender que esse processo formativo não pode existir sem a compreensão da realidade do trabalho nesse contexto. A peculiaridade dessa formação do professor exige o entendimento da realidade do trabalhador do campo, na condição de agricultor ou, no caso dos estudantes egressos, na condição de formador das novas gerações do campo.

O processo de construção dessa pesquisa possibilitou uma leitura entre as várias possíveis, salientamos também que as questões abordadas no corpo da tese expressam um texto em construção que deverá ser muitas vezes reescrito e aprofundado, pela incorporação das contribuições dos leitores e das leitoras interessados em dialogar e produzir novos saberes sobre a formação de professores no contexto amazônico.

Por fim, salientamos que a experiência realizada na UEA constituiu assim a materialidade de uma ação educativa e de práticas de organização coletiva comprometidas com os movimentos sociais do campo. Nesse sentido, poderíamos dizer que o referencial da Educação do Campo trouxe elementos importantes, contribuindo significativamente para esse processo formativo de professores, possibilitando a experiência da construção de propostas comprometida com as classes populares.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, G. Miguel. **Da escola carente à escola possível**. Coleção Educação Popular, n. 8. São Paulo: Loyola, 1986.

\_\_\_\_\_. Por um Tratamento Público da Educação do Campo. IN: MOLINA, Jesus. (org.) **Por Uma Educação do Campo**. 5 ed. Brasília, DF: Articulação Nacional, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os caminhos cruzados: formas de pensar e realizar a educação na América latina. In: GADOTTI, Moacir; TORES, Carlos A. **Educação popular utopia latino-americana**. São Paulo: Ed. USP, 1994.

CARNOY, Martin, LEVIN, Henry M. **Escola e trabalho no estado capitalista**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

COSTA, Beatriz. **Para analisar uma prática de educação popular**. Cadernos de Educação Popular. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIMENO SACRISTAN, José. **Conhecimento crítico e felicidade**. Revista Presença Pedagógica. v. 03, n. 14 mar/abr, 1997.

MELO NETO, Francisco de; SCOCUGLIA, Afonso Celso (org.). **Educação popular: outros caminhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

KRUG, Andréa. **Ciclos de Formação: uma proposta transformadora**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.



## FÍSICA Y FILOSOFÍA, RELACIÓN INTERDISCIPLINARIA; UNA PERSPECTIVA DESDE ALGUNOS CONTENIDOS DOCENTES DE LA ENSEÑANZA EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Ligio Ángel Barrera Kahli<sup>1</sup> Milagros de los D. Rosario Espinosa<sup>2</sup>

(Recebido em 05/05/2013; Aceito em 14/11/2013)

### RESUMEN

Lograr la relación intermaterias entre dos disciplinas que se imparten en primer año de las carreras de ingeniería: Física y Filosofía y mostrar la posibilidad de que los profesores y estudiantes pueden ser capaces de utilizar el sistema categorial y conceptual de las mismas es el objetivo del presente trabajo. La actividad cognoscitiva en la actualidad ha demostrado la necesidad de integrar los contenidos de las distintas asignaturas y en particular el método general que nos ofrece la filosofía marxista-leninista para interpretar los objetos y fenómenos de la naturaleza y cómo los nuevos descubrimientos de las ciencias naturales contribuyen a afianzar la concepción materialista-dialéctica del mundo. La utilización de esta propuesta por profesores y estudiantes así como el cuestionario que se inserta al final para el autocontrol del aprendizaje ha demostrado la eficacia de ésta y el interés que ha despertado entre los estudiosos del tema.

**Palabras claves:** naturaleza; movimiento; leyes; realidad objetiva; fenómenos.

### SUMMARY

To achieve the relationship intermaterias between two disciplines that are imparted in first year of the engineering careers: Physics and Philosophy and to show the possibility that the professors and students can be able to use the system categorial and conceptual of the same ones it is the objective of the present work. The cognitive activity at the present time has demonstrated the necessity to integrate the contents of the different subjects and in particular the general method that he/she offers us the Marxist-Leninist philosophy to interpret the objects and phenomena of the nature and how the new

<sup>1</sup> Profesor Auxiliar de la Universidad “Camilo Cienfuegos” de Matanzas Cuba. E-mail: ligiojbk@gmail.com

<sup>2</sup> Profesora Instructora SUM “Medardo Vitier”, Matanzas.

discoveries of the natural sciences contribute to secure the materialistic-dialectical conception of the world. The use of this proposal for professors and students as well as the questionnaire that is inserted at the end for the autocontrol of the learning has demonstrated the effectiveness of this and the interest that he/she has wakened up among the specialists of the topic.

**Keywords:** nature; movement; laws; objective reality; phenomena.

## INTRODUÇÃO

Evitar la dicotomía real o artificial entre las disciplinas de Física y Filosofía y buscar un acercamiento durante el estudio de ambas en el tercer nivel de enseñanza, así como facilitar a profesores y estudiantes herramientas en este sentido son los propósitos del presente material de apoyo.

En general todos los contenidos de la asignatura Física pueden vincularse con la Filosofía no de manera formal, pues la Física es la ciencia de la naturaleza, que estudia los fenómenos físicos, sin pretender caer en el fisicalismo, es decir, en la concepción del positivismo lógico desarrollada por Carnap, O. Neurath y otros, que sostienen que la autenticidad de cualquier postulado de toda ciencia depende de la posibilidad de traducirlo al lenguaje de la Física. Pero como la Filosofía es, en síntesis, la ciencia sobre las regularidades universales, a las que se someten tanto el ser (la naturaleza y la sociedad) como el pensamiento del hombre (el proceso del conocimiento), es obvio, el vínculo estrecho entre ambas ciencias.

Lenin, sin pretender ser “físico” aborda en su brillante obra *Materialismo y empiriocriticismo* muchos problemas filosóficos de las ciencias naturales y en particular de la Física. Existe un trabajo del académico E. Kolman titulado *Lenin y la física contemporánea* que precisa en términos asequibles aspectos de la Física que fueron estudiados por el genial conductor del socialismo.

E. Kolman afirma:

Estudiando atentamente, y no sin emoción, una y otra vez la obra de Lenin, no se puede menos que sentir admiración a cada lectura por su lozanía y actualidad. Hay que tener en cuenta que durante 50 años que han transcurrido, las ciencias naturales, y en especial, la física se han transformado por completo...A pesar de ello, se puede comprobar que el pensamiento inmortal de Lenin superó en mucho el estadio de progreso alcanzado por la física en su tiempo

Lenin no era físico y, como únicamente él mismo señalaba, su tarea no consistía en analizar las doctrinas físicas especiales...No obstante, Lenin dominaba a la perfección el método de la dialéctica materialista. A diferencia de Plejánov, la física no era para él únicamente un conjunto de ejemplos que ilustraban las leyes de la dialéctica. Con su rigor lógico característico, aprendido en la escuela de Marx y Engels, Lenin consideraba que las ciencias naturales, así como las sociales, son la base de la concepción científica del mundo. Por esto, precisamente, su obra tiene una importancia imperecedera para la física moderna

Este material se recomienda para ser consultado por los estudiantes y profesores en la preparación de los seminarios. Los grandes ocho temas que aborda son los siguientes:

1. La crisis de la física a comienzos del siglo XX.
2. El espíritu dialéctico de la nueva física y el idealismo “físico”.
3. El espacio y el tiempo.
4. La ley natural.
5. Los datos actuales de la estructura de la materia.
6. Las tentativas realizadas para construir una teoría física única de la materia.
7. Las últimas peripecias del idealismo “físico”.
8. El idealismo “físico” al servicio del revisionismo de nuestra época.

En el primer año de las carreras de ingeniería son impartidas las asignaturas: Filosofía y Física. A continuación se presentan algunos temas que permiten, a los docentes de ambas asignaturas, establecer vínculos que favorecen la relación intermaterias.

Se seguirá la secuencia del texto de Física I *Fundamentos físicos de la mecánica* de los ingenieros Ángel Ferrat y Gilda Vega.

## I. DESARROLLO

### I.1 Unidad I: Cinemática

En esta unidad y en el epígrafe I.4.3 aparece como concepto “espacio recorrido” donde debe decir “longitud recorrida”. Esta resulta una buena oportunidad para puntualizar los conceptos de espacio y tiempo desde el punto de vista de las ciencias naturales reconociendo de esta forma la objetividad de ambos. Puede criticarse la mecánica clásica que los separaba de la materia, considerándolos absolutamente homogéneos e inmutables. Criticar la concepción newtoniana del espacio (inmenso recipiente en que las cosas estaban colocadas con determinado orden, “por estanterías”), pero sin guardar ninguna relación con ese espacio. Newton consideraba que las propiedades espaciales de todos los cuerpos del Universo eran idénticas. Newton tenía la misma concepción metafísica del tiempo.

Lobachevski (1792-1856), matemático ruso, elaboró la geometría no euclidiana que refutó las ideas metafísicas del espacio y el tiempo y amplió las nociones de las propiedades espaciales de los cuerpos. Llegó a la conclusión de que las propiedades del espacio en diversos ámbitos del Universo eran distintas y dependían de la propia naturaleza de los cuerpos físicos y de los procesos materiales que se operaban en ellos. Por ejemplo, demostró que en algunas superficies la suma de los ángulos interiores de un triángulo no era igual a 180 grados sino menor.

En 1905 A. Einstein descubre el nexo orgánico entre el espacio y el tiempo, como entre ellos y la materia en movimiento (teoría especial de la relatividad) y establece la dependencia que guardan las propiedades espacio-temporales de los cuerpos respecto a la velocidad de su movimiento; lo cual resulta imposible advertir cuando las velocidades son relativamente pequeñas, registrándose estos cambios próximos a la de la luz.

En esta unidad se insiste en la necesidad de utilizar un sistema de referencia (todo lo que permite detectar un cambio) para poder puntualizar la posición de un objeto (arriba, abajo, derecha, izquierda, etc.). El sistema de referencia elegido en este caso es un sistema de ejes coordenados, generalmente anclado en tierra, con tres dimensiones a lo largo de los ejes X, Y y Z, respectivamente.

## 1.2 Unidad 2: Dinámica

En esta unidad se explica que la Dinámica en el estudio del movimiento mecánico, va más allá que la Cinemática, ocupándose del estudio de las causas de los cambios en el estado de movimiento o de la forma de los cuerpos.

Debe quedar claro que no se trata de buscar las causas del movimiento, cuestión que no tiene sentido ya que el movimiento es eterno e inherente a la existencia de la materia, sino que se trata del estudio de los cambios del movimiento mecánico, resaltando que tales cambios son siempre consecuencia de la acción recíproca entre dos o más entes materiales.

Aquí se estudian las leyes de Newton así como sus limitaciones.

Al analizar la Primera ley de Newton (ley de la inercia: “todo cuerpo permanece en su estado de reposo o de movimiento rectilíneo uniforme mientras otros cuerpos no actúen sobre él y lo obliguen a cambiar su estado”) surge un problema a resolver: ¿Sobre qué sistema de referencia se establece el reposo o el movimiento rectilíneo uniforme de que se habla en el principio o ley de la inercia?

Newton solucionaba el problema introduciendo el concepto de espacio absoluto, considerando que en esta ley el movimiento se refería a un movimiento absoluto en un espacio absoluto. Este punto de vista es metafísico y no se corresponde con la realidad objetiva, que muestra que las propiedades del espacio real están determinadas por la materia misma.

Otro concepto que se estudia en la unidad es el de masa, que sólo puede establecerse estudiando las leyes generales y objetivas de sus relaciones con otras magnitudes físicas. Así, la masa inercial de un cuerpo es una medida de la oposición que presenta dicho cuerpo a cambiar su estado de movimiento.

Newton, por su parte, consideraba que la masa era una medida de la cantidad de materia de un cuerpo. Esta definición tenía carácter metafísico. También era falso el parecer de los físicos e idealistas que le atribuían a la masa el carácter meramente formal de coeficiente en las ecuaciones de la Mecánica.

El materialismo dialéctico enseña que ninguna de las manifestaciones de la materia en movimiento puede servir de medida absoluta. Hablando de materia como categoría filosófica, gnoseológica, Lenin señaló que no hay que confundir el concepto filosófico de materia, con una u otras características de sus diferentes manifestaciones. En *Materialismo y empiriocriticismo*, Lenin afirmó: “Pero no puede permitirse de ningún modo confundir, como hacen los adeptos a Mach, la doctrina sobre ésta o la otra estructura de la materia, con la categoría gnoseológica, confundir la cuestión de las nuevas propiedades de las nuevas variedades de la materia con la vieja cuestión de la teoría del conocimiento, con la cuestión de los orígenes de nuestro conocimiento con la existencia de la verdad objetiva...”

Uno de los hechos más relevantes para comprender este nuevo concepto de masa, es la ley de conservación de la masa establecida por Lomonósov (1744-1798).

Cuando se aborda el concepto de fuerza este es definido como “una magnitud que refleja cualitativa y cuantitativamente las interacciones”, la cual refiere la cantidad y calidad. No obstante ser válida, se propone ampliarla de manera que exprese más objetivamente los nexos y fenómenos que incluye:

*Fuerza es una magnitud física que refleja cuantitativa y cualitativamente las interacciones, caracteriza la acción mutua entre los cuerpos, capaz de producir movimientos, deformaciones u otras alteraciones de los cuerpos y sistemas. La interacción es expresada en la forma de una*

ecuación diferencial que incluye solamente la derivada de la cantidad de movimiento respecto al tiempo, que describe una ley natural.

Cuando se enseña la Segunda ley de Newton se observa la relación entre masa, fuerza y movimiento (aceleración):

$$\rightarrow F = m a = \text{constante}$$

Sin embargo, Newton escribió su 2da. Ley en forma de impulso:

$$\Delta F t = \Delta m v$$

Colocando no se sabe por qué el  $\Delta$  (diferencia) delante del producto  $mv$  y no sólo de  $v$ , pues su concepción sobre la masa era metafísica.

Más tarde Albert Einstein demostró que la masa varía (aumenta) a velocidades cercanas a la de la luz, lo que queda expresado por la relación.

$$m = \frac{m_0}{1 - v^2/c^2} \quad \text{donde } c \text{ es la velocidad de la luz, } m_0 \text{ es la masa en reposo y } m \text{ es la masa relativista}$$

También se estudian las limitaciones de dicha ley para sistemas no inerciales de referencia (acelerados), donde resulta necesario “ubicar” al observador para explicar el fenómeno desde distintos sistemas de referencia.

### 1.3 Unidad: Tipos de fuerzas.

En esta unidad se describen las características más generales de los tipos de fuerza existentes en la naturaleza.

Se concede gran importancia al estudio de las fuerzas de naturaleza gravitatoria y del proceso histórico que llevó a la formulación de la ley de gravitación universal, Un aspecto que trasciende, incluso, al alcance de la mecánica es la comprensión del concepto de campo, de su existencia objetiva y de su relación dialéctica con la sustancia, particularizándose el caso del campo gravitatorio.

Cuando se estudia la acción mutua de origen gravitatorio entre los cuerpos, se analiza el mecanismo mediante el cual aparecen estas fuerzas de interacción y cómo se transmite de un cuerpo a otro. En el proceso de desarrollo de la física han existido dos modos opuestos de abordar estas cuestiones. Algunos físicos de los siglos XVIII y XIX decían que la fuerza de gravitación era de acción a distancia, es decir, que actuaba a través del espacio vacío, sin contacto entre los cuerpos que interactúan. Desde este punto de vista, la presencia de un solo cuerpo no tiene asociada modificación alguna en el espacio que lo rodea. Esta representación corresponde a una concepción idealista del mundo, a la necesidad de atribuir la acción entre los cuerpos a un principio espiritual.

La filosofía materialista dialéctica plantea que la acción mutua entre los cuerpos puede transmitirse solamente mediante un medio material y desecha la idea de la acción a distancia, manteniendo tan solo la de acción de contacto. Admitir la posibilidad de la acción de las fuerzas de acción mutua, esto es, del movimiento a través del vacío, sin el concurso de la materia, equivale a admitir la posibilidad del movimiento sin materia, lo cual carece de sentido. Para comprender el origen de la acción gravitatoria entre dos cuerpos es necesario admitir la presencia entre dichos cuerpos de algún vehículo material que permita la realización de dicha acción; este agente es el campo gravitatorio.

Así, rodeando a todo el cuerpo material, existe un campo gravitatorio cuya propiedad fundamental consiste en que sobre cualquier otro cuerpo colocado en dicho campo actúa una fuerza. Existen otros campos como el eléctrico, el magnético y de forma más general, el campo electromagnético, que se estudian en cursos posteriores.

La física materialista en la actualidad ha eliminado el estrecho sentido mecanicista del concepto de materia de la física antigua, afirmando que la única, fundamental y general característica de la materia es su realidad objetiva, o sea, su existencia independientemente de la conciencia de los hombres.

De lo anteriormente dicho se colige que cualquier tipo de campo no es más que una determinada forma de materia.

Una forma de comprobar la existencia de un campo gravitatorio, por ejemplo, consiste en colocar una partícula en un punto de dicho campo y si sobre ella se ejerce una fuerza (gravitatoria), decimos que en ese punto del espacio existe un campo gravitatorio.

#### **1.4 Unidad 4: Leyes de conservación (tiende a impartirse como Trabajo y energía en la traslación)**

En esta unidad se estudian las leyes de mayor alcance en la Física e incluso fuera del campo de ella, pues *la ley de conservación y transformación de la energía*, es entre las leyes naturales la única a la que se le puede reconocer carácter absoluto por cuanto expresa la permanencia de la materia en movimiento.

Para el concepto de *trabajo* utilizaremos la definición dada por F. Engels;

“El trabajo es una medida del cambio de la forma del movimiento cuando esta se considera desde el punto de vista cualitativo”-

El trabajo, pues, está siempre asociado a un proceso de cambio del sistema.

La energía, por su parte, representa la única medida del movimiento de la materia que es común a todas sus formas. La energía está asociada a un estado del sistema.

Debe tenerse en cuenta que no hay diversas formas de energía, sino energía asociada a diferentes formas de movimiento de la materia, así al decir *energía mecánica*, realmente se hace referencia a la energía asociada a la forma mecánica del movimiento; al decir *energía térmica* se refiere a la energía asociada al movimiento térmico, etc. Por tanto, la energía se conserva cuantitativamente en todos los procesos, aunque puede transformarse cualitativamente de una a otra forma del movimiento.

#### **1.5 Unidad 5: Movimiento del cuerpo sólido**

Son válidos, en esta unidad, los análisis filosóficos hechos en la traslación, dada la analogía de estos contenidos con aquellos.

#### **1.6 Unidad 6: Teoría especial de la relatividad.**

La teoría especial de la relatividad, fue creada por Einstein en el año 1905 y es la teoría física moderna del espacio y del tiempo.

Aquí resulta necesario hacer otra crítica a las concepciones idealistas sobre la teoría de la relatividad. Por ejemplo:

Aprovechando los nuevos descubrimientos y la revolución que se deriva de la teoría especial de la relatividad, algunos filósofos idealistas trataron de fundamentar sus tesis sobre el carácter no material y objetivo de la materia fundamentando que “la materia desaparece”.

Lenin demostró que los nuevos descubrimientos sólo enriquecen las concepciones de la materia en constante movimiento y transformación; solo se ha creado una teoría que rechaza las concepciones del espacio y el tiempo absolutos, fundamentando que la mecánica clásica (newtoniana) es válida sólo para velocidades mucho menores que la velocidad de la luz.

Otra tendencia idealista se encaminó a plantear que todo es relativo, tratando de desvirtuar la esencia de la teoría especial de la relatividad y la concepción materialista del mundo.

La ley de interdependencia entre la masa y la energía ha sido sometida a numerosas tergiversaciones idealistas, planteando que una se transforma en la otra. En realidad las magnitudes físicas de masa y energía son algunas de las características fundamentales de las formas concretas de la materia en movimiento con que opera la física. Para un sistema aislado se conserva tanto su masa como su energía. La expresión  $dE = c^2 dm$  señala la profunda relación mutua entre estas dos magnitudes, indica que es imposible variar una de ellas sin variar al mismo tiempo y en cantidad proporcional, la otra.

Refiriéndose a la cuestión de las relaciones mutuas de la masa y la energía S. I. Vavílov hace hincapié en que la masa nunca puede transformarse en energía, “a fin de evitar los errores, tan frecuentes, debemos señalar que la masa no desaparece, no se transforma en energía, como suele decirse a veces, la masa se conserva en la masa de los fotones que se forman; lo único que sucede es que la energía equivalente abandona su forma inaccesible para adquirir otra, plenamente accesible, la de luz”.

Unidades 7, 8 y 9. Física Molecular y Termodinámica. (Fundamentos físicos de la Termodinámica) de los ingenieros Ruiz de Zárate, Gilda Vega y Ángel Ferrat.

Estos contenidos enfrentan al estudiante con los puntos de vista macroscópico y microscópico para el estudio de la Termodinámica y las relaciones entre ellos. Con estas unidades se le da continuidad al estudio realizado en la asignatura Química General de las leyes de la Termodinámica, analizadas desde el punto de vista de la Física. Estas unidades ofrecen muchas posibilidades de aplicar conceptos filosóficos importantes que fueron tenidos en cuenta en la Mecánica, sobre todo con los relacionados con las leyes de conservación y transformación de la energía y por ello no volveremos a abordarlos.

Un asunto importante: *La muerte térmica del universo*.

Cuando la entropía (es la función de estado que se simboliza por la letra S y cuya variación  $\Delta S$  para procesos reversibles se expresa por la integral desde 1 hasta 2 de la derivada de Q – calor – sobre T – temperatura Kelvin –) aumenta después de realizarse un proceso irreversible se pierde posibilidad de convertir energía en trabajo, o sea, disminuye la disponibilidad de energía, mientras que cuando esta permanece invariable la energía disponible sigue siendo la misma, tal como sucede cuando el sistema realiza un proceso o ciclo reversible.

A mediados del siglo pasado algunos físicos y filósofos basados en este principio plantearon la hipótesis de la *muerte térmica del universo*. Ellos consideraban al Universo

como un sistema cerrado y aplicándole la 2da. Ley de la Termodinámica (No es posible construir ningún motor térmico que operando cíclicamente convierta en trabajo todo el calor absorbido), llegaron a la conclusión, de que con el tiempo, desaparecerían las diferencias de temperatura que existen entre los cuerpos celestes y el Universo llegaría a encontrarse en un estado de absoluto equilibrio térmico que llamaron muerte térmica. Esta hipótesis conduce a otra conclusión que en definitiva es la concepción típica del cle-ro sobre la existencia de la vida y consiste en que hubo necesidad de un impulso inicial, capaz de producir en el mundo esta distribución desigual de temperaturas, es decir, lleva al reconocimiento de la creación del mundo.

Fue F. Engels quien demostró cuan falsa era esta teoría desde el punto de vista científico.

La inconsistencia de la deducción sobre la muerte térmica del universo reside en la extrapolación infundada de la 2da. Ley de la Termodinámica a un sistema que constituye todo el Universo. La segunda ley está relacionada con la irreversibilidad de los procesos que se observan a escalas de espacio y tiempo demasiados pequeños para compararlos con los procesos del Universo o de los grandes conjuntos estelares, incluso, en la evolución de una estrella aislada, por ejemplo, tienen lugar procesos que apenas influyen en nuestro planeta y que las leyes que los rigen son aún poco conocidas; es decir, al aplicar la segunda ley a todo el universo se comete el error, que consiste en atribuir valores absolutos a las leyes físicas, olvidando que estas leyes no reflejan la realidad más que de un modo aproximado.

Clasificación de las formas del movimiento:

A. En la naturaleza inorgánica

- ▶ El desplazamiento espacial;
- ▶ El movimiento de partículas elementales y los campos (interacciones electro-magnéticas, gravitacionales, fuertes, débiles);
- ▶ Los procesos de transformación de unas partículas elementales en otras;
- ▶ El movimiento y la metamorfosis de los átomos y moléculas incluyendo la forma química del movimiento de la materia;
- ▶ Los procesos térmicos;
- ▶ Las vibraciones acústicas y geológicas;
- ▶ El cambio de sistemas cósmicos de distintas magnitudes: plantas, astros, ga-laxias y sus aglomeraciones, etc.

B. En la naturaleza orgánica:

- ▶ Conjunto de procesos vitales en los organismos, metabolismo, procesos de reflejo, autorregulación, dirección y reproducción;
- ▶ Interacción de toda la biosfera con los sistemas naturales de la tierra y con la sociedad.

C. En la sociedad

- ▶ Manifestaciones de la actividad consciente de los hombres y todas las formas superiores del reflejo y de transformación consciente de la realidad;
- ▶ Desarrollo de las fuerzas productivas y de las relaciones de producción, de clase, estatales, nacionales y de otro tipo;
- ▶ El proceso de la cognición del mundo.

## Preguntas para el autocontrol del aprendizaje.

1. En la Mecánica Clásica, Newton planteó que el espacio y el tiempo son absolutos. Critique esta afirmación.
2. Albert Einstein descubre el nexo orgánico existente entre el espacio y el tiempo. Explique qué importancia tiene este descubrimiento para las ciencias naturales y la filosofía.
3. Usted estudió la relación causa-efecto, categorías filosóficas de la dialéctica materialista. En Física (Mecánica) se dice: “La dinámica es la parte de la Mecánica que estudia las causas del movimiento. Critique este enunciado.
4. Newton afirmó que la masa de un cuerpo es invariante (absoluta) respecto a diferentes sistemas de referencia inerciales. Einstein demostró que la masa varía con la velocidad cuando esta se mueve a velocidades cercanas a la de luz. ¿Cómo el materialismo dialéctico analiza esta contradicción?
5. Analice los aspectos cuantitativos y cualitativos que se ponen de manifiesto en la definición del concepto de fuerza que se ofrece en la monografía.
6. En la física prerrelativista se consideraba que la interacción gravitatoria se producía por “acción a distancia” sin que mediara ningún medio material. Más tarde surgió el concepto de campo como el portador material de dichas interacciones. Analice las posiciones idealistas y materialistas al respecto y justifique desde el punto de vista de la filosofía marxista-leninista estas teorías.
7. ¿Cuál es la característica única, fundamental y general del concepto de materia de la Física? Explique teniendo en cuenta el concepto mecanicista de la física antigua.
8. Discuta el carácter material del campo gravitatorio.
9. ¿Cómo se define el trabajo de una fuerza?
10. ¿Qué representa la energía?
11. ¿Existen diversas formas de energía? ¿Cómo usted explicaría que se habla de energía térmica, energía eléctrica, etc.?
12. Analice la ley de interconexión entre la masa y la energía. ¿Se convierte la masa en energía o viceversa? ¿Por qué?
13. Hubo una tendencia filosófica idealista que se encaminó a plantear que todo es relativo, tratando de desvirtuar la esencia de la teoría especial de la relatividad y la concepción materialista del mundo. La Teoría Especial de la Relatividad explica que el espacio y el tiempo por separados son relativos, pero las relaciones espacio-temporales son absolutas. Igual sucede con la energía y la cantidad de movimiento, pero la relación  $E^2 - p^2 c^2 =$  invariante. Dé una explicación filosófica a este fenómeno.
14. Explique la teoría de la muerte térmica del universo analizando por qué es una teoría idealista que contradice la concepción científica del mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sin lugar a dudas la relación Física – Filosofía está presente en todos los contenidos trabajados, por eso es una necesidad de los profesores de estas disciplinas de aumentar la relación entre las mismas para realmente hacer un trabajo integral e interdisciplinar.

## **BIBLIOGRAFÍA**

FERRAT-ZALDO, A. et al. **Mecánica y física molecular I**. Cuba: Ediciones Pueblo y Educación, 1988.

\_\_\_\_\_. **Mecánica y física molecular II**. Cuba: Ediciones Pueblo y Educación, 1988.

KOLMAN, E. *Lenin y la física contemporánea*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1962.



## EL IMPACTO DE LA CAPACITACIÓN EN EQUIPOS: UNA EXPERIENCIA METODOLÓGICA EN LA FORMACIÓN DE DIRECTIVOS

María de los Ángeles Linares Borrell<sup>1</sup>

(Recebido em 20/09/2013; Aceito em 15/11/2013)

### RESUMEN

El presente trabajo recoge experiencias desde el año 2002 para analizar la capacitación en equipos en diferentes contextos de aprendizaje y definir un procedimiento, incluida una propuesta de evaluación de su impacto. Se aplica el método de formación-acción; se procede al análisis de las fortalezas y debilidades del grupo o equipo, momento en el cual, se definen las competencias requeridas; se elabora la versión final del programa que planifica los avances previstos por sesiones según necesidades y como fase final se evalúa el impacto del mismo. El análisis de impacto contempla la definición de indicadores de participación en el aprendizaje permanente y la capacidad de aprender, expresados en resultados, mediante técnicas basadas en el criterio humano. Es aplicable a diferentes contextos y el análisis de riesgos garantiza la mejora continua y enfoque proactivo para las correcciones oportunas en las diferentes fases. Palabras clave: capacitación, equipos, evaluación de impacto, riesgos.

**Palabras llave:** aprendizaje; formación; acción.

### RESUMO

No trabalho se apresentam experiências desde o ano 2002 onde se analisa capacitação de grupos em diferentes contextos de aprendizagem e se definem procedimentos incluso uma proposta de avaliação de seu resultado. È aplicado o método de formação- ação e se definem as fortalezas e fraquezas do grupo e se definem as competências adquiridas. São definidos também indicadores ara a aprendizagem permanente para a capacidade de aprender e a analise de riscos garante a melhora continua e o enfoque proativo para fazer as correções necessárias.

**Palavras chave:** aprendizagem; formação; ação.

<sup>1</sup> MSC. Ingeniera Industrial. Profesora de Dirección y Gestión Empresarial. Escuela Superior de Cuadros del Estado y del Gobierno. Ministerio de Educación Superior de la República de Cuba.

## INTRODUCCION

La capacitación, en la acepción de hacer a alguien apto, idóneo, hábil para hacer algo se encuentra hoy en el centro de todos los escenarios organizacionales y es mediante ella que

las personas pueden asumir el control de su propio crecimiento y aportar al cumplimiento de sus objetivos y los de la instituciones a que pertenecen.

Algunos autores la analizan desde las acepciones de formación y desarrollo, como mejora de rendimiento presente para la primera y del rendimiento futuro, para la segunda. Otros como Dolan<sup>2</sup> la relacionan con el perfeccionamiento y la carrera profesional. En el presente trabajo se asocia el proceso -de aprendizaje y acción- a la ejecución de personas adultas que definen sus intereses de perfeccionamiento para su vida y trabajo.

Teniendo en cuenta que la solución de los problemas del presenta siglo no responde al punto de vista de una sola disciplina o persona, se utiliza un enfoque grupal para garantizar que el carácter multidisciplinario y la participación tengan un peso importante en los resultados que se quiera alcanzar.

Se analiza lo anterior para el conjunto de individuos o personas que de forma directa van a interactuar durante el proceso de capacitación y, mediante el uso de métodos participativos, se proyectan a alcanzar metas para un mejor o nuevo desempeño.

La capacitación como proceso de cambio mediante el modelo andragógico define el papel de los intervinientes como facilitadores de aprendizajes para su propia mejora en lo cual, la experiencia ocupa un papel básico que tiene en cuenta los diferentes saberes presentes. Cada miembro del grupo realiza su aporte, lo adapta a los contenidos y circunstancias reales y corrobora con ello, la pertinencia del presente trabajo.

Se parte de una concepción metodológica del aprendizaje en equipos de adultos, con el objetivo de modificar conductas a través de un enfoque colectivo que tenga en cuenta las motivaciones, el interés y la corresponsabilidad de cada uno de los participantes.

El logro de un aprendizaje significativo, que incluya en los objetivos, además del programa académico, la creación de una estrecha relación del contenido con las experiencias propias individuales y la experiencia colectiva compartida hace que cada participante pueda y quiera compartir y multiplicar lo aprendido.

Se aborda la creación de los equipos, la capacitación en equipos y la evaluación de su impacto, y es para esta última fase que se expone un procedimiento para comprobar la utilidad del programa respecto a los cambios planificados.

El análisis de riesgos<sup>3</sup> durante el desarrollo del procedimiento de evaluación del impacto minimiza y permite tomar acciones ante posibles sucesos no deseados. La capacitación es un proceso que debe garantizar objetivos con una calidad predefinida. Como tal ha de garantizarse la mejora continua con un enfoque proactivo en pos de la eficiencia, es decir, basado en riesgos que permitan tomar las medidas correctoras de forma oportuna evitando la mejora a partir del fracaso.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Concibe la relación entre el aumento de conocimientos, habilidades y actitudes y las posibilidades de crecimiento de las personas.

<sup>3</sup> Incluidos los riesgos psicosociales ddefinidos por la OIT como "las interacciones entre el contenido de la organización y la gestión del trabajo y las condiciones ambientales, por un lado, y las funciones y necesidades de los trabajadores, por otro.

<sup>4</sup> Glez-Cueto L;A (2005) – "Incertidumbre, gestión del fracaso y administración del riesgo financiero". Libro de Gerencia. CEEC.

## DESARROLLO

El fundamento de la presente investigación tiene sus antecedentes en los equipos de trabajo docente cuando en el año 2002 se aplicaron modalidades de formación grupal en programas docentes que incluyeron en su contenido el diseño de competencias en un órgano de gobierno provincial en Cuba, y en un curso de Nuevos Enfoques de Dirección para directivos venezolanos. En 2006, 2008 y 2010 se dio continuidad a la experiencia, con ampliación del estudio a otros programas docentes y ejercicios estratégicos que además de la definición de competencias para el trabajo equipo, incluyeron la concreción de proyectos de cambio con salidas específicas, desde la etapa de planificación de la capacitación.

Concebir la capacitación como una inversión es el punto de partida para planear los cambios que se operarán a partir de ese proceso en los conocimientos, habilidades y actitudes en el desempeño de las personas implicadas, con salidas específicas para perfeccionar su labor, que son comprobables a partir de su diseño y/o puesta en práctica.

El aprendizaje, como elemento esencial de la capacitación, expresa un dominio de la información y los conceptos, lo que se traduce en una capacidad de demostrar conocimientos y habilidades de expertos en las situaciones de trabajo. El objetivo de la capacitación en equipos será modificar conductas a través de un enfoque grupal, considerando las competencias, el liderazgo y la motivación de cada uno de los participantes.

El proceso de capacitación en equipos objeto de estudio declara las condiciones para su desarrollo a partir de premisas, objetivos, principios, entradas y salidas. Es en este momento donde deben identificarse además los focos de riesgo para diseñar e implementar las medidas conducentes a evitarlos o controlarlos.

### 1. Premisas:

- Compromiso efectivo de la alta dirección.

El compromiso de la alta dirección resulta clave para desarrollar la capacitación en equipos de trabajo y aplicar los resultados que de ella se deriven, previamente conciliados con los planes de la organización.

- Trabajo en equipo.

Para garantizar la necesaria integración de los propios trabajadores de las áreas en proceso de mejora en grupos de trabajo, donde las opiniones, sugerencias y aportes de cualquier miembro sean tomados en cuenta como un método válido y participativo.

- Desarrollo de las mejores prácticas.

Para el logro de los resultados esperados se emplearán métodos, procedimientos y técnicas aplicables a la situación real de la organización y las áreas respectivas de los miembros del equipo. Pueden utilizarse experiencias personales o de otras instituciones, adaptadas a la situación específica. Las mejores prácticas deben ser socializadas y definirse como conocimiento explícito.

### 2. Objetivos:

- Dotar a las organizaciones de un recurso metodológico para la capacitación en equipos.

- Contribuir a la aplicación de las competencias individuales en función de los resultados del equipo para la organización.
- Brindar soluciones integradas, desde cada acción de capacitación.

### 3. Principios:

- Proactividad: Gestionar la capacitación en función de las necesidades de los participantes para cumplir los objetivos organizacionales y desarrollar las competencias requeridas para cada puesto a ocupar o misión a realizar.
- Aprendizaje: Modificar el comportamiento por medio de la realización de actividades que generan conocimiento, desarrollo de habilidades y actitudes.
- Mejoramiento continuo: Análisis cíclico en la búsqueda de soluciones e introducción de resultados de conocimientos, habilidades y actitudes asociados al perfeccionamiento del funcionamiento de la organización. Todas las acciones están asociadas a la búsqueda de vías más efectivas para la mejora del desempeño.
- Creatividad: Generación de un ambiente participativo que propicie el desarrollo de la iniciativa.
- Adaptabilidad: Análisis de las condiciones específicas para aplicar lo aprendido en correspondencia con las condiciones específicas de cada organización.

### 4. Entradas:

- Objetivos organizacionales.
- Grupos de trabajo.
- Diccionario de competencias
- Proyecto de mejora.
- Profesores-facilitadores.

### 5. Salidas:

- Transito de grupos a equipos.
- Valor añadido/ competencias personales y grupales
- Indicadores para evaluar el tributo del trabajo en equipo a los resultados del desempeño
- Propuestas de mejora.
- Desarrollo de soluciones.
- Gestión de documentos.

Las salidas son el elemento resultante del aprendizaje en equipo, que debe aportar beneficios al entorno (la organización).

Para garantizar la salida y la continuidad de un proceso cualitativamente superior se realizará un análisis de los factores de riesgo que afectan cada momento importante del proceso y se diseñarán las medidas para garantizar que no afecten negativamente los objetivos propuestos.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Se puede realizar un paralelismo con los componentes I y II del Control Interno regulados por la Ley 60 de la Contraloría General de la República de Cuba. Se podrían incluso incluir en el Plan de Prevención de las entidades que desarrollan el

Tanto las entradas como salidas se consideran elementos asociados al entorno del equipo, por lo que no se describen como etapas propias de su capacitación, sino como estímulos y respuestas, respectivamente.

A continuación se describen cuatro fases del procedimiento para aplicar la formación por competencias en equipos, que luego será objeto de evaluación:

## **I. Diseño y aplicación del programa.**

Objetivos:

- Elaborar el documento que se ajuste a los temas requeridos por la organización, incluyendo las responsabilidades de todos los implicados.
- Aplicar los contenidos diseñados a la situación de trabajo, logrando en cada sesión resultados concretos de desarrollo personal o aplicaciones organizacionales.

El diseño parte de una demanda específica en la que el solicitante asume la responsabilidad de cumplir sus requerimientos y propiciar las condiciones para su desarrollo. Se debe facilitar el acceso a la información y emplear datos reales para la solución de problemas reales a solucionar. Es flexible.

Durante la aplicación se analizan por sesiones los resultados, mediante evaluación y coevaluación.

## **II. Creación del equipo.**

Objetivo: Articular grupos de personas para lograr objetivos comunes con elevado nivel de compromiso.

Es el proceso de transformación de grupos de personas que pueden trabajar aisladas y/o conectarse para cumplir un objetivo o tarea, trabajar en un área común y cumplir tareas interrelacionadas o realizar tareas independientes que alcanzan un resultado no integrado. Según Linares (XX) el proceso de formación de equipos consta de cinco etapas:

1. Comunicar la visión y misión del equipo, sus objetivos y estilo de liderazgo que se podrá en práctica.
2. Programa de entrenamientos individuales y en equipo. El orgullo y compromiso de ganar.
3. Identificar el liderazgo de los colaboradores, líderes intermedios o con “I” minúscula.
4. Procesos de escucha permanente.
5. Aceptación mutua de los miembros y compromiso con el equipo.

### **III. Definición de competencias.**

Objetivo: Desarrollar técnica y metodológicamente el proceso de diseño de competencias para el entorno de la gestión y desarrollo de los participantes.

En correspondencia con las funciones de cada uno de los miembros del equipo directivo y los objetivos de la organización, se listan las competencias requeridas, se emplean incidentes críticos, cuestionarios, grupo focal, paneles de expertos, criterios de ponderación.

En uno de los casos estudiados, luego de aplicar el método Delphi por rondas, incidentes críticos y reducir listados, se empleó un diccionario de competencias elaborado por la autora, en caso de se requiera diseñarlo para condiciones específicas, se debe aplicar el análisis participativo para definir los contenidos de cada competencia requerida y sus modos de actuación. A continuación se muestra un ejemplo que recoge las evidencias correspondientes a una competencia.

Ejemplo: Trabajo en equipo.

Evidencias:

- Conjuga el compromiso personal activo con el esfuerzo de todos.
- Propicia una atmosfera de trabajo con sentido de colaboración responsable y amistosa.
- Identifica y promueve las oportunidades y participación comprometida de los otros.
- Busca soluciones que benefician a todo el colectivo.
- Una vez definidas, cada participante recibe un listado de ellas para evaluar su evidencia o modo de actuación en una escala de 1-5. Este documento será para uso personal. Permite comparar el estado inicial de cada competencia con el estado final, al concluir el programa.

### **IV. Medición de impacto.**

Objetivo: Comprobar los efectos tangibles producidos en función de la propuesta de cambio planificada basada en competencias y otros indicadores.

El objetivo de las acciones de formación se dirige a la creación de equipos de trabajo capaces de abordar el enfoque multidisciplinario ante nuevos problemas, con el manejo de las herramientas de dirección y el enfoque de competencias,

La comprobación de las modificaciones de modos de actuación, asociados a las competencias, contemplada en el programa, mediante aplicación de ejercicios de desarrollo personal y organizacional, forma parte de todas las sesiones de aprendizaje. En los casos posibles, se monitorean por un psicólogo presente en las sesiones.

A partir de la Fase 3 se puntualizan las propuestas de cambio, considerando el estado actual de las competencias y el nivel requerido o deseado. En cada fase se deberán definir indicadores que permitan medir la efectividad de las medidas definidas para controlar los riesgos y que permitan hacer la corrección oportuna antes de pasar a la fase siguiente.

En esta cuarta fase se aplica la el procedimiento de evaluación de impacto elaborado por la autora, basado en el compromiso de la dirección de la organización que solicita el programa y en el método de formación-acción participativa. Dicho procedimiento tam-

bién incluye el diseño de indicadores que permitan medir la efectividad de las medidas definidas para controlar los riesgos y que permitan hacer la corrección oportuna antes de pasar a la siguiente etapa.

Se trata de medir en cada etapa del procedimiento y luego en el proceso como tal:  
Si se ha cumplido con las medidas de control de riesgo definidas.

Si esas medidas han garantizado realmente que los riesgos de hayan administrado como oportunidades y no como fracasos, para poder pasar a la siguiente etapa

Cuáles son los cambios necesarios en el proceso para cumplir con los objetivos declarados ante cambios en las condiciones predefinidas.

**Tabla I. Contenidos de las etapas del procedimiento de evaluación del impacto de la capacitación en equipos.**

ETAPAS	Pasos	Objetivos
Preliminar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Capacitar al personal en las técnicas utilizadas en el procedimiento.</li> <li>• Encontrar las fortalezas, debilidades, amenazas y oportunidades para la aplicación.</li> <li>• Considerar como premisa el proyecto de mejora para el desempeño.</li> </ul>	Evaluar si existen los conocimientos y condiciones para la aplicación del procedimiento.
I 1. DEFINICION DE INDICADORES.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar las salidas de interés para la organización</li> <li>• Seleccionar los criterios a considerar para decidir si se da respuesta a lo concebido en el proyecto de mejora</li> </ul>	Seleccionar el conjunto de clientes a los cuales se les podrá dar satisfacción.
2. ELABORACION DE INSTRUMENTOS.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Generar las variantes de instrumentos</li> <li>• Determinar los diferentes indicadores a comprobar por instrumento</li> </ul>	Obtener un conjunto de alternativas para la obtención de evidencias.
3. SELECCIÓN DE LA MUESTRA.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definir criterios para la escogencia.</li> <li>• Establecer los segmentos de implicados.</li> </ul>	Declarar la cantidad y composición de personas a quienes se aplicarán los instrumentos.

4.APLICACIÓN DE INSTRUMENTOS.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicar los instrumentos a los participantes.</li> <li>• Crear las condiciones en locales adecuados.</li> <li>• Comprobar el llenado correcto.</li> </ul>	Obtener información por diferentes categorías de implicados.
5. PROCESAMIENTO Y ANALISIS DE RESULTADOS.	<p>Registrar la información  Comparar los resultados  Definir el estado de los indicadores que dan respuesta al proyecto de mejora.  Proponer modificaciones o corroborar el programa</p>	<p>Comprobar el comportamiento de los indicadores seleccionados  Comprobar la efectividad del programa.  Comprobar la contribución individual de cada participante al rendimiento del equipo y la mejora de sus competencias.  Verificar el cumplimiento de las propuestas de mejora.</p>

Fuente: Elaboración propia.

La descripción de los pasos y sus objetivos obedece a las regularidades observadas en una muestra de quince equipos.

#### ETAPA 1. DEFINICION DE INDICADORES.

##### 1. Participación en el aprendizaje permanente:

- ▶ Empleabilidad: referida a la capacidad del egresado para desarrollarse en su empleo o lograr otro, no sólo teniendo en cuenta sus conocimientos y aptitudes sino los requerimientos estratégicos de su organización y su desarrollo personal.
- ▶ Adaptabilidad: referida a la capacidad del egresado para adaptarse a nuevas tecnologías, nuevas condiciones y oportunidades de trabajo, generando un enfoque proactivo para el cambio personal y organizacional.

##### 2. Capacidad de aprender a aprender:

- ▶ Integración Social: referida a la posibilidad del egresado de participar plenamente en la vida económica, política y social que le brinda la sociedad cubana, con mayor rigor técnico en cuanto al enfoque estratégico y proactivo de su desempeño integral y el aporte a su organización.

#### ETAPA 2. ELABORACION DE INSTRUMENTOS.

- Questionario para cursistas: Describe las competencias. Debe establecer la brecha del estado inicial y final durante el desarrollo del programa.
- Resúmenes de autoevaluación: Por sesiones diarias respecto a lo aprendido y donde aplicarlo.
- Cuestionario para egresados: Describe el programa, desglosando temas y contenidos específicos. Se solicita el llenado teniendo en cuenta si ha logrado am-

pliar y/o aplicar conocimientos, realizar publicaciones, participar en eventos o investigaciones. Cada uno de estos aspectos debe describir la forma práctica en que se pone de manifiesto la aplicación o participación referida. El contenido del cuestionario está basado en la consideración de los egresados respecto al nivel de desarrollo alcanzado en los temas específicos.

- Entrevistas estructuradas y no estructuradas para egresados: Se emplean cuando resulta necesario profundizar o precisar informaciones ofrecidas en el cuestionario.
- Grupo focal: Para definir las categorías de opinión empleando como detonador la posibilidad de aplicación de lo aprendido.
- Evaluación y coevaluación en cada sesión de ejecución del programa.

### ETAPA 3. SELECCIÓN DE LA MUESTRA.

Se emplea generalmente toda la población como muestra intencional por el reducido tamaño de los grupos de clase y equipos de trabajo.

### ETAPA 4. APLICACIÓN DE INSTRUMENTOS.

Para el indicador Adaptabilidad, que puede apreciarse con mayor inmediatez se analiza mediante cuestionario, evaluaciones y coevaluaciones, se comprueba si se logra a partir del Programa una mejora en las competencias, ampliación de conocimientos que demuestren la aplicación de resultados en las temáticas analizadas.

Para el indicador Empleabilidad se verifica transcurridos seis meses si se han producido cambios que entrañen ampliación o enriquecimiento del trabajo en los aspectos relativos a responsabilidad y/o jerarquía. En este aspecto también se considera si ha trabajado por alcanzar, ha iniciado o culminado un nivel académico o científico superior, todo ello asociado a sus contenidos.

Respecto al análisis de la Integración Social se verifica por que vía ha logrado el efecto de intervención, si ha realizado publicaciones, participado en eventos o investigaciones sobre los temas aprendidos.

### ETAPA 5. PROCESAMIENTO Y ANALISIS DE RESULTADOS.

Tiene como finalidad comprobar la contribución individual de cada participante al rendimiento del equipo y la mejora de sus competencias.

Se observan los siguientes resultados al comprobar la aplicación de conocimientos e instrumentos desarrollados durante el programa.

La revisión individual del auto diagnóstico y el tratamiento a las debilidades señaladas arroja un mejor comportamiento de los parámetros con mayor brecha entre el estado actual y deseado de las competencias.

Las acciones resultantes están presente en los ejemplos de aplicaciones tales como:

- Aumento del apoyo entre los participantes para la ejecución de tareas.
- Identificación de las debilidades y fortalezas del trabajo en equipo en cada una de las áreas de los participantes.
- Preparación colectiva utilizando técnicas de trabajo en grupo en áreas de trabajo, con la participación de los trabajadores.
- Proyecto Organizativo en todas las áreas.

- Reorganización de procesos.
- Utilización de grupos de trabajo con nuevas herramientas, en el área económica.

Se enuncian como ejemplos de multiplicación de lo aprendido en las áreas de trabajo de los cursistas:

- Diagnóstico de los Recursos Humanos y Estrategia de Desarrollo y Preparación, en el equipo de Viceministro.
- Revisión de Sistemas de Pago.
- Creación de equipo multidisciplinario para la solución de tareas.

Como categorías emitidas para el trabajo en equipo, empleando grupos focales se plantean:

1. Liderazgo y rol.
2. Disciplina de Equipo.
3. Negociación intragrupal. Redes informales.
4. El entrenador del equipo.
5. Sistema de evaluación y recompensa.

Los participantes consideraron cumplir sus expectativas en el corto y mediano plazo, con juicios de:

- Alta competencia de los miembros del equipo.
- Compromiso y responsabilidad de todos los miembros del equipo con la labor que realizan.
- Disciplina de los miembros del equipo,
- Reconocimiento de la necesidad del cambio y enfoque de mejora continua.
- Liderazgo del directivo principal.

## CONCLUSIONES

1. El procedimiento es aplicable a cualquier organización, con la flexibilidad de ajustarse a los objetivos y necesidades específicas para el perfeccionamiento del desempeño de sus miembros.
2. El programa de capacitación en equipo se diseña y aprueba según solicitudes de las organizaciones, contando con el compromiso de éstas para aplicar el programa de mejora.
3. El procedimiento de Análisis del Impacto permite la comprobación exhaustiva de los beneficios e insuficiencias de un Programa de Capacitación, a lo largo del tiempo lo que facilita su mejora continua.
4. La administración de los riesgos del proceso de capacitación permite la mejora continua del mismo de forma proactiva y la independencia en la aplicación del procedimiento por parte de los mismos equipos directivos garantizando la efectividad de la capacitación.

## REFERENCIAS

DOLAN, S. et. al. **La gestión de recursos humanos: preparando profesionales para el siglo XXI.** Ed. MCGraw Hill/Intrerasamericana. Madrid. España. 2003

FIOL, M. **El proceso de enseñanza-aprendizaje.** Documentos Diploma Europeo en Administración y Dirección de Empresas. 1995

GARAVAGLIA, P. **La transferencia de la formación: ¿cómo consolidarla?**, Barcelona, Epise. 1998

GONZALEZ-CUETO, A. y Masso JC. –**“Barreras a la adecuada implementación del Sistema de Control Interno en las empresas cubanas en la actualidad. Necesidad de la integración de enfoques”.** Seminario Anual sobre economía Cubana y Gerencia Empresarial. ISBN- 978-959-282-095-1. 2012

KIRKPATRICK, D. L **Evaluating Training Programs**, San Francisco, Berrett-Koehler Publishers. 1998

LINARES Borrell, María de los A.. **Procedimiento para el perfeccionamiento de la gestión directiva desde los procesos de formación-acción.** Revista Cuestión. Época V. No. 50. ISSN: 1870-2414. D. F. México. 2007

LINARES Borrell, María de los A.. **De la formación de Grupos equipos de trabajo docente mediante procesos de comunicación personal.** Apuntes sobre la concepción metodológica del proceso. Revista Ingeniería Industrial Número 2-2008. Instituto Superior Politécnico “José A. Echeverría”. La Habana, Cuba. 2008

LINARES Borrell, María de los A, **Estrategia de capacitación de directivos en equipos: componentes y etapas del proceso de formación de equipos.** Revista Ethos&Episteme Año V.Vol. X 2009

ALARET, J.. **Liderazgo de equipos con entusiasmo estratégico.** Ed. Diaz de Santos. Madrid. España. 2003

PINEDA, P. Et all. **ALL ¿Cómo se evalúa la formación en las organizaciones?.** Capital Humano, 126 y 127, octubre y noviembre. Madrid. 1999

RAMOS Díaz, Jesus. **Perfeccionamiento del Sistema de Gestión de la Capacitación de los Cuadros y Trabajadores de la organización CIMEX de la República de Cuba”.** Tesis doctoral. ISPJAE. 2008.

SOLTURA Laseria, Ariel. **Tecnología de integración estratégica del sistema de competencias de la organización.** Tesis doctoral. ISPJAE. 2008.



## A DESORGANIZAÇÃO URBANA NA ÁREA COMERCIAL DO BAIRRO SÃO JOSÉ OPERÁRIO I, ZONA LESTE DE MANAUS

Andréia da Silva Ribeiro<sup>1</sup> Núbia Briglia Figueira<sup>2</sup>

(Recebido em 20/08/2013; Aceito em 30/10/2013)

### RESUMO

O presente estudo aborda a problemática da desorganização urbana causada pelo crescimento do comércio no bairro São José Operário I (situado na Zona Leste da cidade de Manaus – AM), em vista desse fato, surge a necessidade de uma organização urbanística para viabilizar o acesso dos consumidores àquela região caracterizada pela ausência de uma infraestrutura compatível com as características do comércio local. A metodologia de estudo aplicada compreendeu a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo cujos resultados foram analisados e apontadas as soluções. Nesse contexto, foram detectadas as necessidades presentes naquela área de estudo, cujas soluções sejam aplicadas mediante a um plano diretor que determine a organização urbanística e a conscientização da população, tanto para consumidores quanto para fornecedores, alcançando toda a cadeia envolvida com o comércio nessa região.

**Palavras-chave:** desenvolvimento urbanístico; comércio varejista; crescimento populacional e consumidores.

### ABSTRACT

The present study addresses the problem of disorganization caused by urban growth of trade in São José Operário I (situated in the Eastern Part of the city of Manaus - AM), in view of this fact, there is a need for an organization planning to facilitate the access of consumers that region characterized by the absence of an infrastructure compatible with the characteristics of the local trade. The methodology of study applied understood the bibliographic research and field research whose results were analyzed and identified the solutions. In this context, were detected the needs presented in this study, whose solutions must be applied through a master plan, which implements the organization

planning and awareness about the urban organization, both for consumers and for the tenants of the said region.

**Keywords:** urban development; retail trade; population growth and consumers.

## INTRODUÇÃO

Estudos apontam que a Zona Leste da cidade de Manaus detém um extraordinário potencial para o comércio, especialmente o bairro São José Operário, formado inicialmente por uma invasão de terras por famílias de baixa renda e que hoje, devido a grande densidade demográfica, possui características próprias de uma cidade, mesmo fazendo parte da cidade de Manaus e apresenta uma intensa atividade comercial. Grande parte das empresas do ramo comercial possui unidade de negócios nessa área, tanto pequenas como médias e grandes. Dois *shoppings centers*, várias agências bancárias, inúmeras drogarias, agências dos correios, casas lotéricas, postos de saúde e demais serviços de utilidade pública concentrados nesse bairro têm o poder de reter a população desse e adjacências de modo que estes não precisem se deslocar ao centro da cidade (CDLM, 2011).

A tradicional Feira do São José, que funciona todos os domingos, atrai muitas pessoas. Com isso, lojistas de diversos segmentos, como confecções, supermercados, materiais de construção, móveis e eletrodomésticos, eletroeletrônicos e utilidades investem elevadas somas de capital visando atrair os clientes da classe C, D e E, que compõem a maioria da população dessa região. Na contramão do desenvolvimento do setor comercial, o atraso no desenvolvimento da infraestrutura urbanitária e a desordem são algumas das principais queixas da classe empresarial que atua no São José. O bairro está entre os mais populosos da zona Leste. No que tange à desordem, o trânsito caótico tem sido a principal reclamação dos lojistas, onde, veículos que realizam transporte coletivo alternativo (vans e micro-ônibus), carros de passeio, táxis e ônibus, pedestres e ciclistas disputam a mesma via.

Diante desta realidade, este trabalho propôs-se fazer um levantamento das possíveis causas da problemática da estrutura urbana na área comercial do bairro de São José Operário I, e buscar soluções para minimizá-las. A relevância desta pesquisa consiste na constatação que é necessário para uma boa de infraestrutura urbana, e uma administração pública eficiente.

Quanto aos métodos e procedimentos a serem aplicados na pesquisa, trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, com aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas. Quanto aos meios foram feitas pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo que tiveram como objetivo investigar se existe um sistema de controle no trânsito, principalmente em dias de maior número de pessoas no local e a preocupação com os transeuntes nas calçadas das lojas varejistas. “A pesquisa busca os estudos de satisfação, de interesse, de opinião de pessoas ou grupos de pessoas sobre sua realidade”. Furasté (2008).

## URBANIZAÇÃO

É o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão, isso representa o desenvolvimento das cidades. Neste processo, ocorre a construção de casas, prédios, redes de esgoto, ruas, avenidas, escolas, hospitais, rede elétrica, shoppings, etc.

O crescimento acentuado da população e das cidades, não acompanhado do devido crescimento da infraestrutura urbana tem resultado em cidades desiguais, isso é marcado por um quadro de desigualdades que se refletem na forma urbana, principalmente nas periferias das grandes cidades. Urbanização é um conceito geográfico que representa o desenvolvimento das cidades devido à transição de uma sociedade rural para outra cada vez mais urbanizada.

Segundo Siqueira(2008):

A atuação do Estado na organização espacial da cidade é ampla. O Estado capitalista atua nos campos industrial, fundiário e imobiliário, além de ser o agente regulador do uso, ocupação e parcelamento do solo através da legislação. É responsável pela implantação de serviços públicos de interesse social, como saneamento, pavimentação, etc. Entretanto, isto não se dá de modo homogêneo, privilegiando os interesses da classe dominante, que geralmente está no poder.

O bairro apresenta hoje um razoável nível de urbanização, com o grande e significativo crescimento que teve na área comercial, grande parte das empresas do ramo comercial possui unidade de negócios nessa área, tanto pequenas como médias e grandes, os moradores dispõem de campos de futebol, o ginásio do Zezão e a Associação da Grande Família, escola de samba do bairro. Na contramão do desenvolvimento, a carência em urbanização e desordem são algumas das queixas feitas pela classe empresarial do São José.

Para Corrêa (2004):

A desorganização do espaço geográfico é decorrente de seu desempenho espacialmente desigual, o Estado enquanto provedor de serviços públicos, especialmente aqueles que servem à população, o mesmo se torna o alvo de certas reivindicações de segmentos da população urbana.

O projeto de urbanização no bairro de São José Operário, não foi capaz de frear as invasões, tendo a prefeitura iniciado, em 1982, a segunda etapa do São José, mas num processo desorganizado, que resultou num assentamento com pouquíssima infraestrutura. Devido à forma de ocupação da área ter sido através de invasões, o bairro apresenta uma malha urbana desarticulada e um sistema viário deficiente, gerando problemas para o planejamento e a operação dos serviços urbanos.

Segundo a ONU (ONU, PNUD 2009, p.32):

A urbanização pode estar associada a grandes desafios para aqueles que habitam nas cidades e para as autoridades do governo responsáveis pelo planejamento urbano e respectivos serviços. O desafio mais relevante traduz se pelos dois mil milhões de Pessoas-40% dos residentes em áreas

urbanas que se espera estar a viver em bairros degradados em 2030. Como se sabe, as condições de vida são freqüentemente muito precárias nos bairros degradados, incluindo a falta de acesso a água e saneamento adequados e títulos de posse inseguros.

A tentativa de urbanização da primeira etapa do bairro de São José Operário foi concluída em 1981, com cerca de quarenta mil pessoas instaladas em lotes com o mínimo de infraestrutura. O bairro está entre os mais populosos da zona Leste. No que tange à desordem, o trânsito caótico tem sido a principal reclamação dos lojistas, onde, veículos que realizam transporte coletivo alternativo (vans e micro-ônibus), carros de passeio, táxis e ônibus, pedestres e ciclistas disputam a mesma via.

## **A INFLUÊNCIA DA ECONOMIA NO DESENVOLVIMENTO URBANO**

Com o crescimento da economia a melhoria de vida das pessoas teve um disparo significativo, com acesso à saúde, à educação, à moradia e a varias outras coisas essenciais a uma vida digna, isso é algo essencial para o desenvolvimento urbano. O crescimento econômico combina os fatores de produção como trabalho, capital e recursos naturais para obter bens e serviços, que são úteis para satisfazer as necessidades e desejos das pessoas.

Segundo Santos (2008,p.182):

“Sendo as pessoas as principais responsáveis pelas estratégias de investimentos e financiamentos na gestão de negócios, fundamental seria que a elas fosse atribuído um valor nas demonstrações financeiras. De fato, são elas quem criam ideias para o desenvolvimento de produtos, marcas, campanhas comerciais, campanhas publicitárias e processos produtivos”.

O crescimento econômico deve ser planejado e organizado, de tal forma que esse possa desenvolver-se e criar opções as populações carentes que demandam não só por bens e serviços, mas também por emprego e renda, dessa forma poderemos entender o empreendedorismo. A tradicional Feira do São José, que funciona todos os domingos, atrai muitas pessoas. Com isso, lojistas de diversos segmentos, como confecções, supermercados, materiais de construção, móveis e eletrodomésticos, eletroeletrônicos e utilidades investem elevadas somas de capital visando atrair os clientes, porém a segurança e a infraestrutura do local ficam a desejar por causa da desorganização presente na área ocasionando problemas no trânsito e nas calçadas onde transitam os pedestres.

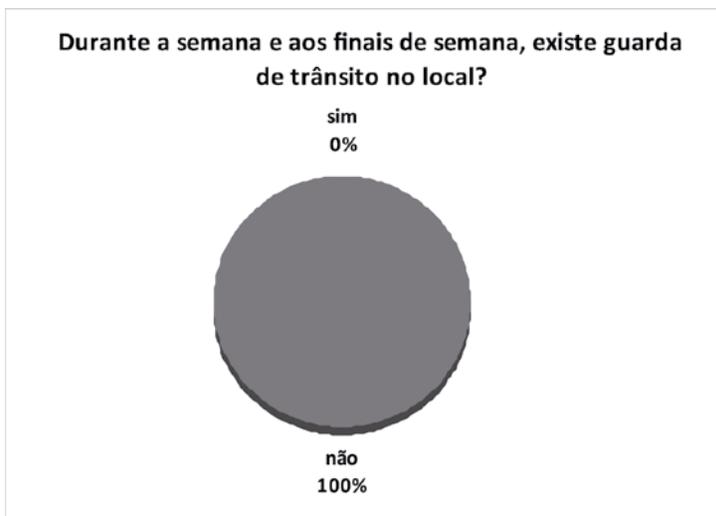
## **O SISTEMA DE TRÂNSITO**

O trânsito é o indicador mais perfeito de como anda a sociedade brasileira. Reflete a violência, o desprezo pelas leis, arrogância néscia, o desrespeito para com o próximo, o egoísmo e o “jeitinho brasileiro”.

Manaus é uma cidade em desenvolvimento, e como toda cidade que cresce, tem como principal característica, o caos no trânsito. Em Manaus temos o Departamento Estadual de Transito do Amazonas – DETRAN.

O DETRAN/AM é um Órgão Executivo Estadual de Trânsito, contemplando as determinações do Código de Trânsito Brasileiro, cumpre e faz cumprir a legislação e as normas de trânsito, controla o processo de formação de condutores e de suspensão e cassação, vistoria, inspeciona, emplaca, sela a placa e licencia veículos, além de coletar dados estatísticos, operacionalizando as medidas da Política Nacional de Trânsito, promovendo a Educação para o Trânsito junto aos condutores e pedestres, prestando serviços aos usuários e objetivando um trânsito mais seguro, pacífico e harmônico.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES



**Fig. 1** – Conforme o gráfico acima, constata-se que não existe a presença de guardas de trânsito no local durante a semana e também nos finais de semana, comprometendo a segurança do trânsito local.

Segundo o artigo 1º, § 2º do Código de Trânsito Brasileiro - Lei 9503/97, diz:

“O trânsito, em condições seguras, é um direito de todos e dever dos órgãos e entidades componentes do Sistema Nacional de Trânsito, a estes cabendo, no âmbito das respectivas competências, adotar as medidas destinadas a assegurar esse direito.”

Esta Fiscalização é exercida pelos agentes de trânsito. Antigamente, era competência exclusiva da Polícia Militar, como atividade decorrente do policiamento ostensivo de trânsito, que se trata de atribuição legalmente estabelecida a esta Corporação e, gradualmente, foi sendo transferida a pessoas devidamente credenciadas pelos órgãos municipais de trânsito, os quais foram reconhecidos pelo atual Código de Trânsito Brasileiro, com a chamada “municipalização do trânsito”.

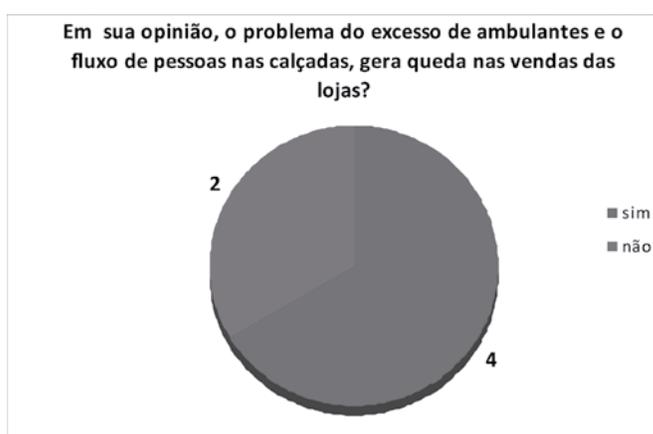


**Fig. 2** – Conforme o gráfico acima, constata-se que os ambulantes atrapalham o fluxo das pessoas nas calçadas, com isso os pedestres têm que andar pela rua, comprometendo assim a sua segurança.

Segundo o Art. 68º, Parágrafo IV do Código de Trânsito Brasileiro, diz:

“É assegurada ao pedestre a utilização dos passeios ou passagens apropriadas das vias urbanas e dos acostamentos das vias rurais para circulação, podendo a autoridade competente permitir a utilização de parte da calçada para outros fins, desde que não seja prejudicial ao fluxo de pedestres.”

Destinadas aos pedestres, as calçadas estão ocupadas por ambulantes que atrapalham a circulação nas ruas. A situação incomoda os transeuntes, que precisam se espremer para conseguir uma ponta de calçada ou são obrigados a invadir o asfalto. Pessoas se arriscam andando entre os carros, para os idosos ou pessoas deficientes a situação é ainda mais perigosa.

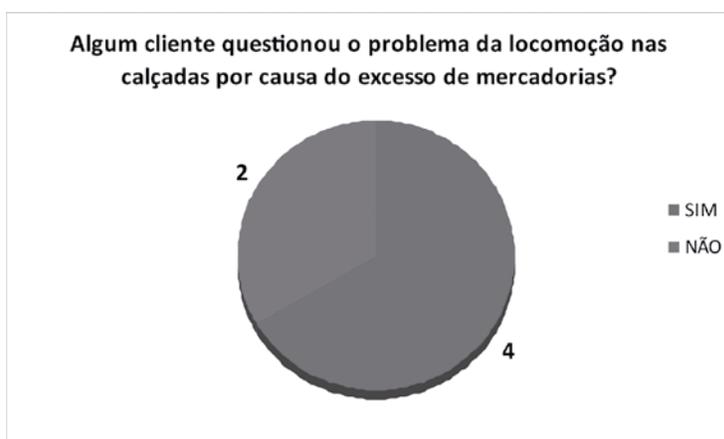


**Fig. 3** – Conforme o gráfico acima, constata-se que com o excesso de ambulantes nas calçadas gera queda nas vendas dos lojistas, que estão devidamente legalizados juntos aos órgãos públicos.

Segundo o Art. 2º, Parágrafo III da LEI Nº 1388, de 11/11/2009, diz:

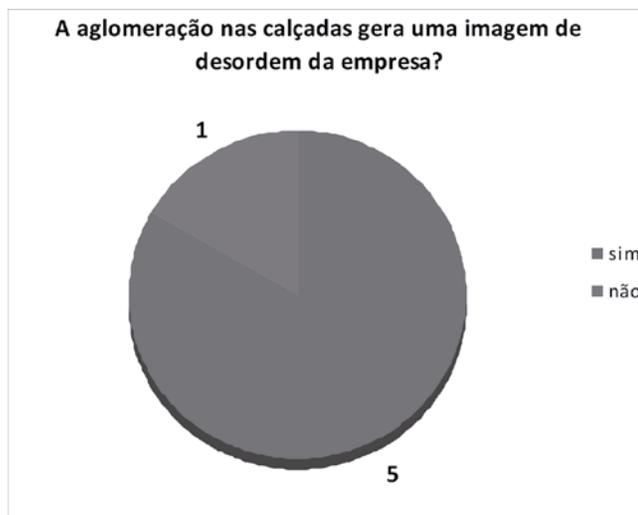
“viabilizar a instalação e permanência de centros de comércio popular destinados a abrigar as atividades de camelôs, ambulantes e artesãos exercidas em logradouros públicos, atendendo ao disposto no Plano Diretor<sup>1</sup> do Município de Manaus, e no Chamamento Público para credenciamento dos proprietários ou detentores de posse legal de imóveis que possam abrigar centros de comércio popular.”

Os ambulantes são uma das questões mais espinhosas no processo de reorganização da cidade. Nos últimos anos, foram especulados diversos projetos e o camelódromo até começou a ser construído. Mas desde que a obra foi embargada, pouca coisa efetiva aconteceu. Enquanto isso, o número de camelôs cresceu e andar pelas calçadas se tornou uma tarefa complicada.



**Fig. 4** Conforme o gráfico acima, constata-se que os clientes das lojas têm problemas de locomoção nas calçadas devido ao excesso de mercadorias expostas nelas, isso compromete as vendas dos lojistas.

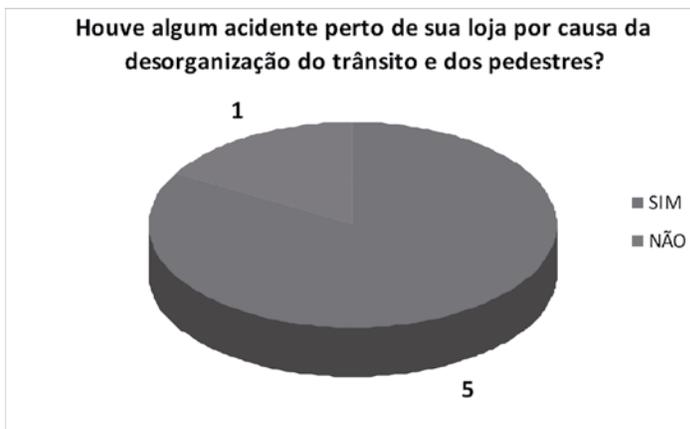
<sup>1</sup> Plano Diretor: é conjunto de leis que estabelece as diretrizes para o desenvolvimento socioeconômico e a preservação ambiental dos municípios regulamentando o uso e a ocupação do território municipal.



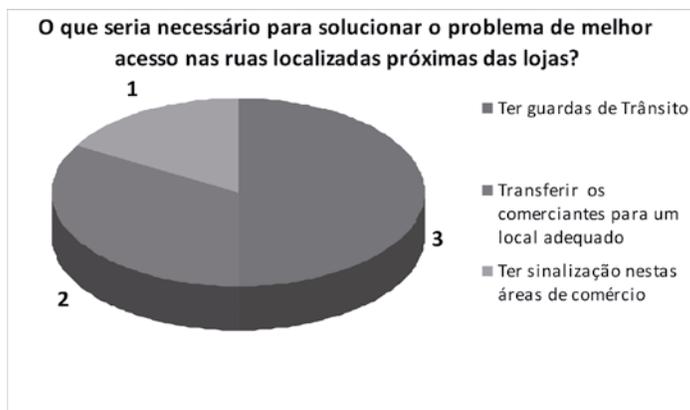
**Fig. 5** Conforme o gráfico acima, constata-se que a aglomeração de mercadorias nas calçadas gera uma imagem de desordem das lojas, porque os clientes não conseguem ter fácil acesso ao ambiente das lojas.



**Fig. 6** Conforme o gráfico acima, constata-se que as mercadorias expostas nas calçadas não dinamizam as vendas nas lojas, pelo contrário, as mercadorias nas calçadas acabam afugentando os clientes por falta de espaço para circulação.



**Fig. 7** Conforme o gráfico acima, constata-se que já houve acidentes próximo das lojas, devido a desordem no trânsito e da tentativa dos pedestres de chegarem na próxima ponta de calçada liberada.



**Fig. 8** Conforme o gráfico acima, constata-se que ter a presença dos guardas de trânsito iria solucionar o problema de melhor acesso nas ruas e calçadas próximos das lojas.

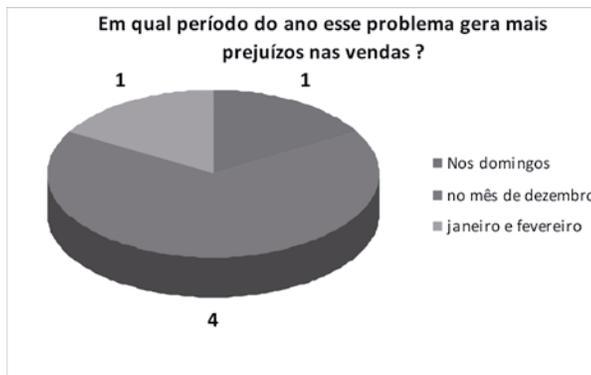
O Manual Brasileiro de Fiscalização de Trânsito- MBFT. 2011, diz:

“(…) o papel do agente de trânsito é desenvolver atividades voltadas à melhoria da qualidade de vida da população, atuando como facilitador da mobilidade urbana ou rodoviária sustentáveis, norteando-se, dentre outros, pelos princípios constitucionais da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.” (MBFT.2011).

O Agente de Trânsito controla e fiscaliza o trânsito através do poder de polícia administrativa, fiscalizando, além dos veículos, condutores, pedestres, obras em vias públicas, materiais sobre calçadas, dentre outros, a presença desse profissional é de suma importância para o bem-estar da população em geral, principalmente nas vias de maior fluxo, que é o caso do bairro São José Operário.



**Fig. 9** Conforme o gráfico acima, constata-se que a desorganização no trânsito deveria ser modificada com a presença dos guardas de trânsito, mais uma vez fica provado que a desordem é nitida.



**Fig. 10** Conforme o gráfico acima, constata-se que no mês de dezembro é o período onde acontece os prejuízos nas vendas dos lojistas, devido o problema da desordem, dos ambulantes nas calçadas com suas mercadorias, com isso impedem os clientes de entrarem nas lojas.

## CONCLUSÃO

Tomando-se por base a ideia de que o crescimento econômico ocasiona mudanças sociais e estruturais nos ambientes, a presente pesquisa detectou que tais mudanças na área estudada trouxeram além do desenvolvimento econômico um desequilíbrio espacial, ou seja, a desorganização dos transeuntes e dos veículos na área comercial do bairro São José I, com um trânsito caótico que tem sido a principal reclamação dos lojistas do bairro. A ausência de guardas de trânsito no local foi um dos principais problemas apontados pela população e pelos comerciantes locais, além das mercadorias expostas nas calçadas impossibilitando um trânsito efetivo de pedestres.

Conclui-se que a solução para esta realidade consiste em um planejamento da expansão comercial baseada em um plano diretor que contemple pelo menos o aspecto

da organização urbanística e a conscientização da população principalmente dos lojistas em evitar que mercadorias sejam expostas nas calçadas, além da disponibilização da prefeitura de guardas de trânsito no local, essas medidas provocarão um bem estar tanto para consumidores quanto para lojistas presentes naquela área comercial.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 2004, 4ª edição.

Código de Legislação de trânsito. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/anotada/2349906/art-1-par-2-do-codigo-de-transito-brasileiro-lei-9503-97>>. Acesso em: 26/04/13 às 21h.

Código da Legislação de trânsito. Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/legislacao-de-manaus/956371/lei-1388-2009-manaus-am.html>>, acesso em: 27/04/13, às 8h30min.

FURASTE, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**: Elaboração e Formação, Explicitação das Normas da ABNT. 14ª Ed.- Porto Alegre: s,n 2008.

Legislação de trânsito. Disponível em: <<http://www.denatran.gov.br/mbft.htm>>, acesso em: 27/04/13, às 11h.

Legislação de trânsito. Disponível em: <<http://www.detran.am.gov.br/?area=pagina&cod=1>>, acesso em 11/12/12, às 07h20min.

MANKIW, Gregory N. **Introdução à Economia**: princípios de micro e macroeconomia. Editora Campus, 1999. RJ.

MONOGRAFIA: **Urbanização e Regularização de Áreas Pobres no Recife**, PE: a experiência do PREZEIS 2008, Júlia Baptista Piancastelli de Siqueira.

Site da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Manaus. Disponível em: <<http://www.cdلماناوس.com.br/noticias.php?idN=267>>, acesso em: 10/09/12, às 18h30min.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia**. Editora Best Seller, 1999. SP.

SANTOS, José Odálio dos. **Avaliação de empresas**: cálculo e interpretação: um guia prático. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

SANTOS JUNIOR, Aldemir Pereira dos; PIMENTEL, Wanilce. **Metodologia do Trabalho Científico**. Aldemir Pereira dos Santos Junior e Wanilce Pimentel. - 1ª ed. - Manaus: Fametro, 2011.



## ESTUDO DAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DOS VOLUNTÁRIOS DE UMA ONG: UMA REFLEXÃO PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Eliane Chaves Pontes Brito<sup>1</sup> James Magalhães Sato<sup>2</sup>

(Recebido em 20/07/2013; Aceito em 20/11/2013)

### RESUMO

Verificar as características profissionais dos voluntários e seus reflexos para o mercado de trabalho é o objetivo deste estudo, para aferir as possibilidades de se adquirir competências e habilidades ao desempenhar funções contraditórias à sua formação profissional no tocante voluntariado expresso em Organização Não Governamental (ONG). Serão abordados breves fenômenos históricos decorrente do processo de industrialização ao que os trabalhadores recorrem como trabalho voluntário. A problemática é avaliar as competências e as habilidades dos profissionais voluntários que trabalham em uma ONG e sua relação com o mercado de trabalho, em que se encontra no molde atual competitivo e seletivo, requerendo qualificação profissional diante a era do conhecimento. Para isto buscou-se fundamentar o estudo aplicado em pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo com dezesseis colaboradores voluntários na ONG em Manaus/Am com base no voluntariado, tendo por método de abordagem a dialética para se fazer uma análise sobre a realidade aos fatos ocorridos nos processos históricos onde lhe causaram mudanças, utilizando a forma de abordagem quantitativo e qualitativo de maneira a avaliar os dados como informações necessárias à conclusão. Os resultados da pesquisa mostram que os voluntários são motivados a exercer sua função, não apenas como uma nova alternativa de reorganização do trabalho, mas para o empoderamento dos agentes voluntários para o estímulo espiritual, pois não precisam de recompensas para exercê-lo, enquanto aos desempregados falta mais progresso ao ensino para tal profissionalização.

**Palavras-chave:** Terceiro Setor; Competências e habilidades; Voluntariado.

<sup>1</sup> Faculdade Salesiana Dom Bosco. Especialização em Gestão de Pessoas. Aluna, turma de 2013, E-mail: eli-pontes@hotmail.com

<sup>2</sup> Faculdade Salesiana Dom Bosco. Mestre em Economia pela Universidade Católica de Brasília e professor do curso de Especialização em Gestão de Pessoas. E-mail: sato.adm@hotmail.com

## ABSTRACT

Check the professional characteristics of volunteers and your reflexes to the labor market is the aim of this study to assess the possibilities of acquiring skills and abilities to perform functions contradictory to their training regarding volunteering expressed in Non Governmental Organization. Will be discussed brief historical phenomena resulting from the industrialization process that workers turn to volunteer work. The problem is to assess the skills and abilities of volunteer professionals working in an NGO and its relation to the labor market, on the computerization market is competitive in the current template and selective, requiring professional qualification. For this we sought to confirm the study applied to literature, field research with colleagues in the NGO volunteers in Manaus / Am on a voluntary basis, with the method of the dialectic approach to be able to do an analysis of reality to events that occurred in historical processes which have caused changes, using the form of quantitative and qualitative approach in order to quantify the data and information necessary for completion. The survey results show that volunteers are motivated to do their jobs, not only as a new alternative to the reorganization of work, but for the empowerment of voluntary agents, to stimulate spiritual, they do not need rewards to exercise it, while the unemployed lack education more progress for such professionalism.

**Keywords:** Third Sector; Skills and skills; Volunteering.

## INTRODUÇÃO

Através da reestruturação do capitalismo, surge o desemprego estrutural, trazendo a diversificação do trabalho, o que torna este de menor despreparo para os profissionais cabendo-lhe o trabalho informal para abarcá-los, sendo uma alternativa de ocupação vista em Organizações Não Governamentais (ONGs) visualizados como voluntários por prestarem assistências em instituições.

A problemática do presente estudo é analisar as competências e habilidades dos profissionais voluntários que trabalham em uma ONG e sua relação com o mercado de trabalho, trazendo à tona a informatização pelo mercado em que este se torna mais competitivo e seletivo, o que irá requerer de todo profissional desenvolvimento as suas especificações, ou seja, mais qualificação e mostrará que suas competências e habilidades em voga contribuem para a organização em um novo processo de modificações.

Tendo por objetivo elucidar a importância do terceiro setor para o mercado de trabalho como uma nova demanda propulsora aos desempregados, à medida que se buscou estudar os conceitos de habilidades e competências na gestão de pessoas para saber como agregar valor a organização e obter sucesso realizável, competindo ainda a verificar o desenvolvimento de habilidades e competências conferidas aos voluntários, para que os mesmos possam atuar no mercado de trabalho.

O estudo foi aplicado em pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo em forma de questionários, com voluntários de uma ONG, buscou-se analisar também em teses, artigos científicos, monografias tendo por método de abordagem a dialética para se poder fazer uma análise sobre a realidade aos fatos ocorridos nos processos históricos onde lhe causaram mudanças, utilizando a forma de abordagem quantitativo e qualitativo de maneira a ponderar os dados como informações necessárias à conclusão.

Portanto o trabalho nas organizações contemporâneas traz mudanças e requer novos profissionais dotados de conhecimentos para agregar valor à empresa, o voluntariado como forma de trabalho quando cogitado para adquirir novas habilidades e competências perpassam o caminho de uma simples exterioridade, pois há empresas que trabalham estes aspectos e em decorrência disto cooperam para o acréscimo de uma carreira profissional.

## **I. DESENVOLVIMENTO**

### **I.1. Profissionais do Mercado de Trabalho Contemporâneo**

Na sociedade contemporânea o mundo do trabalho sofreu profundas mudanças, desde o início do processo de industrialização até os tempos atuais, com isso a relação do homem pode ser observado através do crescente envolvimento das pessoas com o seu trabalho e a vida profissional.

Assim, Antunes (2003) concorda que a variação ocorrida no modo de produção se dará de forma flexível com o processo de reestruturação do capitalismo no qual a crise do fordismo e taylorismo tende a contratar mão-de-obra por menor preço, diminuir a camada de trabalhadores e aumentar o desemprego alterando as relações de trabalho. Embora seja crescente o ingresso diversificado de trabalhadores no mercado de trabalho, percebe-se a flexibilização, a precariedade do trabalho, o mercado mais competitivo e com baixas remunerações nas relações sociais. Baseado no assunto, Antunes (2003, p. 170) conceitua as mudanças nos trabalhadores:

Essas mudanças criaram, portanto, uma classe trabalhadora mais heterogênea, mais fragmentada e mais complexificada, dividida entre trabalhadores qualificados e desqualificados, do mercado formal e informal, jovens e velhos, homens e mulheres, estáveis e precários, imigrantes e nacionais etc., sem falar nas divisões que decorrem da inserção diferenciada dos países e seus trabalhadores na nova divisão internacional de trabalho.

No entanto, partindo dessa compreensão percebe-se que a mudança ocorrida no mundo do trabalho deixou a classe trabalhadora diversificada, o que destaca de um lado a informatização surgida para intelectualização de uma parte limitada de operários, enquanto que outro componente passa pelo emprego temporário, precário competindo-lhe abarcar o propósito de que seja autossustentável.

Assim assinala Malschitzky (2011) que com a competitividade do mercado, requer o advento de um padrão de administração destacado em conhecimento através da reiteração do mercado com a era da informação. Ao qual é imprescindível o desenvolvimento de novas competências, para que se possa atender o atual molde das instituições e em prol do potencial das pessoas.

No que concerne ao conhecimento, contribuirá para a motivação dos profissionais, com a capacidade de aumento de sua empregabilidade ou a diminuição do mesmo, devido à veloz transformação organizacionais, em que se atrela ao perfil dos trabalhadores. Malschitzky afirma que:

É importante pontuar que capacitação das pessoas é um dos fatores críticos de sucesso para a sobrevivência das empresas, neste novo século. É

preciso prontidão para agir, ou seja, necessita-se de pessoas proativas que possa ousar, correndo riscos calculados, é verdade, mas que tentem buscar novas soluções para antigos problemas e se sintam motivadas a fazer isso. (Malschitzky 2011, p. 157)

Trata-se da versatilidade dos empregados, como salienta a citação acima é um processo terminante no mundo atual do mercado ao que garantirá a sustentação da organização e sua atuação no mundo corporativo, porém as informações muitas vezes parecem não estar ao seu alcance ou a desconhecem, competindo aos gestores à orientação para o bom desempenho das atividades dos trabalhadores, para que possam agregar valor à mesma.

Diante o exposto Sanches (2013) aborda as conveniências das empresas com relação ao perfil dos trabalhadores, em que desponta aos que possuem competências e habilidades distintas, sendo apropriados para realizar atividades em qualquer instituição, alcançando modificação e visão renovada.

No entanto, observa-se o desenvolvimento profissional, para que este se ingresse ao mercado de trabalho, em virtude do mesmo encontrar-se bastante seletivo o que compete aos profissionais que sejam aptos para o atendimento das reivindicações e as renovações extraindo melhores oportunidades. Em contrapartida a este denominador veremos a seguir uma das classificações de trabalho infundido pelo desemprego estrutural denominado de terceiro setor.

## **1.2 Histórico do Terceiro Setor**

De acordo com Montañó (2007) surge uma nova modalidade de enfrentamento da desorganização ao qual o capitalismo deixara a sociedade, a princípio o primeiro setor o Estado, o segundo setor o mercado para obtenção de lucro e por fim o terceiro setor que é a retirada do Estado de sua responsabilidade civil e passa a ser responsabilidade do próprio indivíduo e da sociedade quanto as suas necessidades. Dessa forma o autor contribui que:

[...] a função social das respostas as refrações da “questão social” deixa de ser, no projeto neoliberal, responsabilidade privilegiada do Estado, e por meio deste do conjunto da sociedade, e passa a ser agora de auto-responsabilidade dos próprios sujeitos portadores de necessidades, e da ação filantrópica, “solidária-voluntária”, de organizações e indivíduos... (MONTAÑO 2007, p. 15)

Diante do exposto surge a crítica que a ação filantrópica no que se refere o autor surgiu para defrontar-se com perspicácia a questão social, ocorrendo assim a financeirização das políticas sociais transmitidas às instituições, Organizações Não Governamentais (ONGs) dentre outros, e que por via de fato regenera os direitos dos cidadãos, observa-se assim o voluntariado, pois indivíduos se manifestam solidários com as necessidades alheias.

Assim existem vários conceitos, mas o que melhor se identifica é que este surgiu através dos movimentos sociais organizados, a que se refere ao Estado ficar fora de sua responsabilidade civil e passar a ser responsabilidade do próprio indivíduo e da sociedade, quanto as suas necessidades. Desse modo são compostos por instituições de interesse social, sem fins lucrativos. Afirma o site do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES):

[...] Nesta definição, agregam-se, estatística e conceitualmente, um conjunto altamente diversificado de instituições, no qual incluem-se organizações não governamentais, fundações e institutos empresariais, associações comunitárias, entidades assistenciais e filantrópicas, assim como várias outras instituições sem fins lucrativos.(BNDES 2001)

Desta forma compreende o terceiro setor, composto por inúmeras instituições voltadas a ajudar nas questões sociais, crescente pela ineficiência e elipse do Estado, são formados pela sociedade civil engajados na luta por igualdades sociais e direitos humanos.

Assim expressa a concordância de Tenório (2001), em que as organizações não fazem parte do Estado e nem minimamente acopladas, compreendendo de caráter público da forma como se trabalham as causas sociais em que, a despeito de serem sociedades civis privadas, não têm como finalidade o lucro, e sim o atendimento das necessidades da sociedade.

Com isso ocorre que o terceiro setor na visão de Borba; Borsa; Andreatta (2001) é crescente no Brasil e no mundo e que sua sobrevivência é dependente do poder público e doações que embora em pouco percentual, fica claro que precisa dos outros setores para alavancar, contudo através da competência do gestor na administração e gerenciamento dos projetos sociais, com o mesmo profissionalismo e competência das outras empresas, fornecendo a sua sustentabilidade.

Em conformidade, será mostrada a tabela abaixo do crescente terceiro setor no Brasil por regiões, conforme demonstra o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). A classificação das empresas por Grandes Regiões exibe contestações formidáveis em relação à idade. Entre as mais antigas, criadas até o final dos anos 1970, prevalecem as localizadas no Sudeste, 55,4% do total. Dentre os estabelecimentos mais novos, cresce a participação daquelas situadas no Nordeste, que representam 1/4 do total dos institutos criados de 2001 a 2010. Ficando bastante expressiva a participação da sociedade civil na região.

**Tabela 1: Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos, por faixas de ano de fundação, segundo grandes Regiões – 2010**

Grandes Regiões	Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos		
	Faixas de ano de fundação		
	Até 1970	De 1971 a 1980	De 1981 a 1990
	Percentual	Percentual	Percentual
	(%)	(%)	(%)
Brasil	100	100	100
Norte	1,7	2,6	3,8
Nordeste	10,7	11,1	17,3
Sudeste	58,1	54,4	47,8
Sul	25,9	25,6	24,4
Centro-Oeste	3,6	6,3	6,7

Grandes Regiões	Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos		
	Faixas de ano de fundação		
	De 1991 a 2000	De 2001 a 2005	De 2006 a 2010
	(%)	(%)	(%)
Brasil	100	100	100
Norte	5,1	5,6	6,2
Nordeste	27,4	26,5	24,1
Sudeste	40,2	41,0	44,0
Sul	21,1	20,0	19,0
Centro-Oeste	5,2	6,9	6,7

Fonte: IBGE, Diretoria de pesquisas, cadastro Central de Empresas 2010

Vale ressaltar que, com o crescente empreendimento do terceiro setor fundamentado em ONGs, por atuarem em área de problemas sociais, aspira ter perspectiva de designar e ampliar frentes de trabalho em âmbitos públicos não estatais, no qual exigirão dos participantes sociais habilidades e competências para aferir suas potencialidades na atuação da organização. O que requer o conceito das habilidades e competências para tal profissionalismo.

### 1.3 Análise Conceitual das Habilidades e Competências

Segundo Resende (2008) com a preocupação da organização em evoluções da tecnologia e o aumento crescente da competitividade, tem levado as empresas a uma constante busca pela modernização e racionalização do processo produtivo. Assim existe a necessidade de contar com pessoas mais qualificadas e competentes, sejam técnicos ou gestores, com isso surge o termo habilidade, que se encontra conceituada assim, “[...] a habilidade reflete a capacidade de uma pessoa em desempenhar várias tarefas necessárias para um dado cargo, ambas incluindo conhecimento relevante e habilidades específicas Malschitzky Schermerhorn Jr., Hunt, e Osborn (2011 p. 18).

Fica claro ao identificar o indivíduo com a sua prática, utilizando a sua capacidade para o alcance de objetivos propostos pela organização ou pessoal, em observância do próprio prestígio e ao saber de suas habilidades para o fazer profissional na execução das tarefas, ainda com confiabilidade de assimilar a conjuntura da organização, saberá atender nas resoluções de problemas ao alcance de objetivos para obter êxito.

Dessa forma reforça ainda que alguns elementos sejam predominantes para o desenvolvimento pessoal, no qual acarretará motivações a se planejar para um futuro almejado e deixa claro que a cooperação mútua é imprescindível no mundo corporativo.

Assim também é desencadeado o conceito de competência, sendo um dos mais utilizados pelos profissionais de gestão de pessoas proposto por Chamon (2008) apud Perry (1996, p. 196).

Competência é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que afetam a maior parte do trabalho de uma pessoa e que se relacionam com o desempenho do trabalho; a competência pode ser medida quando

comparada com padrões estabelecidos e desenvolvida por meio de treinamento.

No que concerne a competência é o empregar conhecimento através de ações, para serem úteis à organização e agregar valor a mesma. Compreendendo dessa forma, só será descoberto quando apreendido no contexto das modificações do mundo do trabalho, seja nas empresas, seja na sociedade.

Os conceitos apresentam as diferenças, mas ambas precisam uma da outra para se completar, possuindo uma única interpretação no qual é possível estabelecer o saber que requer conhecimentos e por em prática as determinadas ações para o saber fazer. Entretanto com estes fatores bastante evidenciados levará ao profissional, quer seja no trabalho voluntário, quer seja no âmbito institucional, maior credibilidade.

#### **1.4. Voluntariado: Desenvolvimento de Novas Habilidades e Competências**

Há uma associação alusiva ao voluntariado, no que concerne o terceiro setor, que são as instituições privadas, sem fins lucrativos, sendo indispensável primeiramente abordar a origem do voluntariado no Brasil. Para isso Borba, Borsa e Andreatta (2001, p. 67) afirmam que:

O trabalho voluntário no Brasil não é algo novo, pois pessoas motivadas, principalmente pelas suas crenças religiosas, dedicam parte de seu tempo a atividades relacionadas à caridade ou se engajam em entidades e instituições que prestam assistência a grupos sociais vulneráveis em busca de ampliar e assegurar direitos civis como saúde, educação, moradia, etc., ou em hospitais, asilos, creches, abrigos e em organizações não governamentais.

Em concordância nas declarações das autoras acima citadas Corullón (2013), contribui que este processo tem a participação das organizações clássicas, fatores religiosos e os diversos estabelecimentos voltados à saúde, sendo estes propulsores há décadas, trazendo subsídios relevantes na primazia do trabalho voluntário.

É observado que existe forte influência da igreja para a atitude de ajuda, ou seja, a critério de benevolência, pois a virtude de compaixão é bastante característica entre os seres humanos e, ainda, é evidenciado que se tem um histórico pertencente à assistência prestada aos anseios da sociedade, sendo os voluntários agentes primordiais dessas ações.

Dessa forma o que se destaca ao marco histórico é surtir uma importância ao trabalho voluntário para sua expansão sendo realizado um levantamento pelo Conselho da Comunidade Solidária de trabalhos realizados, instituições que estes atuavam e as dificuldades que os próprios encontravam onde Borba, Borsa e Andreatta (2001 p. 71) contribuem que:

... o Conselho da Comunidade Solidária decidiu desenvolver ações para o fortalecimento e a disseminação da cultura e do voluntariado no Brasil. Para tanto criou, em dezembro de 1996, o Programa Voluntários no marco do Programa de Fortalecimento da Sociedade Civil, por meio de um convênio entre o Conselho da Comunidade Solidária, o BID, a UNESCO e a Fundação Banco do Brasil.

Assim foi criado o programa para possibilitar o avigorar do processo cultural do voluntariado nas organizações, e a percepção que este processo teria que modificar no atual contexto com as habilitações voltadas aos voluntários e as instituições, visto que os serviços deveriam ser eficientes, em que na nova perspicácia do trabalho voluntário perpassa a filantropia. Com isto cresce a procura pelo trabalho voluntário, pois as atividades se tornam preconizadas diante as ações excessivas a serem desenvolvidas, no qual surgem centros de voluntários com propósito de atender as necessidades dos que precisam de subsídio, aos que querem disponibilizar o seu tempo para o trabalho, mostrando as suas competências e habilidades, em contrapartida a entidades devendo incitar o aprimoramento e a deslocação, a administração dos voluntários, na ocasião motivar e encaminhar ações voluntárias conforme as circunstâncias sociais, divulgar os conhecimentos dos trabalhos voluntários, impulsionar para a objetividade da visão e missão da organização. Para esclarecimento, tanto os voluntários quanto as organizações ganham vantagens fundamentais com o trabalho voluntário, através da pesquisa realizada pela Universidade de Harvard o portal voluntariado Promon vem explicitar que:

    Ao voluntariado há a descoberta de novas habilidades e competências; novos conhecimentos; desenvolvimento do espírito de liderança; maior entusiasmo; ampliação da sua visão de sociedade; ampliação do senso de cidadania; ampliação das relações sociais; diferencial curricular. E as empresas remetem-se ao maior comprometimento dos funcionários; desenvolvimento do sentimento de equipe; melhoria do clima organizacional – integração e motivação. Aumento da produtividade; maior valor perante o público interno; trabalho em equipe; fortalecimento da imagem institucional; entusiasmo.

Em virtude das ações realizadas por voluntários é observado um leque de conhecimentos e habilidades adquiridas que corroborará para a organização com indivíduos de visão mais ampla, bem dispostos a mudanças e levar a informação da instituição ao público externo.

Portanto para o reconhecimento desta modalidade é propagada a Lei 9.608, de 18 de fevereiro de 1998 a respeito da lei do voluntariado, onde descreve que é uma atividade não remunerada, não gera vínculo empregatício, não obstante de natureza trabalhista previdenciária, ou afim. E esta é praticada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.

## **1.5. Procedimento Metodológico**

### *1.5.1 Método de abordagem*

A pesquisa foi realizada pelo método dialético porque se buscou analisar de forma conflitante e contraditório a elucidação dos fatos que se dará com a reflexão sobre a realidade em que trará aos processos históricos ocorridos, mudanças significativas.

Portanto Fazenda et al. (2000 p. 75) aborda que a dialética situa-se, então, no plano da realidade, no plano histórico, sob a forma da trama de revelações contraditórias, conflitantes de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos.

### *1.5.2 Forma de abordagem*

Este estudo tem por método aplicado os dois: quantitativo e qualitativo, pois segundo Santos e Candeloro (2006 p. 72) o primeiro tem por objetivo mensurar algumas variáveis, transformando os dados alcançados em ilustrações como tabela, quadros, gráficos ou figuras. E o qualitativo permite ao pesquisador levantar dados subjetivos, bem como outros níveis de consciência da população estudada, a partir de depoimentos dos entrevistados.

No entanto os usos dos dois artifícios irão demonstrar em número as ideias e subsídios a fim de ter discernimento dos dados ao que chegará a uma conclusão e as informações quando forem tabulados poderão ser expressos por descrições, apropriando de aspectos pertinentes, aos comentários do público estudado.

### *1.5.3 Quanto à natureza das fontes utilizadas*

O presente estudo foi desenvolvido com pesquisa bibliográfica, questionários de pesquisa de campo e para melhor explicar o tema estudado foram consultados ainda monografias, teses, artigos científicos e pesquisas, com a finalidade de verificar os processos históricos que fomentou as características profissionais dos voluntários e seus reflexos para o mercado de trabalho, partindo do pressuposto de competências e habilidades profissionais que irão requerer nas organizações contemporâneas.

Assim afirma Lakatos e Marconi (2010) que a pesquisa bibliográfica tem a função de colocar o investigador em contato com o que foi redigido sobre determinado assunto.

### *1.5.4 População e amostra*

A pesquisa para se fundamentar é acrescida com a população ao que constitui um conjunto de pessoas com características próprias para que os dados sejam coletados, analisados de acordo com o limiar da pesquisa. E na amostragem é identificada uma parte da população, ao que corresponde uma quantidade apurada de informações, uma amostra.

Considerou-se o estudo aplicado em forma de pesquisa de campo com dezesseis voluntários de uma Organização Não Governamental (ONG), da mesma maneira que foi visualizado seu espaço de trabalho, o horário de disponibilidade, quais eram remunerados e voluntários, se atuam no mercado de trabalho, o fator motivação do trabalho que executa, verificou-se as profissões fundamentais e as funções que realizam na ONG.

### *1.5.5 Coleta e análise de dados*

Diante os assuntos realizados neste estudo, buscou-se resposta em Organização Não Governamental (ONG) estabelecida em Manaus/AM, a instituição tem por base o serviço voluntário. No estabelecimento trabalham 25 pessoas, mas somente 16 responderam os questionários pela disponibilidade dos horários, em que representa a maioria voluntária e dois atuam de forma remunerada.

O grupo foi fundado na Escola EstelitaTajós no dia 27 de abril de 2000 na gestão da professora Tereza Siqueira Tupinambá, sob coordenação da professora Adelacy Gomes Lima.Com o passar do tempo precisavam atingir os familiares dos alunos, onde em uma reunião de pais e mestres conseguiram pessoas onde a maioria era idosos moradores do bairro de educandos, em que a proposta era formar multiplicadores de informações e ações preventivas para o meio ambiente, saúde, cultura, educação, esporte, social e cidadania. O que formaram uma união escola, família e comunidade.

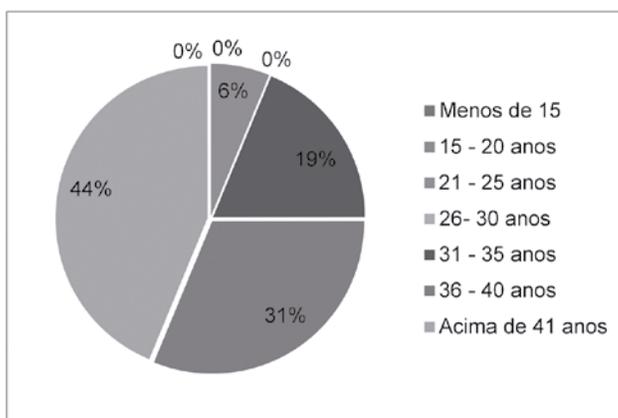
Atualmente a ONG é localizada na avenida Leopoldo Peres, nº 542 Educandos e chama-se Núcleo de Apoio Tereza Siqueira Tupinambá, tem por missão realizar uma assistência baseada na ideia do amor fraterno aos idosos e familiares; proporcionando melhores momentos em suas vidas e encaminhando-os; assistência essa que não visa interesses pessoais ou recompensa materiais; para exercê-la, segundo essa concepção, o critério exigido é a vontade de servir o próximo, sendo voluntário.

A instituição oferece um ambiente de acolhimento que facilita a formação integral do ser humano, onde cada um possa desenvolver suas habilidades cognitivas, alfabetização, geração de renda com artesanatos, psicossocial e espiritual, através de atividades como oficinas de artes e memória, recreações e excursões, passeios, atividades desportivas, coral e expressão musical, danças, atendimento pedagógico, psicológico, social, entretenimento e evangelização.

## 1.6 Análise dos Resultados

Os dados obtidos da pesquisa correspondem a uma porcentagem maior do gênero feminino com75% e masculino 25% que se dispõem ao voluntariado. Decorrente da faixa etária há uma prevalência de 31% para a idade acima de 41 anos, o que denota que os idosos tem mais disponibilidades para doar-se ao trabalho voluntário em comparação aos da faixa de menos de 15 anos com 0%, 15-20 anos 0%, 21-25 anos correspondem a 6 %, 31-35 anos 19% e 36-40 anos 31% como apresenta no gráfico 1.

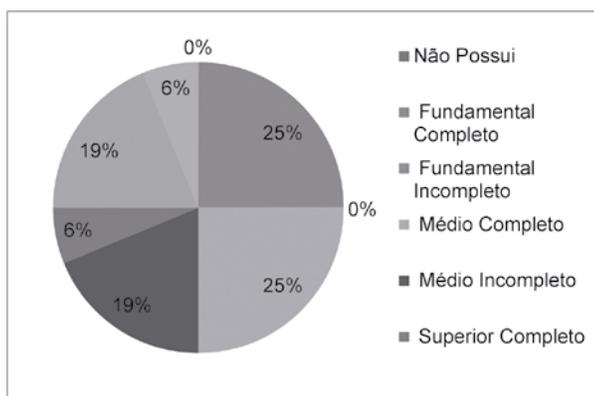
**Gráfico 1. Idade**



Fonte: Elaborado pelo autor

Em relação ao gráfico 2 correspondente à formação escolar, evidencia-se 0% aos que não possuem ensino, observa-se a equidade entre 25% do ensino fundamental completo, o que equivale 3 do gênero feminino e 1 masculino e Médio completo apenas 4 do gênero feminino e ainda há equivalência a 19% para ensino médio incompleto contando com 3 feminino e superior incompleto para 1 feminino e 2 masculino, no ensino superior completo 1 masculino e ensino superior com pós-graduação correspondem 6% com destaque para o gênero feminino.

**Gráfico 2. Quanto ao nível de formação**



Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto à indagação sobre a profissão observou-se diversas atividades com predominância na atividade doméstica. Assim ao responder de que forma atuavam no mercado de trabalho, os voluntários expressaram-se como empregado de carteira assinada constando 2 no gênero masculino predominando essa escala e feminino 1, ao se perguntar se possuíam empreendimento próprio chama atenção que no gênero feminino possui a maior procedência, enquanto ao desemprego é crescente no gênero feminino e trabalho informal apenas 1 e do sexo feminino que recorreu a esta alternativa demonstrada na tabela abaixo:

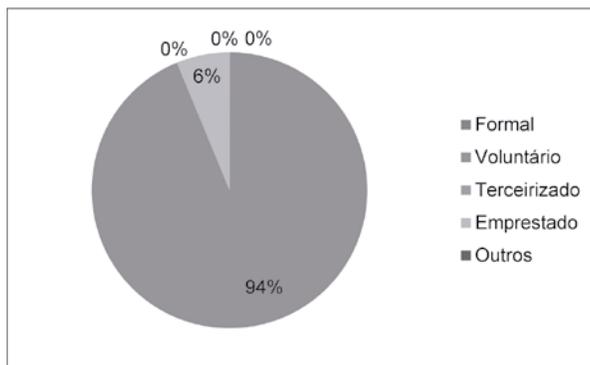
**Tabela 2. Em relação ao mercado de trabalho como você se encontra atualmente**

Gênero	Empregado com carteira assinada	Possui empreendimento próprio	Desempregado	Trabalho Informal	Total
Masculino	2	0	2	0	4
Feminino	1	5	5	1	12
Total	3	5	7	1	16

Fonte: Elaborada pelo autor

Assim a pesquisa no gráfico 3 aponta em relação à renda familiar com prerrogativa de 63% dos voluntários recebem de 1 a 3 salários mínimos, 31% 4 a 10 salários mínimos, e em último plano com 6% até 1 salário mínimo, o que compete em evidenciar os trabalhos feitos de forma voluntária por terem um percentual maior e está em voga com 94% voluntário e 6% emprestado.

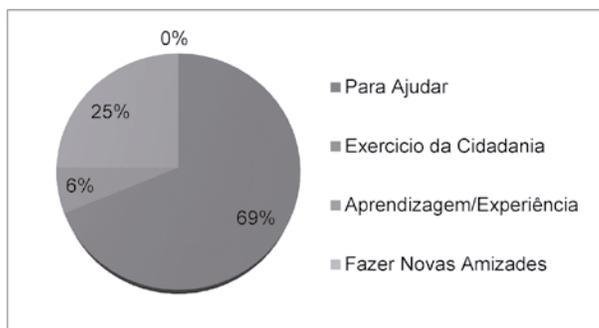
**Gráfico 3. Tipo de vínculo com a instituição**



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao serem questionados sobre o fator motivação do trabalho que executam, há um destaque no gráfico 4 com 69% para ajudar, 25% aprendizagem/ experiência, obtendo baixo percentual de 6% para o exercício da cidadania e 0% em fazer novas amizades. O que destaca no texto vem se fundamentar como método de ajuda, influenciada pela religião, em ocorrência são cristãos preocupados em fazer a diferença na sociedade dentro de uma ONG e no critério de aprendizagem/experiência é para se ter aperfeiçoamento de seu currículo profissional ao pouco percentual de exercerem a cidadania observou-se que são conscientes, mas o trabalho em si pode ser tratado neste sentido, pois é exercido dentro de uma organização que contribui para o bem dos que participam ativamente do processo de mudança social que são excluídas de direitos sociais.

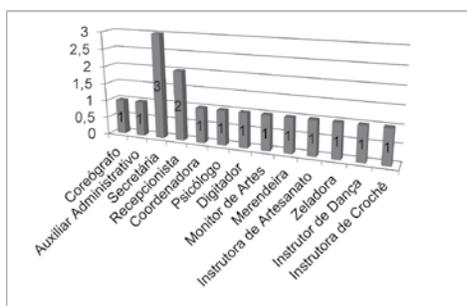
**Gráfico 4. Como você se identifica na ONG**



Fonte: Elaborado pelo autor

Com relação à função que exercem na Organização Não Governamental (ONG) houve uma distinção de atividades e em contrapartida as suas profissões, a maioria não desempenha a ocupação que descreveu, mas observou-se somente o psicólogo assumindo a função que é de sua profissão. Dessa forma, obteve-se o resultado no gráfico 5 com maior percentual de 19% como secretária, o segundo lugar com 13% para recepcionista, em terceiro lugar a 7% coreógrafo e auxiliar administrativo, e com menor proporção de 6% para recepcionista, coordenadora, psicólogo, digitador, monitor de artes, merendeira, instrutora de artesanato, zeladora, instrutor de dança e instrutora de crochê, deste modo o voluntário pode descobrir novas habilidades ao sobrepor seus conhecimentos.

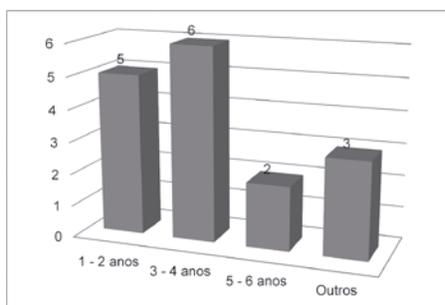
**Gráfico 5. Qual sua função na ONG**



Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto ao exercício do voluntariado foi perguntado se recebem alguma remuneração ao exercer a atividade, as respostas demonstraram com vantagem para 14 que disseram não e apenas 2 sim. Diante do exposto ao verificar quantas horas semanais se dedicavam ao serviço voluntário, sobrepôs-se 50% aos que disseram 4 à 6 horas semanais e equipara-se com 25% aos 2 à 4 horas semanais e 6 à 8 horas semanais. No gráfico 6 ao referenciar o tempo de colaboração na ONG, há maior concentração em 37% dos que indicam realizar as atividades entre 3 – 4 anos, aos 31% realizam tais ações entre 1- 2 anos, 19% para outros e com menor contemplação 13% entre 5-6anos.

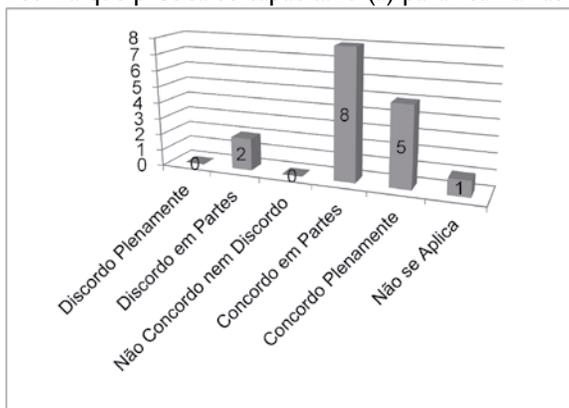
**Gráfico 6. Quanto tempo colabora com a ONG**



Fonte: Elaborado pelo autor

No gráfico 7 referente ao item competências e habilidades foi verificado em maior percentual de 50% aos que concordam em partes, visto que precisam estar capacitados para realizarem as atividades, em segundo lugar com 31% concordaram plenamente, aos 13% discordaram em partes, 6% demonstram que não se aplica ser capacitado, por conseguinte expressaram-se 0% em discordar plenamente.

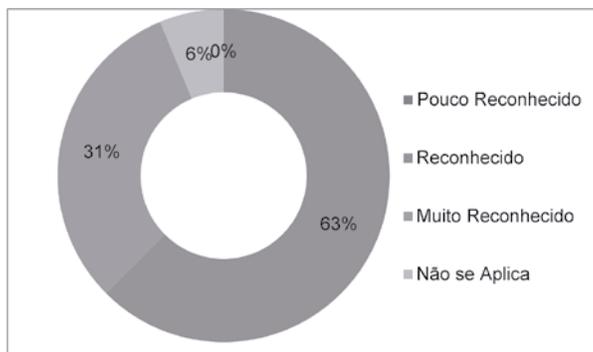
Gráfico 7. Concorda que precisa se capacitado (a) para realizar as atividades



Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto ao trabalho que executam a realização e o reconhecimento são fatores formidáveis que contribuirá para o desempenho das atividades com eficácia, diante disto responderam em proporção maior 56% sentem-se realizados com a ação executada e 44% muito realizado. Como demonstra o gráfico 8 para o sentimento de reconhecimento quanto ao exercício de voluntariado foram questionados e responderam de forma predominante 63% sentem-se reconhecidos pela tarefa que exercem, sendo 31% para muito reconhecido, 6% não se aplica e 0% pouco reconhecido.

Gráfico 8. Você se sente reconhecido pelo trabalho que executa



Fonte: Elaborado pelo autor

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa foi mostrar que o trabalho está presente na vida humana para dignificar o homem. Por meio da realização de uma análise diante dos aspectos relevantes decorrentes do processo de industrialização, teve como consequência diversas transformações na contemporaneidade em relação ao mercado de trabalho, tornando-se reorganizado para a classe de desempregados. Assim, na sua grande maioria inserindo-se no trabalho informal ou em instituições sem fins lucrativos.

Com destaque neste arcabouço, alguns buscam no trabalho voluntário sua própria sobrevivência psicológica, emocional ou estímulo para a vida espiritual. O estudo demonstra que a maioria é voluntários com renda mínima e apenas dois voluntários são remunerados. Observou-se também que a maior parte dos atuantes do voluntariado é do gênero feminino, por ter em aspecto da história as primeiras damas de caridade. A maioria é idosas, aposentadas que contribuem para a prática do exercício da cidadania pelo mesmo fator de serem solidárias ao se tornarem agentes multiplicadores.

Da amostra pesquisada de dezesseis voluntários, três tem trabalho formal fora da ONG. Acredita-se que é possível a aquisição de novas competências e habilidades ante o exercício da filantropia, ficando expresso na pesquisa realizada que durante o exercício das distintas tarefas profissionais pode-se absorver grande desenvolvimento profissional.

Em contrapartida ao trabalho formal evidenciado na pesquisa de campo encontram-se desempregados e destes dois são remunerados conforme previsto na Lei do Voluntariado 9.608/98, onde está descrito no art. 3º que o prestador do serviço voluntário pode ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias. Em alguns casos será remunerado para provimento das suas vicissitudes, percebe-se ainda a estagnação no ensino de menor proporção de ensino superior, ou seja, pouca qualificação no que se trata quanto ao mercado de trabalho, por permanecer competitivo e este requerer profissionais com pleno conhecimento para se efetivar progresso à organização.

Portanto a pessoa voluntária tem a autonomia de se trabalhar nos horários articulados sendo assim flexíveis, são motivados quanto ao trabalho que executam, sentem-se reconhecidos e realizados pessoalmente, mas para que se estabeleçam mais informações no trato do voluntariado é necessário que se possam ter mais acervos às bibliotecas para que as pesquisas sejam bem mais vantajosas.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo - **Adeus ao trabalho?** Ensaios sobre a metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho – 9. ed. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

BORBA, Elisabete Regina de Lima; BORSA, Lenyr Rodrigues; ANDREATTA, Roldite – **Terceiro setor: Responsabilidade social e voluntariado** – Curitiba: Champagnat, 2001.

BRASIL. Lei nº 9608, de 18 de fevereiro de 1998, que **Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências.**

CALDANA, Adriana Cristina Ferreira; FIGUEIREDO, Marco Antonio de Castro – **O voluntariado em questão: A subjetividade permitida** – USP, 2008.

CHAMON, Edna Maria Querido de Oliveira, (Org.) – **Gestão Integrada de Organizações**. – Rio de Janeiro: Brasport, 2008.

CORULLÓN, Mônica – **O trabalho Voluntário** – Portal do Espírito - [www.espirito.org.br](http://www.espirito.org.br) acesso em 21/05/2013

COSTA, Elcio Prado Martins da – **O sentido do trabalho voluntário e o terceiro setor: Um estudo de caso** – Taubaté: UNITAU, 2005.

FAZENDA, Ivani et al. – **Metodologia de pesquisa educacional** – São Paulo: Cortez, 2000.

FONSECA, Regina Veiga da. – **Metodologia do Trabalho Científico** – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

MALSCHITZKY, Nancy (org.). – **Pessoas e gestão: uma parceria sustentável** – São Paulo: Actual Editora, 2011.

MARCONI Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria – **Fundamentos de metodologia científica** – 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro Setor e Questão Social: Crítica ao padrão emergente de intervenção social**. 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

RESENDE, Enio – **Competência, sucesso, felicidade: Um roteiro prático para desenvolver competências destinado a executivos, líderes em geral, intelectuais, pais, professores, estudantes, empresários, políticos e profissionais liberais**. – São Paulo: Summus, 2008.

SANCHES, Larissa Rolim – **Empregabilidade: Uma exigência profissional** – Disponível em <[meuartigo.brasile scola.com](http://meuartigo.brasile scola.com)> – acesso em 24/05/2013.

SANTOS, Vanice dos; CANDELOORO, Rosana J. – **Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas** – Porto Alegre: RS: AGE, 2006.

SILVA, Neyde Maria de Faria Thomé da; Villela, Lamounier Erthal – **Fatores motivacionais no trabalho voluntário: Uma análise dialética à luz da sociedade pós industrial** – Rio de Janeiro: UNESA.

TENÓRIO, Fernando G. (Org.) – **Gestão de ONGs Principais funções gerenciais**. 5. ed. São Paulo: FGV, 2001.

**Terceiro Setor e Desenvolvimento Social**. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br>, 2001>. Acesso em 02/04/13.

**Vantagens do Trabalho Voluntário**. Disponível em: <<https://voluntariadopromon.v2v.net/posts/75>>. Acesso em 23/04/2013.



## ENFOQUES EPISTEMOLÓGICOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Eduardo Segura<sup>1</sup> Wanilce Pimentel<sup>2</sup> Josefina Barrera<sup>3</sup>

(Recebido em 02/09/2013; Aceito em 20/11/2013)

### RESUMO

Este estudo discute três enfoques epistemológicos que mais influenciam na construção do conhecimento e mostra como eles se apresentam na formação da identidade do professor que faz pesquisa, a partir do positivismo, a fenomenologia e o materialismo dialético. Entretanto, quando realizamos esse estudo identificamos três enfoques epistemológicos evidenciando uma relação com o ensino de ciências e de como elas possibilitam a produção do conhecimento por parte daquele que realiza a investigação. Assim, o estudo revela que a maneira de fundamentar o itinerário investigativo percorrido pelo investigador para a produção do conhecimento é fazer a análise epistemológica da relação sujeito e objeto, mostrando que o processo de consolidação da identidade do pesquisador, quer seja o foco centrado no âmbito do Ensino de Ciências, quer seja em outras vertentes, é imprescindível que se assuma o ato investigativo como uma ação pedagógica, contínua e constante, passível de flexibilização e longe de uma linearidade que vise ao engessamento do percurso em construção.

**Palavras-chave:** Positivismo; Fenomenologia; Materialismo/dialético; Professor.

### RESUMEN

Este trabajo discute los três enfoques epistemológicos que influncian más em la construcción del conocimiento y como ellos están presentes em la formación de la identidad del professor que hace investigación, que son : el positivismo , la fenomenologia

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia, Mestre em Ensino de ciências. Professor da Universidade Nilton Lins, Manaus, AM. Email: eduardozambar@hotmail.com

<sup>2</sup> Licenciada em Filosofia. Especialista em ensino superior. Professora da Faculdade Fametro. Manaus, AM. Email: wanilce.pimentel@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Ciências, coordenadora do doutorado em Rede REAMEC. Professora da UEA Manaus, AM Email;josefinabk@yahoo.com

y el materialismo dialéctico. Em el mismo se ve la relación de ellos com la enseñanza de la ciências y como possibilitan la construcción de conocimientos. Por eso para hacer investigaciones educativas se necesita de um análisis epistemológico em la relación sujeto –objeto y que ella sea assumida como uma acción pedagógica.

**Palabras llave:** Positivismo; Fenomenologia; Materialismo dialéctico; Professor.

## INTRODUÇÃO

Nossos olhares sobre as coisas, as pessoas e os fenômenos são sempre imbuídos de uma carga significativa de intenções. Por isso, a maneira como costumamos vivenciar as situações cotidianas, por mais que não queiramos, leva-nos a experienciar possibilidades de desconstrução e reconstrução de conhecimentos que ajudam a nos sentir mais humanos. O maior desafio neste processo está em desvendar, a partir de uma relação dialógica entre nós, o outro e o próprio mundo, quem efetivamente somos, quem é o outro, e como nós e o outro estamos dando sentido ao processo de desconstrução e reconstrução do que consideramos como o mundo.

Se resignificarmos a perspectiva apresentada aos inúmeros itinerários percorridos pelo investigador, descobriremos que há sempre uma intenção pretendida, quando aquele apresenta os processos e/ou produtos decorrentes dos percursos feitos. Por sua vez, o que ele busca, e que a ele se apresenta, não deixa de refletir uma maneira de observar o mundo, de experienciar as situações, a partir de relações arbitrárias ou dialógicas estabelecidas com o outro, que está como o sujeito que interage, direta ou indiretamente, com ele, ou seja, com o investigador. Sendo assim, não podemos ignorar a relação imbricativa existente entre as correntes de pensamento, consolidadas durante o itinerário percorrido pelo investigador, que originam um determinado conhecimento a ser refutado ou reproduzido por alguém.

Na busca por discutir tais questões, na tentativa de consolidar o itinerário que nos propusemos a fazer, organizamos este estudo centrado nas três correntes de pensamento que mais influenciaram a construção do conhecimento: a corrente positivista, a corrente fenomenológica e a corrente materialista-dialética. Cada uma dessas correntes de pensamento traz subjacente a sua epistemologia perspectivas teórico-metodológicas que as caracterizam, permitindo focar a questão do professor-pesquisador, a partir de questões centradas em investigações no Ensino de Ciências. Dado que essas correntes possibilitam problematizar alternativas metodológicas capazes (re) dimensionar esse ensino, a partir da compreensão do conhecimento científico não mais como verdade única e inquestionável, mas como um saber a mais que pode permitir ao pesquisador resignificar caminhos investigativos.

Isso posto, partimos do princípio de que somos sujeitos de múltiplos processos, que são experiências nas relações que construímos como os demais sujeitos, e retroalimentados principalmente por meio de matizes culturais que sofrem influências continuamente das distintas manifestações, que nos bombardeiam diariamente, das mais impressionantes e diversas formas. Nesta condição de sujeito que experiência um processo, nada mais importante do que procurar desvelar o que se esconde a partir de um propósito existencial. Para tanto, são necessários questionamentos do tipo: Como

estou me vendo? Como vejo os outros? Como vejo o mundo à minha volta? A partir dessas questões procuramos revelar a identidade do professor-pesquisador.

#### 1. Questões ontológicas que norteiam a concepção de professor-pesquisador

Como estou me vendo? Esta é uma pergunta que, contínua e constantemente, costumamos nos fazer, principalmente se adotarmos o verdadeiro princípio da percepção, tão necessário e evidente naqueles que procuram descobri-lo, em tentativas de apreensão daquilo que se apresenta como possível essência de um fenômeno que se mostra. É como descreve Merleau-Ponty (2006, P.84), [...] uma espécie de sentir que mais se assemelha a uma comunicação vital com o mundo que o torna como lugar familiar de nossa vida. É a ele que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura. Ele é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor.

Na condição de professor pesquisador, que consegue perceber a imbricação entre o fazer pedagógico e o fazer científico, adentrar nesta busca de possibilidade de compreensão do que se apresenta para nós, a partir da nossa imagem invertida naquilo que enxergamos no outro não é tarefa fácil, pois exige determinação e, principalmente, humildade para percebermos as nossas limitações no próprio processo de autoconhecimento. Isso nos leva a necessidade de refletir sobre outras duas questões: Como vejo os outros? Como vejo o mundo à minha volta?

Para efeito de respostas às perguntas, acreditamos ser necessária a construção do que chamamos de engenharia teórico-metodológica, como subsídio imprescindível a ser adotado por aquele que procura legitimar sua identidade de pesquisador, tomando como ponto de partida a condição existencial. Diante do exposto redimensionamos a discussão para um plano mais abrangente, com novas perguntas, centradas em pressupostos filosóficos, como: Que corrente de pensamento adotarei para sustentar os pressupostos ontológicos? Positivismo? Fenomenologia? Ou Marxismo Dialético?

As correntes de pensamento contemporâneo procuram “ganhar expressão” em grupos de pesquisa, academias, legitimando-se como pressupostos ideológicos, focados em uma determinada natureza de discurso. Além disso, mesmo que o pesquisador não as consiga perceber, elas exercem uma influência significativa nos inúmeros percursos que ele costuma fazer, na tentativa de “enxergar” o mundo à sua volta. Sendo assim, mesmo em uma condição ingênua, o pesquisador, a partir da forma como constata, e como diz o que constata, procura representar o que constatou, a partir de uma natureza ideológica, que não deixa de ser também apenas mais uma das formas de interpretação da realidade. Logo, não existe a “receita” para se fazer o percurso, na tentativa de desvendar elementos capazes de se compreender a realidade.

Nesse caso, a respeito do Ensino de Ciências, para não consolidarmos o nosso ponto de vista, a partir da criação de uma condição estereotipada, tomamos a iniciativa de buscar sentido às nossas inquietações nas diferentes formas como os teóricos desenvolvem pesquisas centradas naquela área de conhecimento. Procuramos, inclusive, ressignificar a respectiva discussão a partir do tipo de tratamento dado ao Ensino de Ciências, com vistas aos métodos centrados nas correntes de pensamento contemporâneo. A partir do exposto, procuramos discutir as três correntes de pensamento, priorizando aquelas que, efetivamente, temos percebido que influenciam direta e indiretamente no processo de identidade do professor-pesquisador.

# I. CORRENTES DE PENSAMENTO E SUA INFLUÊNCIA NA IDENTIDADE DO PROFESSOR- PESQUISADOR

## I.1 A Perspectiva positivista

O processo de legitimação do positivismo, na condição de corrente de pensamento, que também funciona como elemento norteador do pensar e do fazer de inúmeros investigadores que o adotam, de maneira consciente ou não, tem como precursores Augusto Comte (1789-1857), Herbert Spencer (1820-1903), Émile Durkheim (1858 – 1917). Essa corrente de pensamento prima-se pelo abandono da subjetividade, dos vestígios da religiosidade e da emoção. Os elementos organizadores da vida social são a razão e a filosofia como grau maior da evolução humana, que se sustenta a partir do conhecimento concreto, objetivo e sintético. Incide no princípio de que,

[...] o pesquisador, obtendo um conjunto de leis a respeito do fato observado, é possível e até necessário usar essas leis para observar outros fenômenos. Assim, o pesquisador volta ao estágio inicial da observação, agora enriquecida com a elaboração de leis que contribuirão para pensar seu objeto de pesquisa ainda mais cientificamente. [...] Quando o cientista consegue, com suas pesquisas, antecipar os movimentos dos fenômenos físicos e sociais (saber para prever), é possível dominá-los, determinar as leis que os regem e, com isso, usufruir melhor o mundo em que vivemos (prever para poder). Nesse contexto, é pela ciência que a humanidade pode desenvolver-se, é conhecendo a ordem dos fenômenos físicos e sociais que progredimos: ordem e progresso é o lema dos positivistas. (MEKSENAS, 2002, p. 78-79).

Além do exposto, como uma das formas para caracterizar esta corrente de pensamento, Comte distinguiu dois níveis de observação, no processo investigativo: a observação empírica e a observação positiva. A primeira incide na observação tida como “vulgar”, em que o investigador observa o fato, assim o faz nele próprio, sem a preocupação no estabelecimento de vínculos entre os demais fatos observados. Existe apenas uma preocupação em relatá-los, dissociados dos demais, como se fossem uma coleção de acontecimentos. A segunda forma de observação, por sua vez, só é possível através da adoção de um método, a partir de ações como selecionar o observado ou desmembrar ou fragmentar os fatos observados, ou relacionar, comparar, medir e estabelecer similaridades entre as partes estudadas; perceber as repetições daquilo que ocorre em cada fato observado; estabelecer leis que possibilitem a previsão de movimento, regularidade e comportamentos futuros do fato estudado. Outra forma de caracterização do positivismo centra-se no mito da neutralidade científica, como o único princípio norteador de se fazer ciência que, por fim, organiza a vida social, econômica e política a partir da racionalidade, visando ao bem comum da humanidade.

Além disso, por meio dos positivistas, as demais ciências foram matematizadas. Dentre elas, por exemplo, a Biologia, a Química, a Física, a Sociologia, a Economia e a Pedagogia também produzem ciência a partir da enumeração, catalogação, relações quantitativas numéricas e fatos, através das semelhanças, uniformidades e estatísticas. Consideram principalmente o princípio de que o que pode ser testado e experimentado pode ser compreendido.

Caso procuremos ressignificar a corrente de pensamento em questão a partir das investigações centradas no Ensino de Ciências, mais especificamente em práticas curriculares, poderemos encontrar algumas evidências em obras de repercussão nacional,

como é o caso de Metodologia do Ensino de Ciências, de Georg Joachim Hennig, publicada através da editora Mercado Aberto, de Porto Alegre, no ano de 1998. É uma obra constituída de oito capítulos, dispostos em 414 páginas.

Para efeito de sustentação de sua base teórica, dentre outros teóricos, Hennig cita e dialoga com: Marinho (s.d.) (conceito de didática); Rogers (1971) (conceito de observabilidade); Jones & Gerard e Mosquera (1982) (conceito de valores); Cervo & Bervian e Lemus (1972) (conceito de método); Michaelis (1974) (conceito de método científico). A respeito da natureza de método científico que Hennig cria, definindo-o como método do exemplo, parte de definições e diferenças sobre método e metodologia: “ordem que segue na investigação de uma verdade, no estudo de uma Ciência ou para alcançar um fim desejado”, e metodologia: “arranjo de escalões de ação, através de uma organização lógica, clara e coerente, de procedimentos” (HENNIG, 1998). Define também exemplo como sendo “tudo quanto pode ser imitado” (p. 200). Portanto, a definição de método do exemplo seria: “um procedimento pedagógico a ser utilizado para desenvolver formas adequadas de pensar (pensamento científico) e de agir (atitudes científicas) à semelhança do que faz um cientista.” (p. 201). Hennig (1998, p. 300) menciona dois aspectos importantes do método do exemplo:

1º – O método do exemplo pretende, através de diferentes “modelos” de descobertas científicas, convenientemente ajustados didático-pedagogicamente, sem alterar-lhes o conteúdo original, possibilitar que o aluno “visualize” as diferentes formas de pensar (pensamento científico, pensamento lógico, pensamento reflexivo) e do agir (atitudes científicas) cientificamente.

2º – O método do exemplo pretende que o aluno, após o “visualizar” das diferentes formas do pensar e do agir cientificamente, possa aplicar as formas do pensar e do agir na tentativa de soluções de novos problemas. É claro que, ao se envolver com um novo problema, o aluno terá que, necessariamente, fazer adaptações das ideias e ações originais para a nova situação experimental. É no fazer as adaptações das ideias e ações que o aluno tem sua grande e talvez única chance de ser criativo.

Outro aspecto que fazemos questão de mencionar, para efeito de sustentação do nosso propósito nesta discussão, é a fundamentação teórica que Hennig (1998) apresenta sobre a técnica da redescoberta, em duas modalidades: quando o trabalho experimental é feito pelo professor e o aluno intervém ou; quando cabe ao aluno a realização completa do trabalho e o professor conduz este a observar e interpretar os resultados sozinhos.

Sugere, também, um roteiro para o aluno, que funciona como texto de redescoberta, a ser apresentado pelo professor, que poderá incluir os seguintes itens: a) questões para discussão inicial; b) atividades a serem executadas; c) questões a serem respondidas no final. Tendo em vista esse roteiro, apresenta um experimento sobre efervescência do sonrisal e mostra um fluxograma de elaboração de testagem e redescoberta. Esse procedimento de testagem e melhora de redescobertas faz uso do método científico, e o professor deve executá-lo antes do aluno. Em seguida, temos a corrente fenomenológica que apresenta uma perspectiva epistemológica diferente na relação sujeito/objeto.

## **1.2 A Fenomenologia**

Como ciência a fenomenologia trata da descrição e classificação dos fenômenos. As bases epistemológicas foram construídas por Husserl (1859 – 1938) que teve grande

influência na filosofia contemporânea fundamentado em Platão e Descartes (TRIVIÑOS, 1987, p. 41-42).

A fenomenologia pode ser apresentada a prática científica como uma metodologia da compreensão, como filosofia crítica das ciências ou como uma estética da existência. “A fenomenologia como ciência das essências, análise eidética, diferencia-se da filosofia fenomenológica enquanto sistema de filosofia transcendental. A fenomenologia como técnica de análise eidética não sucumbi sob os golpes da crítica à fenomenologia transcendental” (BRUYNE, 1991, p. 74).

Segundo a fenomenologia, a filosofia como “ciência rigorosa” deveria ter como atributo designar as categorias puras do pensamento científico, mediante a “redução fenomenológica” ou a apresentação do fenômeno puro, livre dos elementos pessoais e culturais, atingindo assim a sua essência (CORDEIRO, 1999, p. 49).

A fenomenologia apresenta como conceito fundamental a noção de intencionalidade. Nesse caso, essa intencionalidade é da consciência que sempre está direcionada a um objeto. Assim, permite confirmar o princípio que não existe objeto sem sujeito. O termo intencionalidade, fundamental no sistema filosófico de Husserl é a característica que se manifesta a consciência de estar direcionada para um objeto. Sendo assim, não é possível nenhum tipo de conhecimento se a percepção não se sente atraído por algo, concretamente por um objeto (Triviños, 1987, p. 45). A intencionalidade torna-se “puramente descritivo, uma particularidade de algumas vivências” segundo Husserl. Desta maneira, a intencionalidade característica da vivência determinava que a vivência era consciência de algo (TRIVIÑOS, 1987, p. 45).

A Fenomenologia compreende o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas também a fenomenologia resgata a filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de seus fatos. Suspende as afirmações para poder compreendê-las. Compreende o homem através do mundo em que ele vive (TRIVIÑOS, 1987, p. 43).

A fenomenologia descreve os fatos, não tem por objetivo explicá-los e nem tão pouco, analisá-los. Seu principal objeto está no mundo vivido, ou seja, os sujeitos de forma isolada. Desta forma, a fenomenologia considera a imersão no cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis.

Portanto, é a corrente de pensamento que não está interessada em colocar a historicidade dos fenômenos e nem tão pouco, introduz transformações à realidade, ou seja, mantém-se conservadora; apenas estuda a realidade com o desejo de descrevê-la, ou apresentá-la tal como ela se apresenta, sem mudanças. Para isso, exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à nossa consciência, sem considerar conflitos de classes e nem mudanças estruturais (TRIVIÑOS, 1987, p. 47-48). “A riqueza da fenomenologia, ou seja, seu lado positivo é seu esforço por apreender o próprio homem subjacente aos esquemas objetivistas com os quais a ciência antropológica não pode deixar de recobri-lo o que evidencia a base necessária à discussão fenomenológica” (BRUYNE, 1991, p. 80).

No decorrer da pesquisa de cunho fenomenológico o ator da pesquisa evidencia-se com suas percepções dos fenômenos. Nesse caso, seu objeto principal está no mundo vivido, pois as vivências serão seus primeiros dados absolutos. A partir de então, o ensino de ciências caracteriza-se pela abordagem construtivista, cujo pressuposto fundamental

consiste em apropriar-se dos conhecimentos prévios dos alunos e com isso, estabelecer bases para a construção de um novo conhecimento. (CACHAPUZ et al, 2005, p.83).

No caso da pesquisa educacional, especialmente dos estudos de sala de aula, permite a discussão dos pressupostos do cotidiano e da rotina escolar. Nesse caso, a reflexão fenomenológica conduzirá o pesquisador quando se tratar de colocar problemas, hipóteses, de destacar conceitos com vistas à elaboração teórica, o que ela poderá garantir a fecundidade sempre renovada da pesquisa (BRUYNE, 1991, p. 79).

A fenomenologia tem por mérito a possibilidade de questionar os pressupostos estabelecidos pelo positivismo, elevando a importância do sujeito no processo de construção do conhecimento. Segundo Husserl “as vivências serão seus primeiros dados absolutos, pois o conhecimento intuitivo da vivência é permanente” (TRIVIÑOS, 1987, p. 44). Tais pressupostos distanciam-se da lógica marxista dialética.

### **1.3 A Marxista dialética/histórico-crítica**

Outra corrente de pensamento contemporâneo que detectamos como perspectiva legitimadora de pesquisas no Ensino de Ciências é a marxista dialética/histórico-crítica. Oriunda das ideias de Karl Marx, que critica a ideia de ciência pura, acima das relações sociais, centra-se no princípio de que ciência e tecnologia são produtos da história. Dessa forma, a ciência é produto da história, das relações dos indivíduos entre si e com a natureza. O pesquisador conhece, conceitua e pesquisa o mundo e o indivíduo, a partir de como ele age socialmente com e contra os seus semelhantes. Logo, homens e mulheres, no tempo e na natureza, constroem relações sociais de produção.

De acordo com Marx, os capitalistas e burgueses afirmam-se ao negarem às classes trabalhadoras uma parcela significativa do valor que elas produziram, e a que teriam direito. Sendo assim, a negatividade de classes carrega em si e por si uma dimensão positiva, visto que concebe os fenômenos em análise como sendo históricos, dotados de materialidade e movidos pela contradição: afirmação, negação e nova afirmação, ou seja, tese – antítese – síntese. Neste processo, o conhecimento dinamiza-se e se legitima na luta de classes, em que ciência e pesquisa são interpretadas como fenômenos, na manutenção da sociedade capitalista. Ademais, há a valorização da práxis individual a partir da práxis de classe, ou seja, a ação pessoal é fundamental para a legitimação da ação de classe.

Referente à legitimação do marxismo dialético em pesquisas no Ensino de Ciências, ilustraremos com a experiência de César Sátiro Santos, por meio da obra Ensino de Ciências: abordagem histórico-crítica, Campinas, publicada através da editora Armazém do Ipê, no ano de 2005. Com este estudo, Santos (2005) trata sobre a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), procurando explicá-la, a partir dos objetivos do marxismo dialético. O referido autor, apoiado em Saviani, declara que a PHC é incompatível com o capitalismo vigente e destaca os passos estruturantes da mencionada pedagogia, que são: partir da prática social, problematizar e instrumentalizar, apropriando-se dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento do problema, a fim de que possa ocorrer a catarse, que levará à incorporação dos instrumentos culturais, agora transformados em elementos ativos de transformação, viabilizando um retorno à prática social com uma visão mais ampla.

Portanto, conforme Santos (2005), a PHC resgata a identidade e valoriza os professores no processo educativo, sendo esses os motivos que o levaram à elaboração da obra. Faz-se necessário, todavia, conhecer mais a PHC, para verificar sua viabilidade no processo educacional brasileiro. Santos (2005) também esclarece e historiciza o marxismo dialético, a partir do diálogo entre Marx e os filósofos alemães Hegel e Feuerbach. Hegel é particularmente citado por Santos, quando comenta que a libertação está na mente do sujeito, e não é imposta pela luta real, a luta não liberta. Marx também é citado, quando declara ser o homem um sujeito histórico, autor do mundo e responsável pela construção de si mesmo, alterando a linha de pensamento de Hegel. Ainda usando Marx, o autor enfatiza que o homem não pode se libertar apenas pela consciência, mas pela práxis revolucionária, a fusão entre pensamento e ação, teoria e prática, filosofia e revolução. Por tanto a dialética é mostrada no contexto educacional como um gerador capaz de alterar, por meio do conflito, a realidade existente.

Sobre as tendências que dominam o Ensino de Ciências, que são a partir da história da ciência, do cotidiano e da atividade experimental, Santos afirma que a PHC engloba e supera todas. Sobre os passos para emancipação, fica evidente a importância de apenas três, dos cinco passos estruturantes da PHC, que são: instrumentalização, o momento catártico e o retorno à prática social.

Ao comentar sobre as disciplinas, coloca-as como elementos dificultadores para a implantação da PHC, de maneira que acaba evidenciando que ensinar num contexto dialético é construir com o aluno o quadro de relações e mediações, que levará ao estabelecimento do real, e também mostra a possibilidade de alterar o existente. Ressalta que o professor adepto da PHC não foge da contradição; procura enfrentá-la com os conhecimentos científicos.

Por outro lado, comenta que para que isso ocorra, é necessária uma sólida formação do educador, e só assim haverá possibilidade de abordagem da PHC no processo educacional. Exemplifica como cada matéria pode trabalhar no contexto histórico-crítico, interligando conhecimento clássico com a prática social, sendo a síntese a resultante dessa reflexão. A obra ainda destaca que a relação entre a teoria e a prática deve proporcionar mudança no indivíduo, para que este seja capaz de estabelecer novas conexões e agir com autonomia. Santos (2005) também dialoga com Sarup (1986), Vasquez (1986), Konder (1984), Chauí (2001), Lafebvre (1985), afirmando que estes teóricos caracterizam e justificam a adoção da PHC na Educação e no Ensino de Ciências.

Conforme Sarup (1986 apud SANTOS, 2005, p.28) apresenta a definição de dialética em Hegel "A dialética é a única maneira pela qual podemos alcançar a realidade e a verdade como movimento interno da contradição". Em outras palavras, o movimento cíclico da realidade e o conhecimento geram contradições, que oportunizam novas análises.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após abordar a respeito das três correntes de pensamento contemporâneos que influenciam os pesquisadores em seu cotidiano, consideramos imprescindível a percepção, por parte daquele que pratica o ato de pesquisar, qual ideologia está subjacente ao processo de consolidação do itinerário do pesquisador, fato que caracteriza aquele que investiga as questões relacionadas ao Ensino de Ciências. Dessa forma, apesar de termos convicção de que o processo de consolidação da identidade do pesquisador não acontece em um passe de mágica, quer seja o

foco centrado no âmbito do Ensino de Ciências, quer seja em outras vertentes, é imprescindível que se assuma o ato investigativo como uma ação pedagógica, contínua e constante, passível de flexibilização, e longe de uma linearidade que vise ao engessamento do percurso em construção.

O ato de pesquisar precisa que sejam legitimadas cada vez mais perspectivas investigativas para o redimensionamento do Ensino de Ciências, com o intuito de demonstrar que as diversas maneiras de ressignificar os respectivos conhecimentos vinculados àquela vertente de ensino não estão centradas apenas nos aspectos cognitivos. Há outros aspectos como a contextualização, a percepção e os demais elementos sinestésicos que precisam ser levados em consideração.

Além de tudo, torna-se imperativo que seja quebrado o mito de que ensinar Ciências implica apenas na transmissão de conteúdos científicos, por meio de ações pontuais. Pelo contrário, é um ato que precisa ser experienciado como oportunidade para reflexões e questionamentos da própria condição humana, e da importância da relação de interdependência entre os demais seres vivos, na preservação dos diversos sistemas que sustentam a vida no planeta.

Por fim, precisamos assumir uma nova postura frente aos novos desafios que este mundo em constante mutação nos apresenta, mesmo reconhecendo que não é tarefa fácil dar sentido para a nossa história, comprometendo-nos com a história de mundo que somos participativos, integrantes e, também, na construção do novo construir.

## REFERÊNCIAS

BRUYNE, Paul de, et all. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica.** 5 ed. Rio de Janeiro - RJ: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1991.

CACHAPUZ, António (et all.). **A necessária renovação do ensino de ciências.** São Paulo: Cortez, 2005.

CORDEIRO, Darcy. **Ciência, pesquisa e trabalho científico: uma abordagem metodológica.** 2 ed. Goiânia: Ed. UCG, 1999.

HENNIG, Georg Joachin. **Metodologia do Ensino de Ciências.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa Social e Ação Pedagógica: conceitos, métodos e práticas.** São Paulo: Loyola, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANTOS, César Sátiro. **Ensino de Ciências: abordagem histórico-crítica.** São Paulo. Campinas: Armazém do Ipê, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

# RELATO DE EXPERIÊNCIA





## FANFARRAS: UMA GESTÃO PARTICIPATIVA

Oromides Rezende de Souza Junior<sup>1</sup> Neylanne Aracelli de Almeida Pimenta<sup>2</sup>

(Recebido em 20/07/2013; Aceito em 15/10/2013)

### RESUMO

Nesta pesquisa investigou-se o trabalho desenvolvido pelos Regentes de Bandas e Fanfarras escolares da cidade de Manaus-AM. Analisando sua metodologia de trabalho, ensino aprendizagem, sua formação e relação com o Gestor Escolar e quais as justificativas, funções sociais, organização e contribuições que essas agremiações trazem para os jovens e adolescentes da escola e comunidade. Assim como os benefícios da inclusão da música no currículo escolar pela Lei nº 11/769/08, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica, sendo que os sistemas de ensino têm três anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas e compreender como a Lei está sendo interpretada pelos agentes envolvidos: gestores, professores, alunos e comunidades dentre outros e refletir sobre quais os seus benefícios para a educação brasileira.

**Palavras-chave:** Gestão; Música; Fanfarras e Educação.

### ABSTRACT:

This research investigated the work of the Regents of the Bands Fanfares and students from the city of Manaus-AM. Analyzing its working methods, teaching and learning, their training and relationship with the School Manager and what the justifications, social functions, organization, and contributions of these associations bring to the youth and adolescents in school and community. Besides the benefits of including music in the school curriculum by Act nº 11/769/08, which provides for the mandatory teaching of music in the schools of basic education, and school systems have three academic years

<sup>1</sup> Bacharel em música/trombone pela Faculdade Mozarteum (SP) 1996, Pós-graduando em Gestão Escolar pela Faculdade Salesiana Dom Bosco (AM).

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Professora do Curso de pós-graduação em Gestão Escolar. Orientadora do artigo.

to adapt to the demands established and understand how the law is being interpreted by the actors involved: managers, teachers, students and communities among others and reflect on what its benefits for Brazilian education.

**Keywords:** Management; Music; Fanfares and Education.

## INTRODUÇÃO

Em meio à rica cultura amazonense, com seus bois-bumbás, cirandas e suas festas tradicionais surgem às fanfarras<sup>3</sup>, como um trabalho geralmente realizado dentro das escolas que atendem alunos e comunidade.

Com sua gestão e ensino peculiares, auxiliam a relação comunidade-escola, já que representam as escolas em diversos eventos como desfiles cívicos, datas comemorativas, apresentações em praças, ruas, ginásios, estádios, participações em concursos, dentre outros.

Estão entre as agremiações ligadas à criação e divulgação cultural de cunho popular menos estudadas no Brasil. Geralmente abandonadas ou esquecidas e sobrevivendo com o esforço e determinação de seus músicos e regentes<sup>4</sup>, e têm sido um dos meios mais utilizados no ensino elementar da música instrumental nas áreas de sopros e percussão.

## I. FANFARRA

Uma fanfarra pode e deve ser considerada o início de tudo para a formação de um jovem músico, ela é o berço para a educação musical e social do indivíduo. De formação simples e de fácil organização, emite um grande efeito sonoro, de características não encontradas em outros grupos.

Esses grupos utilizam duas classes de instrumentos musicais: os metais<sup>5</sup> e percussão<sup>6</sup>, Lima (2007) caracteriza as fanfarras, como segue:

São bandas estudantis, com formas peculiares de organização, que desenvolveram aspectos estéticos e técnico-musicais próprios, no intuito de expandir suas práticas para diversos espaços sociais de cidades e interior: avenidas, ginásios, praças, igrejas, centros de lazer, empresas públicas e privadas, dentre outras. (2007, p. 20).

As fanfarras são vistas pelos gestores das escolas como uma forma de integrar a escola com a comunidade, tendo em vista que os integrantes são oriundos da escola e comunidade, a fanfarra é uma forma de trazer a comunidade para dentro da escola, além

<sup>3</sup> A palavra fanfarra tem recebido variações de usos conforme diferentes culturas e épocas. Os principais significados são: *fanfarre* como toque utilizado com propósitos militares ou da caça; como indicação de floreios dos trompetes; como banda de cavalaria; como grupo musical que utiliza instrumentos de metais lisos (sem pistões) acompanhados de percussão.

<sup>4</sup> Regente é o termo usado para qualificar aquele que rege uma orquestra ou coro.

<sup>5</sup> Metais é o nome dado a instrumentos musicais de sopro cujo método de ativação é a vibração dos lábios, são eles: corneta, cornetão, souzafone, bombardino, trompetes, trompa, trombone e tuba.

<sup>6</sup> São instrumentos musicais cujo som é obtido através da percussão (impacto), raspagem ou agitação, com ou sem o auxílio de baquetas.

de realizar apresentações pela cidade e interior: desfiles cívicos, campeonatos<sup>7</sup>, praças, ginásios, ruas, dentre outros, divulgando o nome da escola.

## **2. A MÚSICA NA ESCOLA PESQUISADA: CONCEPÇÃO DA GESTÃO, PROFESSORES E ALUNOS**

Utilizando o método dialético e para as abordagens de pesquisas foram utilizadas: entrevistas, depoimentos, vivências, narrações, técnicas bibliográficas, histórias de vida, pesquisa-ação e pesquisa-participante.

Em pesquisa de campo, atuando na condição de observador participante, acompanhando ensaios, desfiles, apresentações, viagens, campeonatos, dentre outros, efetuando registros por meio de fotografias, filmagens, diário de campo, entrevistas gravadas e declarações por escrito.

Foram utilizados, como materiais empíricos prioritários no estudo, os depoimentos, os testemunhos e as entrevistas realizadas. Traçando comparações entre a fanfarra pesquisada com outras agremiações, adentrando no mundo das competições com entrevistas a regentes, coreógrafos, integrantes, voluntários, comerciantes, dentre outros.

Com a entrevista realizada com os integrantes, percebeu-se que eles preferem estar participando dos ensaios, mesmo nos finais de semana e muitas vezes exaustivos, durando horas, ao invés de estar na rua.

O gestor participa diretamente de suas atividades: autorizando os ensaios nos finais de semana, liberação de uma sala própria para guardar os instrumentos, liberação de recursos financeiros para a aquisição de uniformes, instrumentos, dentre outros.

Os professores entrevistados se mostraram satisfeitos com as atividades realizadas pela fanfarra, relataram que essas atividades fazem com que os alunos se tornem mais sociáveis dentro da sala de aula, mas também ressaltaram que em alguns momentos as atividades atrapalham as aulas pelo volume do som dos instrumentos durante os ensaios.

Os moradores da comunidade relataram que tem um grande fascínio pela fanfarra da escola, por que faz com que a escola tenha atividades sociais nos finais de semana, além de ocupar os jovens da comunidade com atividades educacionais e mostraram sua admiração quando veem os ensaios de marcha que são realizados pelas ruas do bairro.

Ao acompanhar os ensaios, percebeu-se uma grande socialização entre os integrantes, pois os alunos mais avançados auxiliam os mais inexperientes, passam seus conhecimentos. São comuns os alunos se reunirem em outros horários até mesmo em outros locais para ensaiar, para aprender o instrumento ou ler partitura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência como educador musical, ensinando, aprendendo, intervindo, registrando, julgando, analisando e conversando com alunos, oriundos destas corporações, nos permitiu refletir sobre seus modos de atuação.

---

<sup>7</sup> Consiste na criação de vários concursos, em diferentes regiões do Estado, nos quais as bandas e fanfarras inscritas participam de etapas eliminatórias até a fase final. Existem concursos realizados isoladamente, sem vínculos com os Campeonatos Estaduais, promovidos por prefeituras, associações e empresas interessadas.

A criação de uma fanfarra em uma escola pública, principalmente na cidade de Manaus, justifica-se pela carência que um jovem de periferia tem em estudar música, haja visto que na fanfarra ele tem aula de prática instrumental: corneta, cornetão, bombardino, tuba, caixa, prato e bumbo, dentre outros e aulas de teoria musical, tudo de forma gratuita e com direito a utilizar uniformes, material didático fornecidos pela instituição, sem nenhum custo para o aluno.

Para a aquisição do uniforme da fanfarra, há uma articulação entre o regente da fanfarra e o gestor da escola, para a realização de festas beneficentes, apresentações em empresas, bailes, bingos, dentre outros, para a arrecadação de fundos para compra de uniformes ou de materiais para a confecção, já que muitas mães de alunos se prontificam a confeccionar os mesmos.

Percebe-se que nas escolas pesquisadas, geralmente, possuem dois grupos, uma fanfarra e uma banda marcial, onde os alunos iniciantes integram primeiramente a fanfarra, sendo orientados pelos integrantes mais experientes, que fazem parte da banda marcial. As músicas que são tocadas pelas fanfarras são geralmente de cunho popular, e compostas por músicos da própria região.

Há também um grande aprendizado de disciplina, porque além de aprenderem música, eles também fazem ensaios de marcha, com coreografias e garfo.

A participação das fanfarras nos concursos promovidos pelo Governo do Estado e Prefeitura Municipal é um caso a parte, há uma grande rivalidade entre elas, elas ensaiam durante meses a fio, passando cada detalhe, corrigindo notas, fraseados, afinações, fazendo um fundo musical para a coreografia da linha de frente, que realiza coreografias encantando o público.

As bandas e fanfarras são o celeiro de muitos músicos, os alunos iniciam nas fanfarras e, ao se interessarem vão estudar em escolas específicas de música, no caso de Manaus, no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro e quando pretendem obter a profissionalização ingressam na Escola Superior de Artes e Turismo UEA. Há alguns casos de alunos que iniciaram em fanfarra na cidade de Manaus e hoje integram a Orquestra Amazonas Filarmônica.

## REFERÊNCIAS

BASTIAN, Hans Günther. **Música na escola:** a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança. São Paulo: Paulinas, 2009.

BRUM, Oscar da Silveira. **Conhecendo a Banda de Música: Fanfarras e Bandas Marciais.** Rio de Janeiro: Ricordi, 1987.

COUTO, Ana Carolina Nunes; SANTOS, Israel Rodrigues Souza. **Por que vamos ensinar música na escola?** Reflexões sobre conceitos, funções e valores da educação musical escolar. ANPPOM, 2009.

ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FIGUEIREDO, Sergio. Associação Brasileira de Educação Musical (Lei 11. 769/2008), Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.org.br/noticias7.html>>. Acesso em 12/06; 2010 às 20h.

LIMA, Marcos Aurélio de. **A banda estudantil em um toque além da música.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

LIMA, Ronaldo Ferreira de. **Bandas de música, escolas de vida.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

PEDROSA, Stella Maria Peixoto de Azevedo. **Jovens de fanfarra:** memórias e representações. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu Ensino.** Porto Alegre: Sulina, 2008.

SOUZA, Jusamara de. **O que faz a música na escola.** Porto Alegre, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons que vêm da rua.** São Paulo: 34, 2005.

## RESENHA





## CONFLITOS DE CLASSE SOCIAIS NA INGLATERRA NO SÉCULO XX BASEADO NA OBRA CINEMATOGRAFICA HOWARDS END

Alexandre de Menezes Aguiar<sup>1</sup>

(Recebido em 20/07/2013; aceito em 11/11/2013)

### RESUMO

Este artigo pretende discorrer sobre os conflitos de classes sociais ocorridos na Inglaterra pela adaptação cinematográfica de James Ivory do romance *Howards End* de Edward M. Forster. O escritor, conhecido por se um humanista, aborda a temática das diferenças de classes por meio de suas três famílias que representam os respectivos grupos sociais. Os Wilcoxes e as irmãs Schlegels (burgueses) e a família Bast (proletário). As famílias têm suas vidas entrelaçadas no enredo e a residência simbolicamente representa uma alegoria do país durante o período de transição. É nesse período em que a economia fica em ascensão, isso quer dizer que a classe rica torna-se evidente e estabilizada. Em contra partida a classe proletária luta para desenvolver-se em meio a desigualdades social e dificuldades impostas pelas classes sociais. Tais conflitos exemplificam o materialismo dialético vivido pela sociedade em voga.

**Palavras-chave:** Conflitos de Classe; Relações Interpessoais; Estratificação Social; Ascensão Econômica; Proletariado.

### ABSTRACT

This essay intends to discuss about social clashes occurred in England by the cinematographic adaptation of James Ivory over the novel *Howards End* by Edward Morgan Forster. The writer, known by his humanist affection, approaches the thematic of differences clashes through his families representing the social layers in the novel. The Wilcoxes and the Schlegels (bourgeois) and the Bast (proletarian). The families have their lives connected in the History and the house represents symbolically an allegory

<sup>1</sup> Graduado em Letras Língua inglesa pelo Centro Universitário do Norte Uninorte. Pós Graduado em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa pelo Faculdade Barão de Mauá e Mestrando em Estudos Literários Pela Universidade Federal do Amazonas.

of the country during the age of transition. It is in this time that economy is ascending, this means that, the richer class becomes in evidence and stabilized. On the other hand, the proletariat struggles to develop themselves among social inequalities and difficulties imposed by social conventions. Such conflicts exemplify the dialectical materialism lived by the society in that time.

**Keywords:** Classes Clashes; Personal Relationships; Social Stratification; Economic Rise; Proletarian.

## INTRODUÇÃO

Baseado no romance de Edward Morgan Forster, retorno a “*Howards End*” narra a História das irmãs Schlegels, Margaret (Emma Thompson) e Helen Schlegel (Helena Bonham Carter) que frequentam as residências da família Wilcox. Henry Wilcox, protagonizado pelo ator Britânico sir Philip Anthony Hopkins, é um bem sucedido homem de negócios que fez fortuna nas colônias e que detém várias propriedades. Margaret, a irmã mais velha, tornou-se muito amiga da senhora Wilcox (Vanessa Redgrave) uma dama da alta sociedade que se encontra muito doente. Em seu leito de morte ela decide escrever uma carta concedendo os direitos da residência à Margaret. Apesar de ser ignorada pela família Wilcox, os caminhos de Margaret e Henry Wilcox entrelaçam-se, unindo-os matrimonialmente. A adaptação cinematográfica do romance feita pelo cineasta Americano James Ivory reproduz toda narrativa verossímil contida na obra e traz às telas do cinema todo o sucesso do romance. Esse realizador de filmes nos Estados Unidos ficou conhecido por suas valiosas contribuições ao cinema. Ivory Merchant Production (produções de Ivory) desenvolvem grandes sucessos que lhe rendeu consagração mundial.

O autor faz uma associação alegórica entre a residência e a Inglaterra a qual se torna visível no filme o retorno a *Howards End* durante o período de transição (continuação da revolução industrial) correspondendo ao início do século XX e que alavanca a economia do país. No romance, o protagonista Leonard e sua esposa Jacky representam a classe trabalhadora. Eles são pobres, passam diversas privações e não conseguem uma posição na sociedade. É nesse período da História que o materialismo dialético ainda influencia grande parte dos detentores de propriedades, consolidando a concepção de que as classes inferiores deveriam possuir bens ou propriedades para ocupar alguma posição na sociedade. Karl Marx assinalava que (MARX 2012, p.111).

Todo possuidor de mercadoria considera, portanto, equivalente geral de todas as outras mercadorias. Mas todos os possuidores raciocinam do mesmo modo. Assim, não há equivalência geral, e o valor relativo das mercadorias não possui forma geral em que se equiparam como valores e se comparam como magnitudes de valor. Não se estabelecem relações entre elas, como mercadorias, confrontando-se apenas como produtos ou valores de uso.

Com essa concepção em mente, a sociedade inglesa excluía os desprovidos de capital, difundindo assim tal ideologia. O materialismo dialético influenciava os membros da

sociedade Inglês e excluía os destituídos de capital ou propriedades. No romance, Henry Wilcox constantemente exortava Margaret acerca de suas relações com pessoas sem bens materiais. Ele dizia que tais pessoas não eram confiáveis e não poderiam trazer valores à sua vida. Ainda à medida que Margaret recebia Leonard em sua residência, sua amizade com o corretor consubstanciava-se refletindo assim o lado humano e social que deveriam existir na sociedade. Esse recorte que o autor faz entre as personagens sugere as relações humanas como mecanismo igualitário em uma sociedade extremamente discriminadora e desigual. As dificuldades que Leonard tinha em se relacionar com os Wilcoxs perpassam tais concepções, e por ser desprovido de bens materiais, não era aceito por Henry e demais integrantes do clã. Apesar do estabelecimento de grandes empresas no país e a crescente transição entre o velho e o novo, a Inglaterra passava por um período delicado em sua História. O desemprego cresceu abruptamente apesar de existirem fábricas e siderúrgicas se instalando no país. Isso gerou desespero e angústia nos cidadãos londrinos e imigrantes que buscavam oportunidades no país.

O historiador Hobsbawm<sup>2</sup> assinala que durante a década de 1824, Londres passava por um período delicado em sua História. A classe proletária que estava envolvida em movimentos que os favorecessem, buscava melhorias no trabalho e redução na jornada de trabalho. Uma vez que com a construção de inúmeras ferrovias e instalações de fábricas, os trabalhadores eram obrigados a trabalhar longas jornadas recebendo baixíssimos salários. Além disso, esses trabalhadores não obtinham qualquer auxílio médico, financeiro ou psicológico durante o período em que trabalhavam nas empresas. Essa massa de operários agrupou-se iniciando protestos em prol de condições favoráveis à classe baixa. É nesse período que os Trades Unions<sup>3</sup> surgiram representando essa respectiva classe. Os sindicatos eram a única opção que os trabalhadores tinham de manifestar publicamente seus direitos, pois na Inglaterra havia vários movimentos comunistas ideológicos que perpassavam a ideologia de uma sociedade desigual, baseando-se nas propriedades e bens adquiridos. Tal concepção consubstanciou-se ao poucos nas camadas sociais influenciando a aristocracia e excluindo a classe pobre.

No plano social, Forster transmite uma preocupação com a classe desprovida da sociedade e sugere uma intervenção lógica a fim de torná-la igualitária. Ao comparar os demais romances do autor com *Howards End*, tem-se a temática recorrente entre conflitos sociais na sociedade. Tais assuntos que sugerem ser críticas do escritor contra a sociedade em questão. A mensagem do romance sugere harmonia e, sobretudo, união entre as classes. Segundo (MINICUCI 1982, p. 26) diz “A compreensão dos outros, um dos aspectos mais importantes nas relações humanas, é a aptidão para sentir o que os outros pensam e sentem. A essa aptidão denominamos sensibilidade social (...)”. Ao que parece o autor demonstra essa sensibilidade por meio de suas personagens femininas, as irmãs Schlegels, pois, elas constantemente auxiliam os necessitados e lutam por causas nobres.

Por outro lado, seguramente as características das personagens em *Howards End* são reflexos das leituras que Forster fez sobre as obras de Jane Austen. Ele lia constantemente seus trabalhos os quais o influenciaram na construção das personagens em seus romances. A propósito, a inserção do núcleo familiar é uma temática recorrente utilizada por ele nas suas narrativas, propondo assim a consolidação de valores sociais e

---

<sup>2</sup> Hobsbawm, Eric. *The Age of Revolution. New York, Vintage, 1962, p.27*

<sup>3</sup> Trade Union ou Labour Union são nomenclaturas utilizadas ao sindicato Inglês que visam regulamentar e fiscalizar as leis trabalhistas dos operários.

igualitários em uma sociedade ríspida e exigente. Logo Forster orquestrava os eventos pertinentes ao cotidiano do dia a dia e os desenvolvia em suas narrativas aproximando o leitor dos fatos e acontecimentos vigentes. Essa peculiaridade de inserir suas personagens no meio de conflitos sociais e extrair soluções tornou-se um traço marcante do autor. Tal característica é vista romance *Northanger Abbey* ao comparar Catherine Morland com as irmãs Schelgels de *Howards End*, percebe-se que ambas têm o mesmo papel no romance, o de presenciar os conflitos e mostrar soluções. Em *Northanger Abbey* a crítica contra a futilidade e discriminação social é vista em:

A conversa logo se voltou para estes assuntos, dos quais a discussão aberta geralmente aperfeiçoa uma súbita intimidade entre duas jovens damas, tais como vestidos, bailes, flertes e esquisitices. A senhora Thorpe, porém, sendo quatro anos mais velha que a senhorita Morland, e pelo menos quatro anos mais informada, tinha uma vantagem decididamente ampla em discutir tais temas. Ela podia comparar os bailes de Bath com os de Tunbridge, suas modas com as de Londres [...] <sup>4</sup> (citação) Tradução minha.

Em vista disso, Jane Austen propõe a dissociação de alguns elementos na sociedade burguesa tais como: a soberba, discriminação e futilidade capital. A transposição desses elementos são claramente observados no filme do diretor Jon Jones, o clássico *Northanger Abbey* passa ao leitor as situações hostis e conflituosas que a heroína enfrentava em Bath. Catherine Morland, protagonizada pela atriz Felicity Jones, contracenava com Henry Tilney (JJ Feild) neste clássico do cinema Inglês. As adversidades e desventuras que ela enfrentava no centro da sociedade inglesa de sua época sugerem que a autora deseja aduzir o leitor a uma reflexão sobre tais valores.

Forster sugere que sua mensagem ecoe em meio a sociedade e para tanto, ele o faz em praticamente toda sua coletânea literária, tais aspectos são vistos em *A Passage to India* (1924) e *A Room with a View* (1908). As adaptações do diretor David Lean retomam a questão da conexão proposta pelo escritor em *Howards End*. No primeiro ele utiliza as duas principais personagens, a senhora Moore, protagonizada pela atriz Peggy Ashcroft e Adela Quest, interpretada por Judy Davis. Ambas tentam motivar o pobre Azis, médico indiano que passa por diversos infortúnios. A senhora Moore, em um encontro inesperado com ele em uma mesquita à noite, passa a conhecê-lo melhor e assim entender sua cultura e costuma, conhecendo assim um outro lado de sua personalidade. Com isso, inicia-se uma grande amizade que incomodará a elite inglesa nesse país.

Ela revela-se ser uma pessoa boa e compreensível às adversidades que ele é subjugado. Logo se infere que a narrativa do livro é fruto das observações que o autor fez durante o período em que viveu na Índia. Suas amizades e relacionamento influenciaram-no a escrever o romance que se tornou sucesso mundial. Vale ressaltar que durante esse período, a Índia passava pelo período de ocupação inglesa em que havia limites impostos aos indianos, assim como conflitos raciais. As adaptações cinematográficas do filme perpassam ao telespectador um recorte deste período obscuro que essa nação enfrentou por conta da ocupação do raj.

O filme dá ao telespectador uma visão clara deste sistema opressor que subjugava a população indiana. Ademais impunha restrições a membros das camadas sociais. Tal

---

<sup>4</sup> Their conversation turned upon those subjects, of which the free discussion has generally much to do in perfecting a sudden intimacy between two young ladies: such as dress, balls, flirtations, and quizzes, Miss Thorpe, however, being four years older than Miss Morland, and at least four years better informed, had a very decided advantage in discussing such points; she could compare the balls of Bath with those of Tunbridge, its fashions with the fashions of London [...]

segregação racial em *A Passage to India* é vista em *Howards End* formas diferentes, mas como as mesmas características. Os eventos históricos reforçam a plano imaginário em que a narrativa fantástica se sucede, tornando os aspectos geográficos verossímeis. Os trens lotados de passageiros trazendo mercadorias, animais à deriva nas ruas, militares britânicos em todas as esquinas das ruas, tudo isso reporta o leitor ao período de ocupação inglesa na Índia. O domínio Inglês influenciava todo o percurso da vida nessa colônia. O diretor David desenvolve um perfeito teatro ao miscigenar as personagens envolvidas no enredo (militares Ingleses e cidadãos Indianos) concomitante aos costumes e tradições do país. Tais elementos criam situações similares aos foram presenciados na Índia mostrando ao leitor um recorte da vida oprimida que os cidadãos indianos eram submetidos.

Com a apresentação da senhora Moore e Adela Quested à Índia<sup>5</sup> (FORSTER, 1992). Ambas são bem recebidas com hospitalidade pelo povo indiano. Contudo as personagens percebem logo nos primeiros dias o regime totalitário que estava acontecendo nesse lugar. Discriminação racial, imposição, nepotismo e julgamentos injustos, esses são alguns dos elementos que o cineasta recria nas filmagens para dar mais realismo a narrativa do romance. Esses conflitos nas Colônias reforçam o reflexo dos choques culturais e da discriminação racial ocorridos nas classes sociais nas colônias. Ao interligar *Howards End* com *A Passage to India*, por meio dos eventos ocorridos durante essa ocupação, Forster traz o verossímil e traz novamente os eventos históricos que marcaram esse lugar. Aspectos culturais, religiosos e sociais são interligados a estrutura narrativa da obra. Apesar de Azis ser formado em medicina, isso não lhe garante direitos de frequentar certos lugares em seu próprio país, fato que traz para a obra uma análise da intolerância e imposição britânica frente aos indianos de frequentar alguns específicos lugares estando eles em sua própria terra. Até mesmo aqueles que possuíam alguma posição social alta com cargos jurídicos não recebiam atenção e respeito devido. Um dos reflexos dessa discriminação é percebido no clube Inglês onde os indianos eram proibidos de adentrarem lá.

Referente aos aspectos geográficos contidos em *Howards End* e *A Passage to India*, nota-se que em ambas narrativas o escritor apropria-se de lugares verossímeis que forneçam realismo aos fatos que propõe. Os eventos mencionados na Índia e Londres aproximam do verossímil. Ao fazer isso, Forster interliga os romances por contextos similares ocorridos em lugares opostos. Essa destreza em recriar tais eventos é traço marcante do autor, os cineastas James Ivory em *Howards End* e David Lean em *A Passage to India* recriam todos os pormenores dos romances de Forster contextualizando-os e recriando costumes, tradições e eventos da época.

Essas adaptações cinematográficas feitas pelos diretores de ambas as obras reforçam a tradição e regionalismo peculiar nesse país e, recriando o cenário perfeito para suas personagens. Como em praxe, Forster parte do viés de que o mundo de separação e conflitos raciais tende a sucumbir. O revés dos conflitos sociais e intolerância das classes desencadeiam situações catastróficas no mundo atual. Tais elementos adensam o enfoque narrativo do romance de Forster, sejam elas injustiça, egoísmo, ou intolerância. Nos prólogos de ambos romances, o autor traz uma similaridade de fatos que desencadeiam ideias. As irmãs Helen e Margareth Schlegels mencionadas em *Howards Ends* são alegres e independentes, elas tentam auxiliar os integrantes da classe baixa que são excluídos dos grupos sociais. A senhora Moore e Adela Quested solicitam a companhia de um indiano

---

<sup>5</sup> FORSTER, Edward Morgan. *A Passage to India*. USA: Everyman's Library, 1992.

(Aziz) para tomarem chá durante à tarde. A título de exemplo, os romances transmitem o pensamento unitário do autor de união e busca congregar todas as classes em um só lugar na sociedade. A voz feminina parece amenizar a tensão e defender as causas nobres. Elas possuem um papel significativo, são mediadoras de injustiças e opressões e gradualmente os eventos se desenvolvem ao redor destas mulheres que logo partem em defesa dos desfavorecidas.

Pode-se logo extrair do romance contextos sociais e Históricos na Índia provenientes de longas datas. O autor George Bruce afirma que entre 1746 a 1819 ocorriam muitas atrocidades no país devido à resistência do povo indiano e frequentes resistências. Ele assinala que “(...) aquelas crueldades eram ocorridas em Plassey, uma das mais decisivas batalhas jamais enfrentadas anteriormente no país. A guerra de Plassey rendeu aos ingleses uma posição em Bengal, Bihár e Orisá, aparentado ao suserano. O nativo legislador a quem apontam ter pago uma homenagem e acordado em empreender nenhuma empresa estrangeira sem sua autorização.”<sup>6</sup> (citação).

O autor retoma uma narrativa de eventos do passado obscuro que o país enfrentava. Isso quer dizer que esses lugares mencionados tornam-se uma referência aos eventos que compõem suas narrativas. O autor concentra-se em multiplicar esses fatos atrelados aos eventos que aguçam o imaginário e sugerem críticas. Em *Howards End, A Passage to India* e *A Room With a View*, Forster retoma as sucessivas situações dramáticas entre os conflitos sociais. A temática central dos romances (união) sobressai no clamor das personagens que sugere a igualdade. Em *Howards End* os conflitos de classe social ocorrem na Inglaterra em um período de transição onde existem movimentos comunistas e totalitários. Em *A Passage to India*, os conflitos retomam o período de ocupação no país desde a guerra de Plassey até os dias atuais. Forster desnuda a História e coloca em cena o foco social da Inglaterra em questão, refletindo os acontecimentos que marcaram essa época.

Por fim, em *A Room With a View*, contracenam Lucy Honeychurch, protagonizada pela atriz Helenna Bonham que luta contra a visão tradicionalista que a sociedade Inglesa submetia, essa variedade de acontecimentos mencionadas nessas composições literária refletem a importância do tema para o escritor. Assim elencam-se dois comentários acerca dos conflitos de classes sociais em *Howards End*. O primeiro é que a família Schlegels surge como intermediadora dos conflitos, ela simboliza o desejo do autor de unir as classes a fim de evitar os eventos catastróficos como discriminação e desigualdade na sociedade. O segundo, a postura de Henry Wilcox define o perfil da burguesia que possuía a mentalidade de subjugar os trabalhadores com a ideologia de exploração em massa. Posto que apesar de adversidades de Leonard e das solicitações de Margaret em favor dele, Henry desmedidamente ignorava o ocorrido e exigia que ela se afastasse dele devido à diferença de classe. Tem-se esse perfil burguês em face aos operários da época, pois apesar de sua postura séria e respeitosa para com sua família, ele revela-se um adúltero oportunista quando se envolveu em uma relação extraconjugal com Jacky Bast, companheira de Leonard, e que o reconhece anos depois em uma cerimônia de casamento.

Cumpra lembre que Paul, filho de Henry Wilcox, revela ter as mesmas qualidades aristocratas herdadas pelo pai. Ele é o filho mais velho da família, centrado nos negócios,

---

<sup>6</sup> Those Cruelties were avenged at Plassey, one of the most decisive battles ever fought. Plassey gave the English a position in Bengal, Bihár, and Orisá, akin to that of overlord. The native ruler whom they appointed paid them homage, and agreed to undertake no reign enterprise without their approval.

demonstra ser uma personagem agressiva e extremamente violenta. Seu papel no romance é de personificar o lado negativo da burguesia. Ao tomar conhecimento da carta escrita por sua mãe outorgando *Howards End* a Margareth Schlegel, ele fica inconformado com tal decisão e a todo custo tenta desarticular a decisão da matriarca. Apesar de se extrair péssimas qualidades dos membros da família Wilcox, o antagonismo evidente neste clã não é característica de todos os membros da família. O gesto nobre da senhora Ruth Wilcox de entregar sua residência a Margaret desassocia tal impressão. A matriarca desmistifica essas características negativas de seu caráter quando retoma as ideias de união entre os povos ao dizer que o mundo seria melhor se não houvesse desigualdades sociais. Nos primeiros capítulos do romance, ela se mostra apaixonada por sua residência, revelando assim o patriotismo e materialismo que as pessoas tinham pelas propriedades. Contudo, apesar da ligação sentimental, ela se desfaz de seu maior bem no leito de morte. Essa visão humanitária não era compreendida pelos membros do Clube Inglês de Artes<sup>7</sup> ao qual agradecia não fazer parte.

Logo o sentido que Forster transmite nesse momento, o perfil submisso que as mulheres tinham na sociedade em questão, pois havia limitações para a classe feminina. Contudo, Margaret constantemente repreendia Ruth dizendo haver um equilíbrio entre homens e mulheres e que ambos devem crescer juntos. O tradicionalismo Inglês é visto nos primeiros capítulos do romance como um mecanismo soberbo e opressor, a Helen Schlegel, frustrada com o Paul Wilcox, decide escrever uma carta a sua irmã Meg e nesta lamenta o envolvimento com ele na carta e informa todas sua rotina na residência dos Wilcoxes. É nesse momento em que o autor utiliza sua personagem para descrever a residência da família, seus detalhes e informações revelam ao leitor sua importância e significado. “é pequena e velha construída com tijolos vermelhos, tem dois pisos e três sótãos enfileirados e há um jardim com árvores frutíferas”. Localizada em Hertfordshire no interior da Inglaterra, a residência é na verdade uma Cottage House (casa de campo) onde os Wilcoxes passavam as férias. Forster entrelaça os caminhos de Henry e Margaret após a morte da matriarca. O autor entrecruza Leonard e Helen durante uma apresentação de ópera no Queens Hall (Salão da Rainha). Nesse ponto, dá-se o início das relações sociais entre às classes<sup>8</sup> no romance.

À medida que a narrativa se desenvolve, as condições precárias de Leonard comovem as irmãs que passam a tentar ajudá-lo de todas as formas. É nesse momento que os conflitos entre as classes baixas e médias iniciam-se no romance e as personagens participam de eventos que conectarão suas vidas. Subtrai-se assim o contexto psicológico, financeiro e social da vida de Leonard, obtendo esse perfil da sociedade proletária e suas características vistas na citação:

Ele sabia que era pobre e não o admitia, preferiria morrer ao confessar qualquer sentimento de inferioridade diante das pessoas ricas que encontrava. (...) Ele não era cortês como a maioria das pessoas ricas, nem tão inteligente, saudável e amável. Ele era mal alimentado. (FORSTER, 2007, P.43).

<sup>7</sup> O Novo Clube de Artes Inglês (NEAC) fundado em Londres em 1885 em que reunia artistas como Thomas Cooper Gotch, Frank Bramley, John Singer Sargent, Phillip Wilson Steer, George Clausen e Stanhole Forbes. (Tradução Minha). Disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/New\\_English\\_Art\\_Club](http://en.wikipedia.org/wiki/New_English_Art_Club)> acesso em 18 Maio de 2013.

<sup>8</sup> FORSTER, Edward Morgan. *Howards End*. USA: Signet Classics, 2007, p. 29.

A descrição da personalidade de Leonard Bast é vista como a recepção que os proletários tinham em relação aos burgueses. A baixa escolaridade e posição inferior denotam o sofrimento da classe. Ele era um pobre corretor de seguros em uma empresa chamada Porphyrion, Leonard é jovem e sonhador, aspira crescer profissionalmente, representando o verdadeiro protótipo da classe proletária. Apesar de sua baixa posição na sociedade e das excessivas horas de trabalho que desempenhava, ele desmedidamente buscava a cultura por meio da Literatura, Teatro e obras clássicas. Durante os intervalos, ele lia romances que culturalmente eram atrativos, entre as obras se destacam: (*The Ordeal of Richard Feverel*<sup>9</sup>, *Stevenson's Prince Otto*, *E.V. Lucas' Open Road*).

Essas leituras descritas por Leonard revelam o desejo de crescer profissionalmente, cumpre salientar que os livros mencionados pela personagem foram publicados por vários escritores que faziam parte das classes inferiores e que desejavam crescer a todo custo. As adversidades não param por aí e continuam na vida dele, na saída do concerto de ópera ele prefere caminhar a pé ao longo da Avenida Westminster Bridge (Ponte de Westminster) até a Estação Vauxhall, cuja distância é significativa distante. A descrição de sua aparência cansada e fraca sugere que ele estava debilitado por ter uma rotina constantemente exausta. Na Rua Camélia, local onde residia, Leonard usualmente olhava para a direita e à esquerda antes de adentrar em sua casa. Agindo assim, a personagem sugere que a vergonha e o sentimento de inferioridade eram constantes. Além disso, a região onde ele vivia era muito desvalorizada. Sabe-se que Vauxhall era considerada uma periferia nos arredores de Londres. Leonard residia em um bloco de apartamentos em um piso inferior.

A descrição física da residência de Leonard Bast em contraste com a bela *Howards End* reflete geograficamente duas vertentes, o estilo de vida que os ricos tinham e as mazelas vividas pelos trabalhadores. O autor aponta essas transformações na arquitetura dos prédios a fim de contextualizar minuciosamente o ambiente geográfico com as construções que aconteciam, os blocos de apartamentos construídos com tijolos extremamente baratos, a localização do bairro e a demolição de outros apartamentos em uma rua mais adiante fazem alusão ao antigo em contraste com o novo. Leonard residia no bloco B e ao invés de subir, descia para a parte inferior dos apartamentos conhecida como *Basement* (porão) próximo de ferroviárias. Essas informações denotam que a economia estava se consolidando a cada dia. Vários edifícios eram demolidos e novos eram construídos. Londres passava por um período de completa transformação. Jacky Bast, companheira de Leonard, é descrita como uma mulher sem cultura totalmente dependente de seu namorado. Ela usa joias baratas e um chapéu cafona em sua cabeça. Além de não contribuir financeiramente nas despesas com seu namorado, ela não se interessa em ler ou procurar um trabalho. Ela é a esposa perfeita com as mesmas condições financeira e ambos fazem alusão às suas realidades.

Apesar das condições precárias em que se encontrava, Leonard buscava ter acesso à educação e procurava frequentar teatros e concertos quando eram ofertados ao público. Eram nesses eventos que o jovem comparecia e buscava se socializar com os membros burgueses. Em um concerto de ópera, A união momentânea entre Leonard e Helen Schlegel consolida a ideia de união do autor. Apesar de Helen Schlegels pertencer a classe superior, decide ter uma relação com Leonard que culmina com a gestação de

---

<sup>9</sup> Robert S. Baker: *The Ordeal of Richard Feverel, A psychological Approach of Structure*. Studies in the Novel. University of Texas, 1974. A obra foi criticada por conter repetições supérfluas de mulheres no romance. (Tradução Minha).

um bebê. Apaixonada por Literatura, Artes e relações Humanas, ela se assemelha com Leonard culturalmente, eles leram diversos romances e constantemente citam trechos um para o outro. Identicamente a sua irmã Margareth, ela representa o idealismo e a cultura da família Schlegel, características básicas da classe burguesa.

Forster reconstrói o cenário perfeito para a compreensão do leitor em relação ao estilo de vida de ambas as classes sociais. Os aspectos sociais, financeiros e intelectuais deixam de ser barreiras para o desenvolvimento das relações interpessoais. O antagonismo das personagens surge após a morte da matriarca da família Wilcox. O egoísta Charles Wilcox arquiteta destituir Margareth da herança e não transmite o desejo de sua mãe. Daí por diante, Margaret e Henry Wilcox gradualmente desenvolvem uma amizade que os aproximam cada vez mais. Henry disponibiliza *Howards Ends* como moradia provisória a Margareth enquanto ela se ausenta de seu apartamento.

Ela e Henry casam-se e ambos planejam residir na residência. Após a união entre Evie e Percy Cahill, os Wilcoxs celebram uma festa de comemoração quando subitamente Helen e os Bast comparecem. Helen, indignada por ver o amigo Leonard desempregado após pedir demissão do emprego por influência do Henry, profere insultos e indignações na cerimônia. Seja como for, os conflitos interpessoais aumentam, elevando assim a tensão do romance. Leonard confessa à Margaret a relação que teve com Helen e vai a *Howards End*, Charles ao encontrar Leonard enfurecido o agride uma espada matando-o. Charles é sentenciado e ambas as irmãs passam a residir na residência com a nova criança na residência. O desfecho dos atos de Charles mostra que a justiça deve sobrepujar as mazelas sociais, a partir daí, surge o questionamento sobre quem realmente dominara a Inglaterra, haja vista que as irmãs Schlegels representam a classe estrangeira no país que decidem viver no país. Filhas de um alemão casado com uma inglesa, elas são os protótipos de cidadão londrino. Forster define Londres como um país cosmopolitano em que a maioria de sua população descende de outras partes do exterior, miscigenando assim a cultura, a sociedade e a língua. As repetições de Leonard Bast sobre (*Music and Meaning*) Música e Significado refletem a importância que essas palavras demonstram no romance. Nesse período o acesso à educação era privilégio dos ricos e com excessivas horas de trabalhos tornava-se praticamente impossível estudar. Q. D. Leavis afirma que eram o teatro<sup>10</sup> e música que estavam em voga entre os séculos XVI e XVII. A educação não detinha tanto prestígio assim e o ensino educacional era bastante sumário e não havia diretrizes que norteassem a educação. Cumpre lembrar que (AUSTEN, 2010) em *Northanger Abbey*<sup>11</sup> reforça a ideia de que a música e o teatro destacavam-se na Inglaterra quando descreve por meio da sua personagem Catherine Morland que vai a Bath<sup>12</sup> e vivencia o glamour da sociedade Inglesa da época.

Logo, a única forma de ascensão social era mediante o teatro e os estudos de obras clássicas como Literatura e Artes. Segundo Watt<sup>13</sup>, embora houvesse oportunidades de aprender a ler, não havia um sistema educacional propriamente dito. Quanto disponível, o ensino era irregular e esporádico demais para que os pobres pudessem aprender alguma coisa, isso quer dizer que, as chances da classe proletária crescer eram raríssimas. Apesar destas dificuldades, Leonard parece não se importar com o futuro e constantemente busca melhorias por meio da Literatura e Arte.

<sup>10</sup> Leavis, Q. D., *Fiction and the Reading Public*, Londres: Penguin, 1979, p. 77.

<sup>11</sup> AUSTEN, Jane: *Northanger Abbey*, São Paulo: LandMark, 2010, p. 13.

<sup>12</sup> Conhecido como SPA. Bath é uma estância termal ao sudoeste da Inglaterra. “Pump Room” é um conjunto de piscinas de águas termais, construído no começo do século XVIII.

<sup>13</sup> Watt, Ian. *A Ascensão do Romance*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1996, p. 37

Por fim, a união entre as classes sociais proposta pelo autor é a mensagem que ecoa na maioria dos seus romances. É interessante mencionar a contextualização que Forster traz em *Howards End* entre o rico e o pobre, entre a cultura e a ignorância, entre o música e arte. Os trabalhos do romancista são verdadeiras fortunas de aprendizagem educativa conforme diz “E. M. Forster é para mim o único romancista atual, pode-se ler e reler e após cada leitura, me dá o que os escritores nos dão após o primeiro dia de leitura, a sensação de ter aprendido algo.” (SARKER, 2007, p.1). **Tradução minha.**

## REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane: **Northanger Abbey**. São Paulo: LandMark, 2010, p. 13.

FORSTER, Edward Morgan. **Howards End**. USA: Signet Classics, 2007, p. 29

\_\_\_\_\_. **A room with a view**. London: Penguin, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Passage to India**. London: Everyman's Library, 1992.

HARRINGTON, Petter: **Plassey 1757 Cliver of India's Finest Hour**. London: Osprey publishing, 1994.

HOBSBAWN, Eric J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2009.

LEAVIS, Q. D. **Fiction and the Reading Public**. Londres: Penguin, 1979, p. 77.

MARX, Karl: **O Capital Crítica da Economia Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MALLESON, George Bruce. **The Decisive Battle of Índia. From 1746 to 1819 inclusive**. London: University of Michigan Library, 2013.

MINICUCCI, Agostinho. **Relações Humanas Psicologia das Relações Interpessoais**. São Paulo: Atlas, 3ª edição, 1982.

ROBERT S. Baker: *The Ordeal of Richard Feverel*, **A psychological Approach of Structure**. Studies in the Novel. University of Texas, 1974.

SARKER, Sunil Kumar. **A Companion to E. M. Forster Volume I**. India: Atlantic, 2007.

WATT, Ian. **A Ascensão do Romance**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1996. p. 37.

# NORMAS DE PUBLICAÇÕES

---

ETHOS & EPISTEME (Revista de Ciências Humanas e Sociais da Faculdade Salesiana Dom Bosco / FSDB – ISSN nº 1809-0400) aceita trabalhos inéditos sobre assuntos atuais e relevantes para a discussão de questões relacionadas às Ciências Humanas e Sociais (Filosofia, Educação, Sociologia, Antropologia, Serviço Social, etc).

## NORMAS PARA ENVIO DE MATERIAL PARA AS SEÇÕES DA REVISTA ETHOS & EPISTEME:

ETHOS & EPISTEME recebe textos para publicações em três modalidades : Artigos, resenhas e resumos (Tendências, relatos de experiências, reflexões pedagógicas ) cada uma com sua especificidade.

### 1) Artigos

A apresentação de artigos, com, no máximo 25 laudas, deverá obedecer a seguinte seqüência (não devendo ser inferior a 12 páginas):

- Título do artigo;
- Nome(s) completo(s) do(s) autor(es); suas credenciais e local de atividade, incluindo – endereço, telefone, fax (do trabalho e residencial), e e-mail para contato;
- Resumo indicativo em Português e Inglês, conforme, NBR-6028, de 1990, da ABNT, com 200 a 250 palavras cada um e espaço interlinear simples;
- De 3 a 5 palavras-chave em Português e Inglês;
- O texto principal, indicado, quando for o caso, os locais de inserção de ilustrações (quadros, fotos, mapas, modelos, etc.) e as indicações numéricas, entre parênteses [exemplo: (2)] para as notas, quando existirem; (Recomenda-se evitar as notas de rodapé);
- Referências em ordem alfabética, conforme ABNT, NBR-6023(2002).

### Exemplos:

#### a) Livros:

HEEMANN, Ademar. **Natureza e ética: dilemas e perspectivas educacionais**. Curitiba: UFPR, 1993.

#### b) Capítulo de livro:

RUSSOMANO JR, Victor. Direitos e deveres do empregado e do empregador. In: MAGANO, Otávio Bueno (Coord). **Curso de direito do trabalho**. São Paulo: Saraiva, 1985, p. 235-291.

#### c) Artigos de periódicos:

GODIM, Maria Augusta Drumond Ramos. Teorias de aprendizagem: uma iniciação ao estudo, **Educação e Compromisso**, Terezina, v. 1, n. 1-2, p. 23-25, jan./dez. 1989.

#### d) Tese/dissertação:

JANTSCH, Ari Paulo. Pequeno agricultor e racionalidade educativa. 1997, 333 f. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, Piracicaba, 1997.

#### e) Artigo de jornal:

FROTA-PESSOA, Osvaldo. Sociologia: o fator genético. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 mar. Caderno 5, p. 27.

**f) Em meio eletrônico:**

ALVES, Maria Bernardete Martins; ARRUDA, Suzana Margareth. *Como fazer referências: bibliografias eletrônicas e demais formas de documentos*. Disponível em: <<http://www.bu.br/framerefer.htm>>. Acesso em, 28 nov. 2001.

**Anexos ao texto:**

Recomendamos evitar os anexos e propô-los somente quando estritamente necessários para a compreensão do texto apresentado.

**Notas:**

Pede-se que as notas não ultrapassem a média de 3,5 linhas por página, que sua numeração obedeça rigorosamente às indicações do texto e que sejam digitadas ao pé da página pelo recurso de inserir notas do WORD.

As *ilustrações*, quando existirem, devem ser produzidas obedecendo ao seguinte:

- a) **MATERIAIS GRÁFICOS:** fotografias nítidas e gráficos (estritamente indispensáveis à clareza do texto) poderão ser aceitos e deverão ser assinalados, no texto, os locais onde devem ser intercalados, pelo seu número de ordem. Se as ilustrações enviadas já tiverem sido publicadas, mencionar a fonte e a permissão para reprodução;
- b) **QUADROS:** os quadros deverão ser acompanhados de cabeçalho que permita compreender o significado dos dados reunidos, sem necessidade de referência ao texto. Indicar no texto, pelo seu número de ordem, os locais onde os quadros devem ser inseridos.

**Citação de autores:**

Conforme NBR 10520 de julho de 2001. Devem ser feitas no corpo do texto (autor-data). As entradas pelo sobrenome do autor/virgula/data ou autor/virgula/data/virgula/página podendo ser na forma direta ou indireta. Por exemplo:

Silveira (1999, p. 20) descreve: “o estudo das [...] ciências” ou  
“Artigos são os trabalhos aprovados [...] revista”. (FRANÇA, 200, p. 51)

As citações diretas, no texto, de até três linhas, devem estar contidas entre aspas duplas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.

As citações diretas, no texto, com mais de três linhas, devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem aspas. No caso de documentos datilografados, deve-se observar apenas o recuo. Exemplo:

A teleconferência permite ao indivíduo participar de um encontro nacional ou regional sem a necessidade de deixar seu local de origem. Tipos comuns de teleconferência incluem o uso da televisão, telefone, e computador. Através de áudio-conferência, utilizando a companhia local de telefone, um sinal de áudio pode ser emitido em um salão de qualquer dimensão. (NICHOLS, 1993, p. 181).

Devem ser indicadas as supressões, interpolações, comentários, ênfase ou destaques, do seguinte modo:

- a) supressões: [...]
- b) interpolações, acréscimos ou comentários: [ ]
- c) ênfase ou destaque: grifo ou negrito ou itálico.

## 2) Tendências

Serão aceitos textos sobre temas inovadores com o objetivo de promover discussões interdisciplinares. Os originais deverão ter, no máximo, 3 laudas.

## 3) Relato de Experiências

Curtos relatos de experiências vivenciadas por pessoas em situações de convivência em instituições educativas. Os originais deverão ter, no mínimo, 3 laudas.

## 4) Reflexão Pedagógica

Textos originados de trabalhos desenvolvidos por acadêmicos de cursos de Filosofia, Normal Superior, Pedagogia, Serviço Social, Sociologia, etc, nas diversas disciplinas (monografias, relatórios de estágio, ensaios, etc.). Os originais deverão ter, no mínimo, 3 laudas.

## 5) Resenhas

- Serão aceitas resenhas críticas de livros, com informação completa da fonte resenhada;
- Os originais deverão ter, no máximo, 12 laudas;
- ETHOS & EPISTEME está aberta para colaborações, mas reserva-se o direito de publicar ou não o material espontaneamente enviado à redação. Os artigos assinados são da responsabilidade de seus autores;
- O parecer sobre a aceitação ou não dos originais será comunicado ao autor, ou ao primeiro quando forem mais de um, não se obrigando a ETHOS & EPISTEME a devolver os originais a ela enviados;
- Todo trabalho aceito será submetido a uma revisão; caso o texto exija modificações substanciais, será devolvido ao autor para que ele mesmo as faça.

ETHOS & EPISTEME não remunera os autores que tenham seus artigos nela editados, porém lhes envia três exemplares da edição em que seu(s) texto(s) for(em) publicado(s). No caso de artigo assinado por mais de um autor, serão enviados seis exemplares.

**IMPORTANTE:** Os modelos de artigos e resumos encontram-se no site da FSDB: [www.fsdb.edu.br/revistaethos&episteme](http://www.fsdb.edu.br/revistaethos&episteme)



FACULDADE SALESIANA  
DOM BOSCO  
MANAUS - AM

A correspondência e o material para publicação deverão ser encaminhados à:

**REVISTA ETHOS & EPISTEME**

Endereço – Faculdade Salesiana Dom Bosco  
Rua Epaminondas, 57 – Centro – CEP: 69.010-090  
Manaus – AM

Telefones: (92) 2125-4690/4622

Fax: (92) 2125-4647

E-mail: [ethosfsdb@gmail.com](mailto:ethosfsdb@gmail.com)

A revista Ethos e Episteme abre novas possibilidades alternativas e inovadoras do registro científico e acadêmico do processo de produção do conhecimento em Ciências Humanas e Sociais.

O horizonte hermenêutico que ela propõe possibilita um distanciamento tal que lhe permite ousar na reflexão que pode ser estabelecida entre Ética e Conhecimento.

Sendo o Ethos uma ação e atitude de compromisso responsável para com o ser do outro, é orientador do sentido que deve ter o conhecimento produzido pela ciência. Isto quer dizer que o conhecer só faz sentido na direção de tornar a humanidade melhor.

Ethos e Episteme assume esse compromisso de permitir que o conhecimento seja disseminado e que a Ética possa ser balizadora dos saberes que devem ser construídos e divulgados a partir do compromisso com o BEM COMUM.

A Revista colocá-se à disposição de todos e todas que, produzindo conhecimento, possam divulgá-lo porque nos torna a todos melhores cidadãos e seres humanos mais comprometidos e completos.



FACULDADE SALESIANA  
DOM BOSCO  
MANAUS - AM

